



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

RAYRA ATSLEY CARVALHO LIMA

O OLHAR PORTUGUÊS SOBRE A MULHER AFRICANA: A
REPRESENTAÇÃO DA MULHER AFRICANA NOS BOLETINS DA
AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

PICOS-PIAUÍ

2017

RAYRA ATSLEY CARVALHO LIMA

**O OLHAR PORTUGUÊS SOBRE A MULHER AFRICANA: A
REPRESENTAÇÃO DA MULHER AFRICANA NOS BOLETINS DA
*AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR PORTUGUÊS***

Trabalho de Conclusão do Curso Licenciatura
Plena em História da Universidade Federal do
Piauí, apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Mairton Celestino da
Silva

PICOS-PIAUI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L7321 Lima, Rayra Atsley Carvalho
 O olhar português sobre a mulher africana: a representação da mulher africana nos boletins da *Agência Geral do Ultramar* Português / Rayra Atsley Carvalho Lima. – 2017.
 CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (132 f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2017.
Orientador: Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva

 1.Mulheres Africanas. 2.Boletins-Representação.
 3.Portugueses. I. Título.

CDD 305.409

RAYRA ATSLEY CARVALHO LIMA

**O OLHAR PORTUGUÊS SOBRE A MULHER AFRICANA: A
REPRESENTAÇÃO DA MULHER AFRICANA NOS BOLETINS DA
AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR PORTUGUÊS**

Trabalho de Conclusão do Curso Licenciatura
Plena em História da Universidade Federal do
Piauí, apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Mairton Celestino da
Silva

Aprovada em: 06/07/2017

Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva
Orientador - UFPI

Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira
Profª. Mª. Karla Ingrid de Oliveira
Examinadora Interna - UFPI

Rannyelle Rocha Teixeira
Ma. Rannyelle Rocha Teixeira
Examinadora Externa -

Drª Tatiana Raquel Reis Silva
Examinadora Externa - UEMA



AGRADECIMENTOS

Findo essa jornada com uma profunda gratidão àquelas pessoas que participaram, direta ou indiretamente, da realização deste sonho. Agradeço primeiramente a Deus por todas as bênçãos que me deste e por me fazer acreditar que sua fé era infalível para que esse sonho se concretizasse.

Aos meus pais, sei que palavras e agradecimentos nunca serão capazes de suprir toda a ajuda que a mim foi dada. Vocês são os pilares de toda a minha força, e a resistência durante noites mal dormidas, espero um dia conseguir retribuir todos os seus esforços. Obrigada por me acalmarem em todas as horas de desespero e aflições, vocês, sem dúvida, foram essenciais. Obrigada por todo o amor e dedicação. Vocês sempre serão meu maior refúgio. Mãe, sem a senhora essa caminhada teria sido muito mais difícil, é da senhora que vem toda a minha coragem. Pai, o agradeço por tudo, inclusive, por me aguentar em todas as agonias(risos). Obrigada por enfrentarem essa jornada comigo e por estarem do meu lado, mesmo quando não compreendiam. O amor de vocês sempre será fundamental para que minha vida tenha sentido. Amo vocês.

Meus avós é difícil mensurar a gratidão que tenho por vocês. As pessoas mais lindas da minha vida, em todos os sentidos. Vô Geraldo, obrigada pelo esforço desde o ensino fundamental para que eu tivesse um melhor estudo, jamais me esquecerei disso. Vó Gracinha, como fazer um agradecimento sem lembrar-se da senhora?! A quem eu compartilho todos os momentos da minha vida, quem está lá sempre para segurar na minha mão e me dar forças. Sua infalível determinação de não medir forças para ajudar seus filhos/netos é inexplicável. Obrigada por toda a compreensão e confiança a que me deposita. Vô Edson (Duson), em meio a tantos gestos e amor o senhor reluz. Um sorriso, uma força, mas, sobretudo, uma sensibilidade ao se referir à família. O senhor é exemplo de todos que te rodeiam. Obrigada pelo carinho e força dada. Vó Expedita, que tua fé e conhecimento sejam sempre suas maiores características, teu coração enorme faz com que seja a base da vida de tantas pessoas, que nem a senhora imagina. Minha gratidão pelos princípios ensinados por vocês é eterna. Vocês são meus maiores exemplos de amor e força.

Dandara, acho que você vai ficar muito feliz em saber que seu nome está aqui(risos). Agradeço a você, minha pequena, por toda a força que me deu. Desde o

início me viu passar por momentos bons e ruins, e sempre se fez presente em todos. E quando eu menos esperava você estava lá, me abraçando ou dizendo “vai dar certo”.

A toda a minha família, principalmente tios e primos, por contribuírem para o fim desse sonho e se fazerem presente, nos momentos difíceis e por participarem dos momentos felizes. Aqui em especial, quero externar minha gratidão, principalmente aos meus primos, por compreenderem todos os momentos dessa etapa e por contribuírem de alguma maneira. Como também não poderia deixar de agradecer a minha tia/amiga Janaina Keyla, que desde a minha existência procurou me tornar uma pessoa melhor, a senhora sabe o quão foi crucial em todo esse caminho, muito obrigada pelo auxílio e por me tirar de casa nos momentos que mais precisava. Meu muito obrigada, eu amo vocês.

Aos meus amigos, agradeço pelas palavras e por muitas vezes serem o refúgio, e por toda confiança. Àqueles que sofreram ou não as mesmas aflições, àqueles que me fizeram por meio de minutos esquecer as coisas da Universidade, tenho muito o que agradecer. Obrigada por estarem presentes na continuidade desse sonho e por todo o esforço de serem os melhores amigos. Em meio a todos, queria em especial, agradecer a minha amiga/irmã Ingrid Nogueira, pois foi ela que desde o início(antes mesmo de ingressar a Universidade) que esteve ali, me dando força e participando das minhas escolhas e que mesmo distante(km) se fez tão perto. Agradeço aos meus amigos de longas datas e também os da UFPI, sobretudo, a minha turma. E sem medir esforços, quero também agradecer, ao meu grupinho, estes que desde o começo dessa jornada estiveram comigo, com vocês aprendi que a união nos deixa mais forte. Que nosso elo só fortaleça e que junto a ele, o respeito e os afetos permaneçam. Vocês foram amizade/família, e, sobretudo, irmandade.

Aos professores, sobretudo, os que mais estiveram presentes nessa caminhada, agradeço aos ensinamentos transpassados e os afetos, serão indispensáveis em toda a minha caminhada. Ao professor Dr. Raimundo Nonato de Lima dos Santos, minha gratidão pela amizade que foi formada durante o convívio no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência(PIBID), experiência da qual amadureci e adquiri muito conhecimento, muito obrigada por toda sua confiança. Aos professores, Dr. Mairton Celestino da Silva e ao Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe, pela integração ao Núcleo de Pesquisa e Documentação em História(NUPEDOCH), onde obtive um grande conhecimento sobre documentos eclesiásticos e que firmei muitas amizades. Ao prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro, um grande profissional, um professor autêntico que auxiliou nas supervisões do estágio e que transmitiu experiências

indispensáveis para a conclusão desse curso. Ao Dr. Fábio Leonardo, na qual firmei uma amizade, obrigada pelos afetos durante esses anos de amizade, por ter fortalecido e estado nos momentos em que precisamos.

Aos membros da banca examinadora da monografia, gostaria de manifestar meus agradecimentos à professora Dr^a Tatiane Reis e à Professora Msc. Rannyelle Rocha por se mostrarem dispostas a lerem e contribuir com a pesquisa. Queria agradecer também às professoras Ma. Karla Íngrid de Oliveira – integrante da banca - e Ma. Mona Ayala por terem sido precursoras no meu amadurecimento e interesse de trabalhar e militar com as questões de Gênero.

Esse agradecimento não poderia acabar sem minha imensa gratidão aos meus orientadores: TCC I, que foi conduzido pela professora Ma. Karla Oliveira, obrigada pelo auxílio, a força, e, sobretudo, por confiar em mim. No TCC II, em que fui norteada pelo Dr. Mairton Celestino, obrigada pelo conhecimento passado sobre o que percorre todo meu TCC, território pelo qual me apaixonei. Obrigada também pelo apoio desde o começo desse trabalho, pela paciência, pelo conhecimento passado durante esse estudo, e, sobretudo, pelo enjoe(risos). Minha gratidão a vocês é enorme, muito obrigada pelas sugestões bibliográficas, pelo companheirismo, e por acreditarem que eu poderia conseguir.

RESUMO

A história africana por muitos anos foi relatada pelos colonizadores, como detidas de pessoas bárbaras, pecadoras, inferiores e que disseminavam o mal. O que pode ser notado no decorrer das representações que traremos a diante, é que o emprego desses discursos foram provados pelos interesses econômicos, políticos e culturais. Sendo assim, o presente trabalho permeia sobre a representatividade da mulher africana diante dos discursos produzidos pelos portugueses no *Boletim Geral das Colônias*, entre os anos de 1929-1970, com o intuito de refletir sobre as relações existentes através desse convívio e como foi perpassada a visão do colonizador como eminentemente preciso. Esse instrumento de comunicação, que são os boletins e as fotografias, serviram de fontes para que analisássemos a sobreposição portuguesa, através do ideal necessário de civilização, que está presente ao longo da integração da igreja católica e dos costumes repassados pelos portugueses. Com isso, iremos mostrar que os colaboradores desses artigos, ao falar sobre as mulheres africanas, acabavam por descrever estas como indivíduos submissos ao homem, principalmente seu pai ou marido. E que por não terem sua própria autonomia deviam aliar-se aos ensinamentos dos colonos, para que tornassem mulheres livres e mais satisfeitas. Além disso, traremos várias fotografias usadas pelos europeus para discutir o poder e a utilização dessas fontes imagéticas como instrumento do real que se pretendia exhibir aos olhos do ocidente uma mulher africana ora erotizada, selvagem e/ou “incivilização”.

Palavras-chave: Mulheres, Africanas, Boletins, Representação, Portugueses.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem1:.....	20
Imagem2:.....	68
Imagem3:.....	70
Imagem4:.....	75
Imagem 5:.....	77
Imagem 6:.....	81
Imagem 7:.....	82
Imagem 8:.....	84
Imagem 9:.....	86
Imagem 10:.....	91
Imagem 11:.....	92
Imagem 12:.....	93
Imagem 13:.....	94
Imagem 14:.....	95
Imagem15:.....	96
Imagem 16:.....	97
Imagem 17:.....	98
Imagem 18:.....	100
Imagem 19:.....	101
Imagem 20:.....	102
Imagem 21:.....	103
Imagem 22:.....	104
Imagem 23:	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:.....	55
Tabela 2:	56
Tabela 3:	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.0 O BOLETIM GERAL DAS COLÓNIAS: A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE AS MULHERES AFRICANAS	22
1.1 O GOVERNO DE SALAZAR E A AÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS	22
1.2 AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES AFRICANAS E A VISÃO DO OUTRO	25
2. COMO SÃO RETRATADAS AS MULHERESAFRICANAS NO ÁLBUM MOÇAMBICANO LOCALIZADO NO BOLETIM GERAL DAS COLÓNIAS	61
2.1 FONTE IMAGÉTICA: A FOTOGRAFIA, A INTERPRETAÇÃO E O IDEAL DE REAL	61
2.2. O PROGRESSO E O ATRASO NA PERSPECTIVA EUROPEIA: AS INCOMPREENSÕES EM RELAÇÃO AO OUTRO	64
2.3 IMAGENS QUE MOSTRA A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER AFRICANA DOS DISTRITOS DE MOÇAMBIQUE	72
3."PRETA TAMBÉM SER GENTE": O OLHAR EUROPEU E A EROTIZAÇÃO DA MULHER AFRICANA.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
A) BOLETINS DO ULTRAMAR.....	133
B) LIVROS, TESES E ARTIGOS.....	133

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado a seguir temo intuito de refletir, acima de tudo, sobre as representações das mulheres do continente africano produzidas, em sua maioria, pelos portugueses e publicadas através de artigos no *Boletim Geral das Colónias*. Para que o trabalho seja melhor sistematizado, resolvemos restringir os ambientes de análise, focando especificamente em imagens produzidas em Moçambique, Angola e Guiné. É de suma relevância descrevermos vastas fontes que permeiam o *Boletim da Agência Geral das Colónias*¹, como também os acessos a tais documentos. Sendo assim, Rannyelle Teixeira² em sua dissertação de mestrado explica que:

A Agência Geral das Colónias foi fundada em 30 de Setembro de 1924, na dependência da Direção Geral dos Serviços Centrais do Ministério das Colónias, “com funções de procuradoria dos governos coloniais e de informação junto da opinião pública metropolitana e ultramarina” (CASTELO, 1999: 62). Visava, portanto, preencher uma lacuna de informação e de divulgação sobre as colónias no período final da Primeira República. A criação deste departamento de propaganda justificava-se pelo desenvolvimento dos meios de comunicação nos primeiros anos do século XX, renunciando já o que haveria de ser a sociedade de informação, umas décadas depois desse evento.³

Em um trabalho devemos delimitar o tempo percorrido para que consigamos chegar a um melhor ponto de articulação, sendo assim, o período almejado nessa produção é de 1929 a 1970, pois durante o presente estudo, o *Boletim Geral das Colónias* e o álbum de fotografias que descreve as colónias de Moçambique foram, em outras palavras, os fatores cruciais para analisar as representações das mulheres africanas. Em decorrência do riquíssimo acervo de artigos publicados e diante do tema proposto, iremos analisar apenas os anos de 1929 a 1970 tendo conforme o motivo relevante, o regime político que traria Antônio de Oliveira Salazar como detentor de uma Constituição em que:

¹ LINK: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/BGC.aspx>

² TEIXEIRA, Rannyelle Rocha. *A representação dos povos autóctones africanos no Boletim Geral das Colónias (1933-1945)*. Faculdade de Letras da Universidade de Porto. 2016.

³ Ibidem, p. 18.

um governo corporativo, forte e intervencionista, com leis trabalhistas e proibição de greves, cultivando alianças com a Igreja Católica, constituindo-se num regime autoritário católico. Sua gestão era resistente às mudanças econômicas, confinando Portugal a padrões tradicionais e centrados nas atividades agrícolas, com uma política econômica avessa à industrialização, considerada a causa dos conflitos de classe (SECCO, 2004; PINTO, 1994; TORRALBA, 2009; MATTOSO, 1998 apud MATOS, 2017, p.02)

Sendo assim, via-se cada vez mais a necessidade explorar os colonizados para torná-los mão-de-obra e produtores de um maior desenvolvimento de atividades agrícolas. Governo este, que prevalecia em conjunto com o autoritarismo e o nacionalismo, procedimentos que iremos notar diante da fundamentação do primeiro capítulo.

A importância de amadurecer os trabalhos sobre a África é de suma relevância, sobretudo, para desmistificar o olhar ocidental sobre esse território. “Alguns desses trabalhos levam por diante certas tentativas africanas no sentido de pensar, repensar ou simplesmente compreender a filosofia ocidental, bem como no sentido de uma apropriação, por assim dizer, das tradições de pensamento não-africanas.”⁴. Assim o que pretendemos não é dar continuidade a esses costumes estereotipados sobre como seria à África, mas sim, possibilitar um maior discernimento sobre esses povos africanos, obtendo uma maior análise sobre seus costumes, e como estas são representadas e reproduzidas pelos povos às quais mantem contato.

Vale ressaltar que esse trabalho foi modificado, inicialmente o propósito trazido nessa obra era o de refletir sobre o casamento de garotas jovens, e como o ideal desse momento era perpetuado, contudo, mostrando também, a imaginação de um modelo de casamento. Ou seja, a interpretação do papel de dona do lar e cuidadora da família, onde as jovens, em sua maioria, veem isso como uma contradição do desejado. Pois a princípio muitas garotas almejavam sair das casas dos seus pais e obter “a liberdade” desejada, contudo, durante o casamento/amasiamento ainda era perceptível a existência de um limite entre a vida e a liberdade, dessa forma, iríamos notar até onde a imaginação de um casamento perfeito se fazia presente e como o entusiasmo matrimonial era rompido.

⁴HOUNTONDJI, Paulin J. *Conhecimento de África, conhecimento de Africanos*: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos, 2008, p. 155.

Para, além disso, iríamos abordar a relação da família com o casamento dessas moças, pois muitas eram pressionadas a se casarem, pelo fato, de encontrarem-se grávidas, o que ainda é consolidado nos dias atuais. Para algumas pessoas essa realidade é antiga, contudo, é muito recorrente. Pois a sociedade ainda segue e impõe padrões que devem ser estabelecidos, como a dignidade e a honra da mulher a sua família.

Contudo o trabalho foi alterado e o decurso das abordagens de obras pertinentes agora passa a mostrar a necessidade de entender diversos vieses no estudo de mulheres, e através dos mesmos tornar maduro o senso crítico sobre a história das mulheres africanas. A constituição de pensamentos tradicionais europeus determina como a mulher africana deve fazer para tornar-se uma moça “civilizada”, e de que a mesma para se tornar “moderna” não deveria aceitar práticas como a poligamia, na qual infringe o ideal de modernidade e a torna uma mulher “mercadoria”. Assim tentaremos construir uma análise em correspondência das relações de poder notáveis nos artigos, que serão colocados no decorrer da construção desse trabalho, com o propósito de permear a consciência de que a mulher era condicionada a ter uma missão e que essa devia ser colocada em prática no transcorrer da sua vida, sendo assim, expor e trabalhar através dos moldes tratados pela sociedade “civilizada”.

Um estudo sobre a África e, sobretudo, as mulheres, que não só é importante como crucial, pois cada dia é enxergado o quão a violência, seja ela, física, verbal, psicológica ou sexual, desestrutura todos os dias a vida de indivíduos, e como é elevado o número de ações brutais dentro das relações de um ser que se reconhece como superior ao outro. Assim, estes normatizavam e constroem um direito de construir o padrão que deve ser seguido, reprimindo a subversão do outro, como vamos perceber diante dos artigos.

Assim traremos, com uma maior ênfase, a imagem da mulher africana, esta reproduzida pelo olhar do outro. Previamente, temos de lembrar que o principal objetivo desse trabalho, norteia a respeito do fortalecimento da elaboração de debates, sobretudo, sobre a relação entre os portugueses e os africanos, inclusive com as mulheres, e como discurso produzido é usado para justificar as práticas que iremos falar mais adiante.

A nova historiografia tenta romper com as interpretações estruturalistas e espera desvendar a agência humana daquelas pessoas com um acesso limitado ao poder, tais como escravos, mulheres ou

negros livres e, por isso, teve a possibilidade de investigar novas direções.⁵

Desse modo, mostraremos como as relações de poder são produzidas com um determinado interesse, nesse caso, realizado pelos Portugueses, que tem o propósito de mostrá-los como seres instruídos de conhecimento e poder. Assim passaram a mencionar argumentos que os afirmavam seres encaminhados pelo divino com o intuito de prosseguir o que foi repassado. Por conseguinte, realizar a salvação dos demais povos, que necessariamente deveriam ser ensinados, para que o contato servisse de base para as devidas transformações das práticas consideradas incivilizadas ou demonizadas.

A Europa plantou sua “memória no método”. Partindo de um conhecimento original obtido dos “nativos”, a Europa o recondicionou como fonte de controle. Os dados passaram a ser codificados em uma língua estrangeira e, ao mesmo tempo, a ser rotulados como “dados primários”. Ao longo do tempo, as idéias podem-se perder na língua original, e o nativo torna-se colonizado na memória do estrangeiro. A forma como o conhecimento é produzido passa a ser controlada, moldada pela visão de mundo do colonizador.⁶

Como nota-se na citação acima estudar as formas de controle, como elas eram aplicadas e suas consequências são, indubitavelmente, importantes para a compreensão das sociedades do século aqui discutido. As interpretações produzidas através dos objetivos específicos dos colonizadores trazem um meio de modelar e perpetuar os seus desejos. Assim, em meio a uma conversa com um professor sobre o anseio de pesquisar as mulheres africanas, foi-me indicado a análise de um site que continha diversos boletins. Ao manter contato com os mesmos rapidamente norteou-se o interesse de estudar as representações trazidas nos discursos desses boletins portugueses, ou seja, as características dessas mulheres, seus comportamentos, as relações das mesmas com suas culturas, como também com a cultura europeia, com a igreja e os valores que eram ensinados nas comunidades com o discurso de “papel” da mulher.

O estudo das mulheres é mais recente do que se imagina, durante o século XIX não se achava ou até mesmo não tinha devido interesse de encontrar uma forma de

⁵SCHWARTZ, Stuart. B. *A historiografia dos primeiros tempos do Brasil moderno*. Tendências e desafios das duas últimas décadas. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 175-216, jan./jun. 2009. p. 196.

⁶FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 22.

estudá-las, contudo, posteriormente, foi percebido que era possível averiguar e estudar as mesmas, fosse através de cartas, documentações de divórcio, diários, livros de memórias, testamentos, batizados e, sobretudo, boletins, aos quais irão compor esse trabalho. Assim traremos o protagonismo feminino diante desses documentos produzidos por homens e mulheres do Ocidente, que acabaram por nortear as culturas desenvolvidas pelas mulheres africanas, no entanto, sobre o viés ocidental.

Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão de silêncio: o silêncio das fontes. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam seus vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra.⁷

Se as mulheres brancas eram silenciadas tanto no meio social em que viviam como também pela própria visão que era reproduzida sobre seus direitos e deveres, imagine as mulheres negras, sobretudo, as africanas, que demoraram a ser consideradas seres humanos e importantes. Além disso, devemos lembrar que os “discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas a viam ou sentiam.”⁸

Para, além disso, “devemos também divorciar-nos completamente das definições masculinistas de Estado e sociedade que desqualificam mulheres, crianças, camponeses e áreas rurais.”⁹ Por isso o interesse de trabalhar a história das mulheres africanas. Assim no primeiro capítulo terá como ênfase as representações das mulheres africanas escravas ou não, dessa maneira, ressaltaremos a visão dos portugueses com o outro,

⁷ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*/ Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. – 2. Ed, 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016. p. 17

⁸ *Ibidem*, p. 22

⁹ FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 15

estritamente a mulher de cor¹⁰, como referenciada pelos portugueses, especificamente nos boletins.

Temos de estudar a sociedade vista de baixo e aprender com os marginalizados e despossuídos. Uma nação tem muitas faces e histórias, e todas elas devem ser consideradas. Não estamos ignorando as histórias vistas de cima, que são aquelas às quais emprestamos nossa atenção a maior parte do tempo, mas as histórias vistas de baixo são as vozes críticas que atenuam as idéias emprestadas. Temos focado aquelas forças e agentes externos que nos definiram, mas as Humanidades devem dedicar um tempo maior àquelas forças internas que nos conformaram e estabeleceram limites à modernidade imposta.¹¹

Em decorrência do contato desses povos de diferentes territórios, não somente disso, como também de culturas diversificadas, foi construído um viés e uma perpetuação de superioridade e direito de pôr o outro sob sua “tutela”. Onde o Europeutinha o “direito” de zelar pelo outro, além da ideia de mostrar que o seu próximo não era capaz de cuidar de si mesmo, uma vez que os dominadores associavam as culturas divergentes às suas, como subsídio para suas práticas de violência, repressão e exploração, tratando muitas vezes o outro com atitudes severas.

É importante ressaltar, que essas fontes que permeiam sobre a identidade africana devem ser cada vez mais apropriadas e utilizadas no meio acadêmico, por conter riquíssimos objetos que sistematizam e dialogam sobre a memória desses povos africanos, sendo assim, oferece debates e uma maior produção de conhecimento sobre suas culturas.

Hoje temos em África, nos diversos campos do meio acadêmico, comunidades científicas regionais, sub-regionais e nacionais. Temos universidades e centros de investigação, alguns deles muito bons. Temos excelentes cientistas e investigadores, alguns dos quais com carreiras muito bem sucedidas. Apesar de todo este progresso, contudo, ainda estamos muito longe de atingir aquele que consideramos ser o nosso objectivo final: um processo autónomo e autoconfiante de produção de conhecimento e de capitalização que nos permita responder às nossas próprias questões e ir ao encontro das necessidades tanto intelectuais como materiais das sociedades africanas. O primeiro passo nesse sentido seria talvez formular “problemáticas” originais, conjuntos originais de problemas estribados

¹⁰ Expressão utilizada pelos portugueses para referir as mulheres negras nos boletins, contudo, essa expressão hoje é bastante problematizada nos movimentos negros e vista como uma expressão preconceituosa.

¹¹FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 24

numa sólida apropriação do legado intelectual internacional e profundamente enraizados na experiência africana (Houtondji, 1988b, 1997, 2002, 2007).¹²

Como afirma o autor Paulin J Houtondji¹³, os estudos africanos não só podem como devem ainda ser discutidos, pois aos poucos as perspectivas sobre esses povos vêm sendo debatidas. Por muito tempo fomos levados a acreditar que os colonizadores eram os verdadeiros seres civilizados, e que muitos sofreram diante de indígenas e africanos. Estrangeiros trouxeram uma visão negativa sobre esses seres, os associando a animais por não seguirem ideais iguais aos seus, ou por não ter o mesmo raciocínio e atitude. Dessa forma, conseguiriam legitimar as suas práticas, sobretudo, a exploração. Por esse motivo, surgiu o interesse e curiosidade de aproximarmos dos estudos sobre as mulheres africanas durante esse trabalho, por saber da tamanha relevância e contribuição que o mesmo poderia provocar, essa que foi uma atividade despertada pelo professor que trabalha a disciplina que salienta o território africano.

O movimento da História Social na História do Brasil colonial foi ultrapassado, na década de 1990, por uma segunda leva de estudos que demonstraram descontentamento com predominantes interpretações que pareciam enfatizar conformidades, o poder do estado e pressões sobre ações humanas. Influenciados por abordagens mais recentes na Europa e por estudos de gênero, pela História das mentalités, pela etno-história e pela crítica literária e cultural, estudiosos no Brasil – como no resto do mundo – começaram a se voltar para temas como infância, corpo, sexualidades, linguagem, representações e identidades.¹⁴

A escolha de pesquisar as representações apenas sobre as mulheres tem como justificativa o fascínio pelo estudo de gênero, principalmente a história das mulheres, pois ainda vê-se a necessidade de tornar essas produções mais próximas e constantes na sociedade, como também o desempenho das desconstruções discutidas pelas mesmas, como o domínio do homem sobre a mulher, além da condição para ser feminina, entre tantas outras práticas recorrentes no dia a dia. Assim, foi tomado como ponto de partida antes mesmo do início do projeto do TCC, a afeição pelas leituras de gênero, e

¹²HOUNTONDJI, Paulin J. *Conhecimento de África, conhecimento de Africanos*: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos, 2008, p. 157-158

¹³Ibidem.

¹⁴SCHWARTZ, Stuart. B.A *historiografia dos primeiros tempos do Brasil moderno*. Tendências e desafios das duas últimas décadas. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 50, p. 175-216, jan./jun. 2009. p. 182.

posteriormente o deslumbre pela África, assim unimos no decorrer das análises de algumas leituras essas duas vertentes.

Não só temos, efetivamente, como estudiosos, uma série de temas que nos conectam às pessoas comuns (tais como lutas por sobrevivência básica, condições de trabalho, proteção ambiental e liberdades civis), mas os cidadãos da África enriquecem nossa compreensão da sociedade cotidianamente e nos habilitam a confrontar o poder mais vigorosamente, conferindo relevância a nosso papel de estudiosos e aos assuntos com os quais lidamos.¹⁵

Assim iniciou-se a junção desses dois assuntos, pela relevância e necessidade de obter mais trabalhos que norteiem a reflexão dos temas citados. Nesse sentido, durante as leituras é notória a carência de pesquisas que retomam sobre a importância das representações das mulheres africanas, e como isso tem grande necessidade para a compreensão de diversas culturas dentre os variados territórios.

Juntamente com a contínua e forte tradição de estudos sociais e econômicos da escravidão como uma instituição e dos escravos como atores humanos, a historiografia da escravidão continuou se expandindo. Assim sendo, a abordagem econômica e política dos historiadores brasileiros adquiriu uma dimensão atlântica.¹⁶

O estudo em foco possibilitará um maior conhecimento sobre Gênero e África, dois espaços que ainda precisam ser fortemente analisados. Sabemos que existem vários trabalhos que pesquisam esses temas, contudo, a pesquisa da mulher africana ainda é excepcional pelas vastas linhas que podem ser percorridas, entre estas suas religiões, práticas, as relações de poder através do contato com o homem europeu.

Ao analisarmos as representações das mulheres africanas no decorrer da *Agência Geral do Ultramar*, notamos a condução dessas mulheres como modelo de submissão, compreendida como indivíduos inferiores aos outros, em grande maioria, aos homens. Estas, levadas ao meio econômico para gerar pecúlio, denominadas através de uma relação com o universo bárbaro, sendo muitas vezes associadas à animais e como meio de objetificação. Mesmo que em alguns artigos isso seja colocado como algo negativo, os colaboradores procuravam, em sua maioria, mostrar que essas mulheres tinham ou

¹⁵FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 15

¹⁶SCHWARTZ, Stuart. B.A *historiografia dos primeiros tempos do Brasil moderno*. Tendências e desafios das duas últimas décadas. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 175-216, jan./jun. 2009. p. 192.

deviam se interessar pelo ensino dos portugueses, como meio de se distanciar das suas barbaridades.

As Humanidades devem recusar-se a se curvar diante do poder da repressão, usando o intelecto para criar alternativas positivas. Enquanto ensinamos e escrevemos, temos de expor os perigos do interesse particular para os interesses coletivos: a receita da educação não é estar comprometido com a promoção de interesses particulares estreitos, através dos quais os privilégios da elite se tornam a aspiração única e exclusiva. Muitos de nossos temas de estudo estão ligados a crenças (como no caso daqueles que se dedicam aos estudos da religião), mas não podemos deixar de advertir que crenças estão ligadas a estruturas políticas e econômicas, estratificação social e hierarquias de privilégios.¹⁷

Por esse motivo, surgiu a necessidade de propor uma reflexão sobre os discursos e as representações das mulheres africanas, nos Boletins Geral das Colônias. Ao escrever, deste modo, pretendemos analisar os comportamentos e as características sobrepostas para retratar essas mulheres, principalmente as indígenas africanas. No decorrer das leituras o pensamento de como escrever sobre essas mulheres é indescritível, e em conjunto com o mesmo vêm a interrogação de como escrever sem ao menos conhecê-los. Porém, com o desenvolver das pesquisas conforme o autor Hountondji “a linguística africana é entendida como o estudo de línguas africanas e não necessariamente um estudo feito por africanos.”¹⁸ sendo assim, através de pesquisas tornaria possível esse trabalho.

No segundo capítulo iremos trabalhar com as imagens dessas mulheres africanas. Ao analisarmos a *Agência Geral do Ultramar* tomamos conhecimento de que a mesma dispõe de fotografias, sendo assim usaremos essas imagens como fontes para entendermos as diversas abordagens sobre as formas que essas mulheres eram conduzidas nesses álbuns, através de suas características e representações daquele período. Dessa maneira, analisaremos essas fotografias para compreendermos os interesses particulares dos autores e, as práticas e culturas das africanas através das imagens, pois segundo Silva

a representação, por fim, seria associá-la à disseminação de imagens do outro (como as imagens representativas dos sujeitos histórico-

¹⁷FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 18

¹⁸HOUNTONDJI, Paulin J. *Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos*, 2008, p. 151

geográficos disseminados pela mídia, por exemplo). Nessa acepção, a representação pode, facilmente, vazar para a estereotipia. Aqui, a representação, como um gesto comunicacional, expõe a tensa relação entre o dizer e o interpretar. Ou seja, ao construirmos representações do outro, acabamos, sempre, por também os interpretá-los. Nesse sentido, por fim, a representação, como ato que não se descola das artimanhas do poder e da ideologia, é também uma questão vinculada às subjetividades; assim, as representações, por exemplo, de sujeitos históricos a partir das noções de etnia, classe e gênero são, do mesmo modo, construções de identidades.¹⁹

Iremos analisar essas fotografias, como meio de compreender os interesses particulares de quem as postou. Sendo assim, nesse segundo capítulo, discutiremos através de alguns autores como Ivan Gaskell, Jailson Pereira da Silva e Ivo Canabarro²⁰, escritores que trazem a relevância das imagens no papel da escrita do historiador, pois através das gravuras e diante da sensibilidade do escritor, podemos interpretar as relações entre os indivíduos, a sua representação social, a forma de se vestir e se portar, além da perspectiva econômica e política que também pode ser analisada através das mesmas. Segundo Ana Maria Mauad, existe algo bem mais além do que o que indivíduo analisa e o que a imagem tem por objetivo, pois esta pode ultrapassar o sentido da realidade.

Ou seja, as imagens são muito mais do que podemos ver nelas, é através das mesmas que tiramos nossas conclusões sobre as pessoas e determinados acontecimentos. As fotografias, muitas vezes, são utilizadas como ferramenta para a interpretação e até reflexão sobre algo. Por isso, no segundo capítulo analisaremos essas imagens, através do debate trazido pela autora Mauad²¹ por meio de compreender a utilização dessas imagens como atributos para as transformações do que era posto como o real das colônias, ou seja, trazer as formas que as mulheres se vestiam, as atividades

¹⁹ SILVA, Jailson Pereira da. *Imagens, representações e identidades: pela historicidade das fontes, conceitos e problemas*. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI. 2011. p. 7

²⁰ SILVA, Jailson Pereira da. *Imagens, representações e identidades: pela historicidade das fontes, conceitos e problemas*. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI. 2011; Ver também GASKELL, Ivan. *História e imagens*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1997; CANABARRO, Ivo. *Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações*. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, 2005.

²¹ MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: Fotografia e história interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98

que as mesmas realizavam, como maneira de discursar a preocupação dos portugueses e necessidade de civilizar essas mulheres africanas.

Sendo assim, esse trabalho é constituído por três capítulos. Na qual o primeiro remete a compreensão do discurso sobre as representações das mulheres africanas através do olhar europeu, em alguns boletins fixados na *Agência Geral do Ultramar*. Na qual vamos explicar um pouco sobre o governo de Salazar e suas técnicas de como se relacionar com o território africano. E, por isso, explanaremos sobre o olhar do Outro, ou seja, como os europeus viam as mulheres africanas. No seguinte capítulo, iremos debater sobre como essas mulheres expostas em um dos álbuns publicados também na Agência Geral das Colónias, que traz distritos de Moçambique. E por fim, realizaremos uma abordagem sobre a poligamia e a erotização da mulher negra, retomando ao imaginário ocidental de como era a mulher africana e algumas práticas recorrentes nessas regiões.



1.0 O BOLETIM GERAL DAS COLÓNIAS: A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE AS MULHERES AFRICANAS

1.1 O GOVERNO DE SALAZAR E A AÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

O salazarismo é intitulado como Estado Novo de Portugal, por ter um teor doutrinário, colonialista e acima de tudo tradicionalista, sendo assim, passa a estabelecer uma maior relação com a comunidade eclesiástica mantendo o contato da colonização das colônias e catequização dos africanos. Onde isso “tem sido apresentado ao mundo inteiro como uma era de progresso, de fraternidade, de paz e prosperidade em Portugal. De esperança, de certeza mesmo, que tudo quanto infelicitou durante trinta anos a nossa pátria, sem liberdade, sem teto, sem pão...”²²

O Estado Novo de Portugal tinha como missão primordial, o de controlar e organizar as comunidades como as africanas, que eram creditadas como atrasadas, ou melhor, primitivas. Assim deveriam ser educadas e convertidas ao que era considerado civilizado pelos portugueses, no entanto, muitas práticas realizadas pelos colonizadores eram agressivas, pois reprimiam os comportamentos praticados pelos africanos, como a poligamia e a fé em diversas divindades. Muitos povos africanos acreditavam em várias forças espirituais e não unicamente em um Deus, mas sim, variadas entidades que poderiam abençoar ou punir o sujeito. Os portugueses denominavam essas práticas recorrentes em algumas sociedades africanas como feitiçaria e as associava ao demônio, utilizando isso como artimanha para procurar modificar tais comportamentos.

O indígena africano é quase sempre dotado de natural tendência para a adoração de tudo para que reputa divino e superior a ele. Mas, não dispondo de religião sua, fundada em doutrinas teológicas, limita-se ao culto ou veneração de diversos espíritos e, sobretudo, deixa-se dominar inteiramente pela feitiçaria, que o conduz frequentes vezes a um miserável estado psicológico. A começar no período pré-natal, os espíritos e o feitiço são tidos como intervindo em todo o ciclo da sua vida. A simples escolha do nome a dar um recém-nascido faz-se com toda cautela, para lhes não desagradar. É, porém, na doença que a obcecação atinge o auge. Começando pela fantástica medicina preventiva doa colares e anilhas previamente receitados pelo

²² (Portugal Democrático, n. 4, 11/1956 apud MATOS, 2017, p. 6-7).

feiticeiro, o indígena, quando realmente se sente mal, logo o consulta. Mas para o diagnóstico nem sempre se torna necessário que ele veja o paciente: basta um pedaço de roupa com que o seu corpo tenha estado em contacto...²³

O interesse de extrair as riquezas dos continentes africanos acabou por certificar a exploração desses povos e a deficiência de suas culturas. Assim, é de total evidência que Portugal procurava a junção das quais estavam agregadas: a administração das colônias, de forma que o fornecimento econômico ampliasse e a organização política para que fosse realizada como desejado, isto é, como uma ascensão do poder da metrópole, com a centralização e autoritarismo desempenhado nesse período que remontava o Estado Novo. No artigo intitulado *Vozes femininas na luta antissalazarista: envolvimento de portuguesas e brasileiras (São Paulo, 1950-1970)* da autora Maria de Matos traz duas mulheres, entre elas, a escritora e jornalista Maria Emília Archer Eyrolles Baltazar Moreira.

Nascida em Lisboa (1899), ela teve sua trajetória de vida marcada pela vivência em Angola, Guiné-Bissau, Niassa e Moçambique, assim como exilada no Brasil, entre 1955 e 1979. Produziu uma ampla gama de escritos (livros, crônicas, teatro, literatura infantil), palestras, conferências e programas radiofônicos, participou ativamente de ações políticas em várias frentes, particularmente na luta antissalazarista.²⁴

Segundo a autora Matos²⁵ mesmo que Archer Moreira escreva, na maioria das suas obras, sobre sua vivência no Brasil, discutindo desde a África Portuguesa, abordando a política de Salazar até a questão feminina. Ela também escreve para o Jornal Portugal Democrático, sendo assim, de acordo com a autora Maria Matos “nas décadas de 1950 e 1960, no contingente de portugueses recém-chegados havia vários antissalazaristas, que se articularam em ações de oposição no exílio. Numa das salas do Centro Republicano Português de São Paulo funcionou o jornal *Portugal Democrático*, editado entre 1956 e 1977. Sua periodicidade foi ininterrupta e mensal (depois de 1958), com tiragens de cerca de 3.000 exemplares.”²⁶

²³ Fonte: ZANATTI, Mário. Boletim Geral das Colônias, n° 308,1951, p. 154

²⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Vozes femininas na luta antissalazarista: envolvimento de portuguesas e brasileiras (São Paulo, 1950-1970)*. 2017, p. 8.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem, p. 5.

Maria Archer é apontada como precursora da participação da mulher no movimento de resistência salazarista. Suas ações na imprensa e no rádio muito contribuíram para a denúncia das atrocidades do regime, da mesma forma que se destacou como agente cultural de aproximação nas relações ibero-afro-brasileiras. Como contestadora do salazarismo, escreveu várias crônicas de críticas ao regime, tendo sido uma das articuladoras para organização do jornal Portugal Democrático (1955-1977). Através desses escritos, visava informar sobre a real situação e mobilizar a opinião pública. Sua narrativa demonstrava erudição e cultura, estando marcada pela paixão política e o discurso pedagógico, visando ao convencimento e buscando envolver o leitor.²⁷

O jornal Portugal Democrático mostra resistências antissalazaristas diante das atitudes tomadas pelos seus governantes, em decorrência disso, o “periódico centrou seus debates foi a Questão Colonial (envolvendo Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé, Príncipe, Timor, Macau, Goa, Damão e Diu, na Índia). A posição majoritária do Portugal Democrático era apoiar os movimentos de independência dos países africanos; porém, internamente, havia opiniões contrárias.”²⁸ Portanto, era possível compreender o processo político do governo diante das colônias, realçando a ocupação e exploração desses territórios, como também as resistências dos grupos africanos devido as práticas realizadas pelos portugueses.

A *Agência Geral das Colônias* foi, indubitavelmente, um dos recursos empregados pelos Portugueses como meio de propagar a ideia de civilização e amparar os “necessitados”, além de usar a

divulgação das riquezas e dos valores tropicais, sendo também procuradora e intermediária dos Governos de cada uma das colônias ultramarinas espalhadas pelos diversos continentes. Assim, esta instituição tornou-se uma base nuclear que visava a produção e socialização da ideologia colonial. A sua sede localizada na Rua da Prata, em Lisboa, próximo do Ministério das Colônias, bem como do mercado financeiro; ficava em frente ao Banco Nacional Ultramarino, que trabalhava com a rede financeira de quase todas as colônias, menos de Angola, pois esta tinha como representante o Banco de Angola.²⁹

O *Boletim Geral das Colônias* compõe uma das publicações do *Portal das Memórias de África e do Oriente* onde esses boletins tinham o intuito de aprofundar e

²⁷ Ibidem, p. 9

²⁸ Ibidem, p. 7.

²⁹ TEIXEIRA, Rannyle Rocha. *A representação dos povos autóctones africanos no Boletim Geral das Colônias (1933-1945)*. Faculdade de Letras da Universidade de Porto. 2016. p. 19

apresentar assuntos sobre as colônias, com o objetivo de promover um maior interesse de explorar essas regiões. O que podemos notar no decorrer dos artigos é que os mesmos tinham a finalidade de aproximar os portugueses desses territórios, sendo assim, em sua maioria encontramos artigos sobre a necessidade de civilizar e ajudar os colonizadores as práticas almeçadas, contudo, percebemos que o principal propósito era o econômico, tanto que as riquezas dessas regiões sempre eram expostas.

Vale ressaltar, que os boletins são encontrados no portal das *Memórias de África e do Oriente*, e que não consta somente os boletins, o mesmo comporta destaques na biblioteca digital³⁰, como Cadernos Coloniais, Coleção de Gravuras Portuguesas, dentre outros que podem ser analisados logo que adentramos no portal. Os boletins são formados por registros que tratam dos acontecimentos associados às colônias exploradas pelos portugueses, excepcionalmente, relacionado ao cenário político, cultural e, sobretudo econômico. Em decorrência do que foi colocado sobre a relevância do *Boletim Geral das Colônias* e o interesse que estava em volta das escritas propostas, no próximo tópico iremos trabalhar com as representações das mulheres nesses boletins, para que consigamos compreender a visão do colonizador sobre as mulheres africanas.

1.2 AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES AFRICANAS E A VISÃO DO OUTRO

Assim, utilizaremos-os para compreender diversos aspectos que podem ser analisados em decorrência desses agentes, como: a desigualdade, tanto de direito como de autonomia das mulheres africanas; como também o suporte da exploração que era sustentada para nutrir os objetivos dos colonizadores, de uma maneira que aumentassem suas economias e seu poder. Assim mencionavam as práticas realizadas pelos outros como incapazes de prosseguir ante a realidade ali posta, sendo necessário a utilização de discursos como meio de assegurar os povos para a ampliação e desenvolvimento do que causaria maiores riquezas.

Sendo assim, procuravam meios de tornar essas práticas cabíveis, além da relação com a religião, a que particularmente é ponto crucial diante dessas relações de poder. Pois é através dela, não somente, que o colonizador descreve um discurso que

³⁰<http://memoria-africa.ua.pt/Library.aspx>

explica sua superioridade e direito de ensiná-la, para que os colonizados conseguissem obter uma independência, essa que veremos como maior argumento dos portugueses ao falar das mulheres africanas em relação aos casamentos.

Em várias partes da África, e durante a maior parte do século XX, as Humanidades foram usadas para apresentar argumentos em defesa da injustiça, do autoritarismo e do culto à riqueza ilícita. Há muitos trabalhos na biblioteca colonial em apoio à exploração.³¹

Vale salientar de antemão, que a visão trabalhada aqui será a do português sobre os africanos, ou seja, o olhar do outro sobre esses grupos demasiadamente heterogêneos, e não o estudo sobre conservação das culturas maternas desses grupos africanos. Pois sabemos que os mesmos não renunciavam de seus valores e normas, contudo assimilavam seus conhecimentos aos externados pelos colonizadores, com a possibilidade de afastar-se da exploração e opressão.

É interessante entendermos, que isso só pôde ser pensado pelos “homens da terra”, durante o contato com outras culturas, através da extensão das “boas consequências” produzidas pelos exploradores. Pois, além de tentar converter algumas práticas africanas, eles também exploraram e perpetuaram a noção de que a mulher deveria ser “livre”, nome encontrado em todos os artigos analisados e quando posto transpõe a ideia da mulher africana não ter “autonomia e relevância”. Já que falaremos sobre a visão posta pelos homens considerados seres superiores, nessa citação abaixo, mostra como era notória a imagem da propagação cristã para o combate do que era considerado diabólico, como algumas práticas realizadas pelos africanos, estas que “prejudicavam” a dignificação desses povos.

Aceitar como noção cientificamente averiguada a existência de diversidade raciais, de factores hereditários, constitucionais, da vida moral e social, não implica, porém, nem deve implicar, que se aceite a doutrina chamada <<racistas>>. Exige naturalmente que se entre em conta com essas realidades na vida política e social, e assim têm feito as nações que orientam a sua política colonial num sentido inteligente, fecundo e humano. Fá-lo a Inglaterra, está-o fazendo Portugal. O sangue, a hereditariedade, são factos naturais inegáveis e que cumpre conhecer, para dêlas aproveitar o que houver de bom, e combater o que surja de mau. Erigir, porém, a raça e o sangue em princípios orientadores da vida política e da vida moral dos indivíduos e das nações, considerando-os fatalidades irremovíveis sob todos os aspectos, é adoptar uma atitude análoga á do médico, que,

³¹FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 16

considerando a doença e o sofrimento como factos naturais e inevitáveis, renunciasse ao seu combate ou a reduzir-lhes os efeitos perniciosos. Há na doutrina racista uma inversão perigosa de termos, como no internacionalismo igualitário dos bolchevistas e dalgumas pretensas democracias há uma mentira ou um erro não menos perigoso. A inversão de termos a que nos referimos está na subordinação em que o racismo coloca o moral relativamente ao físico, à natureza animal. O que dignifica o ser humano, o que dá ao homem a sua condição hierárquica no mundo vivo é o seu esforço nobre e criador para se emancipar da tutela ou da influencia dos instintos e da animalidade.³²

A citação acima traz a visão do colonizador sobre a mulher africana, onde havia a precisão de civilizá-la e “liberta-lá” das convicções que limitavam a sua autonomia e a tornava um objeto através de uma “comercialização”. Nos artigos estudados no *Boletim Geral das Colónias*, as mulheres eram reservadas para um determinado partido, ou seja, desde nova era predestinada a um indivíduo, este poderia ser um velho, um jovem, doente e, sobretudo, um familiar. “No meio indígena africano apresentam-se como principais obstáculos ao ideal cristão: a servil categoria da mulher; a poligamia e concubinato; a feitiçaria.”³³ No entanto, no decorrer dos próximos capítulos iremos mostrar que essas práticas eram exercidas pelos africanos pela importância da mulher, no entanto, no discurso ocidental a imagem transpassada é outra.

Nas primeiras décadas após a independência ainda era de mau gosto falar muito explicitamente sobre feitiçeiros e seus negócios: isso significava “primitivizar” a África e negar a ela a possibilidade de um rápido progresso na estrada da “modernização”.³⁴

Nessa citação acima, notamos como a representação e a perpetuação dos discursos portugueses foram influentes nas colônias. Esses três assuntos mencionados no parágrafo acima, ao serem associados ao casamento e sobretudo, com a mulher, eram práticas consideradas errôneas pelo europeu e foram representadas apenas pelo seu viés, deixando de lado a visão do africano sobre essas práticas, ponto de vista este que tem diversos sentidos. Segundo Geschiere a

³²Fonte: CORREIA, Mendes. *Boletim Geral das Colónias*. n°174, 1939, p. 134

³³ Fonte: ZANATTI, Mário. *Boletim Geral das Colónias*, n° 308,1951, p. 154

³⁴ GESCHIERE, Peter. *Feitiçaria e modernidade nos Camarões: Alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade*. 2006. p. 12

Feitiçaria (assim como “bruxaria”, “magia”, “sorcellerie” etc.) é uma tradução precária — especialmente em virtude das implicações pejorativas desta noção ocidental — de termos africanos que em geral têm sentidos muito mais amplos e poderiam, portanto, ser mais bem traduzidos por expressões mais neutras tais como “força oculta” ou mesmo “tipo especial de energia”.³⁵

Para, além disso, os colonizadores também traziam a relevância da aproximação desses ditos “bárbaros” ao cristianismo, como meio de os tornarem pessoas mais educadas, amorosas, e acima de tudo, a norteados do principal objetivo, que seria a salvação dessas “pobres almas”, que precisavam de auxílio e de um novo caminho que mostrasse outras chances de viver. Como iremos ver adiante, os escritos procuravam deixar claro a todo o momento, que as mulheres deviam se aproximar dos valores ensinados pelos portugueses, para que deixassem de serem exploradas.

Eis a doutrina da Igreja, eis a doutrina espiritualista e cristã, para a qual, acima das tristes realidades da vida orgânica e até contra elas, há aspirações e ideias superior e especificamente solidariedade para com todos os homens e tôdas as raças, há, em suma, um culto nobilitante e indispensável de valores eternos e universais.³⁶

Através dos discursos sobre a religião, especificamente a cristã, disseminada através da ideia de ser eminentemente, a salvadora. Traz os seus ensinadores como indivíduos bondosos que praticavam e orientavam de forma passiva e respeitosa. Sendo assim, eram seres proeminentemente qualificados e detidos de uma superioridade que deveria ser compreendida pelos demais povos. No entanto, para os africanos a religião ia além do que era de perspectiva ocidental, pois para eles as religiões traziam força para a comunidade, por isso a utilização de danças e de muitas crenças, cada uma com suas especificidades, sendo assim a religião é um movimento que evitava

o infortúnio e maximizar a boa sorte. O que dá um movimento ao seu poder dramático e o impulso para a expansão são a crença e reivindicação do grupo em que se originou que o movimento dá aos seus membros uma “força” especial e uma proteção diante da adversidade.³⁷

³⁵Ibidem, p. 9-10

³⁶Fonte: CORREIA, Mendes. Boletim Geral das Colónias. N° 174, 1939, p. 134

³⁷CRAMER, Willy de; VANSINA, Jan; FOX, Renée C. *Religiosmoviments in Central África: a theoreticalatudy*. In: *Comparative Studies in Society and History*, v. 18, n. 4. P. 458-475, Oct, 1976.

No decorrer das pesquisas e leituras, notamos a relevância de abranger os interesses dos portugueses com a reprodução dos costumes referentes às mulheres conforme seus objetivos de evidenciar, o prestígio e importância de apresentar os seus valores, colocando os mesmos no patamar, dos princípios adequados e preferíveis perante os dos colonizados. As práticas africanas eram evidenciadas como meio de mostrá-las como incertas e incapazes de trazer a devida felicidade.

Nos discursos de alguns escritores³⁸, dentre os trabalhos aqui referidos, trazem como principal enfoque a ideia de que se preocupavam e que procuravam apenas dar a mulher sua liberdade e dignidade. “Porque o que se joga nessa luta é quase sempre a liberdade e especialmente a liberdade da mulher”³⁹ tudo que ocorria com essas africanas era explicado devido os seus valores, tornando a mesma subjugada.

A diversidade cultural, em que os comportamentos atuantes não eram exercidos em sua maioria pelos portugueses, a exemplo da poligamia⁴⁰, mas sim, pela maioria dos grupos africanos, era associada pelo português ao Diabo. A poligamia foi uma das atividades que mais sofreu pressão diante do discurso europeu, foi recorrente a ideia de que ela deveria ser interrompida para que a efetivação da devida salvação dos povos fosse concretizada.

A forma que os africanos interagiam com o outro, como também as práticas e rituais múltiplos, deveriam ser escasso para o maior progresso dessas terras. Ações feiticeiras eram pertinentemente usadas pelos portugueses para explicar o “regresso” e as “maldições” que ocorriam nesses territórios. Em Moçambique, a feitiçaria estava/está ligada a uma prática utilizada para a resolução de problemas, dentre eles, podemos citar as doenças.

(...)Resta a questão de saber em que medida é, de fato, esclarecedor relacionar “feitiçaria” e “modernidade”. Isso faz avançar a compreensão tanto da resiliência da feitiçaria na vida cotidiana em muitas partes da África quanto das maneiras pelas quais as pessoas lidam com as muitas vezes traumáticas mudanças.⁴¹

³⁸Fonte: ANDRÉ, Maria. Boletim Geral das Colónias, nº170-171,1939, p. 138. ZANATTI, Mário. Boletim Geral das Colónias. Nº 308, 1951, p. 154. DIAS, António J. Boletim Geral das Colónias. Nº 239, 1945, p. 275.

³⁹Fonte: ANDRÉ, Maria. Boletim Geral das Colónias, nº170-171,1939, p. 138.

⁴⁰Poligamia é um sistema onde um homem tem mais de uma mulher ao mesmo tempo, ou vice-versa.

⁴¹ GESCHIERE, Peter. *Feitiçaria e modernidade nos Camarões: Alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade*. 2006. p. 15

A perpetuação do domínio, que é transpassado com todas as normas e ideal de conquista será firmada com o passar dos tempos como forma de esclarecer a dominação entre os povos, o desenvolvimento da economia através dessas terras e as transformações políticas e culturais que acarretaram práticas violentas. Ademais, a ideia de desigualdade se fez presente através da manifestação de superioridade entre povos e a aplicação racial condizente ao dominador.

Fazer leituras argutas das estruturas de privilégio e de poder significa também precaver-se contra o nacionalismo cultural extremo que ignora as castas e o feudalismo do passado, a violência de gênero e o etnoracialismo que embasavam muitas sociedades pré-coloniais. Descobertas de nosso passado feliz e noções unívocas da identidade africana devem ser reexaminadas e reescritas, de modo que possamos falar também sobre formas nativas de dominação e exploração, hierarquias de classe, hierarquias étnicas e ideologias de gênero.⁴²

Como podemos observar, Toyin Falola mostra a estima de pesquisar e compreender essas relações de poder já existentes na conexão entre o dominador e dominado, aqui referentes. Como também a relação entre a mulher e o homem, deixando explícito que essas práticas já existiam dentro dos grupos africanos, no entanto, foi entendida como tal, através do contato com os europeus. No decorrer dos artigos é transpassado a noção de que o sexo feminino era considerado incapaz de assegurar sua autonomia, sendo assim, deveria ter sempre um responsável, que a tutelasse. Podemos observar na citação abaixo, a impossibilidade da mulher de cuidar de si, para, além disso, o discurso de que o colonizador e seus valores trariam a mulher como uma companheira, e não como um “objeto” da qual era mantida através da “venda”.

Tal é, nas suas grandes linhas, a vida familiar da mulher animista na África Negra. Corresponde ao antigo estado social das tribus, no qual a mulher, não tendo noção alguma da sua responsabilidade moral nem da sua dignidade humana, encontram normal não pertencer a si própria. Porém, actualmente, a vida tradicional das tribus africanas modifica-se ao contacto da civilização europeia e sobre a benéfica influência do cristianismo. Com os indígenas cristãos e por eles, eleva-se o nível moral de toda a sociedade. Nas comunidades cristãs a liberdade da rapariga é salvaguardada quando se casa e no lar cristão a

⁴²FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 19-20.

mulher torna-se, insensivelmente, mas muito realmente, a companheira do marido.⁴³

Em decorrência das pesquisas realizadas para a efetuação dessa obra, foi perceptível, sem nenhuma singularidade, que a mulher foi designada e ainda creditada como um indivíduo incapaz de ser independente de tudo e de todos, sendo esta naturalmente submissa ao um ser superior, o homem. Assim os escritores trazem a necessidade expor para essas mulheres, que elas não precisavam viver dependendo de um agente, e nem ser vendida como um utensílio. Vale ressaltar, que essas práticas de “vendas” eram costumes de alguns grupos e que tinham um sentido diferente do que era usado pelos portugueses. Sendo assim, no decorrer da leitura de diversos boletins, iremos notar como os portugueses moldavam essas ações para justificar seus interesses.

A rapariga é sempre bem acolhida nas tribus do centro africano. O instinto da imitação leva-a a reproduzir os gestos maternos e é assim que se faz a sua educação prática. A educação que recebe incide apenas sobre o respeito às prescrições consuetudinárias. A mulher negra exerce grande influência sobre as filhas casadas e noras. Inicia-se nas regras imutáveis da puericultura usadas na tribo e opõe-se com demasiada frequência à higiene e ao progresso que os europeus levaram a África. Morrendo o marido, a mulher faz parte da herança: é um bem de família e passa aos herdeiros do defunto. A mulher estéril, a mãe cujos filhos morreram, é considerada ser inútil e, por vezes, na velhice, é acusada de feiticeira e condenada à morte bárbara que o costume reserva a esses casos. (...) Porém esta liberdade choca com antigas concepções animistas e é preciso muitas vezes conquistá-la. Estava-se habituado a se considerar as raparigas como seres amorfos e sem vontade: e eis que elas querem escapar-se à sua escravatura milenária, escolher livremente a religião, o marido! Como os antigos, os chefes de clan não veriam neste facto um golpe vibrado no seu absolutismo? Para constranger a rapariga recalcitrante a desposar o marido a quem foi prometida quine ou dezasseis anos antes empregam todos os meios: intimidações, ameaças, pancadas...⁴⁴

A identidade da mulher africana e o seu papel nessa ideia de inferioridade, é transpassada nas representações produzidas nos boletins, firmada, através da cor, religião ou por ser mulher. Com a análise feita dos boletins vemos a relevância de propor uma reflexão mais crítica, que indubitavelmente, nos submete a um maior

⁴³Fonte: ANDRÉ, Maria. Boletim Geral das Colónias, nº170-171,1939, p. 139

⁴⁴ Idem. p. 139

conhecimento e visão de como isso ainda tem resquícios nos dias atuais, um exemplo disso, é que a “renda das mulheres é muito menor que a dos homens, especialmente em empregos com nível médio e superior. E se for feita a distinção entre a renda de homens e de mulheres negras têm os piores níveis de renda”⁴⁵, ou seja, em relação aos salários, quando é posto na balança o ganho do homem e da mulher negra, apresenta-se uma distinção bem maior do que a mulher branca e outro indivíduo já citado. Para, além disso, outro fator que ainda ocorre diariamente seja nos contextos familiares ou não, é a liberdade da mulher, seja ela social e sexual, havendo a necessidade do rompimento da produção dessa sociedade que consiste em reproduzir a subjugação diante da mulher.

Alguns explicam que, quando o homem foi orifinàriamente criado e colocado no Paraíso, o trabalho da terra fazia-o uma enxada mágica que ele estava obrigado a não tocar. E tudo corria bem. Mais tarde, foi criada a mulher, e o homem contou-lhe o maravilhoso poder da enxada, recomendando-lhe que também lhe não tocasse. Ela, porém numa ausência, deixou-se vencer pela curiosidade e pegou-lhe. Imediatamente a enxada perdeu as qualidades mágicas, a mulher foi amaldiçoada e condenada para sempre a executar o trabalho dos campos, e o homem passou também, desde então, a ter que trabalhar. Assim, entre os indígenas de tribos que aceitam a teoria, a mulher é designada <a da enxada> e o homem <o do machado>.⁴⁶

Na citação acima, notamos a relação da criação do homem africano com a história de Adão no livro bíblico, e como a mulher também é conduzida a um ser pecador. Para, além disso, vemos a questão da economia através da produção e cultivo nas terras agrícolas, o principal meio de sustento desses povos, da qual nortearmos mais adiante a relevância da mulher nesse aspecto. Deste modo, iremos compreender como ponto de articulação e com a aproximação dos boletins como eram designados valores e comportamentos as africanas.

O ressurgimento da condição da mulher africana só pôde ser obtido por uma reforma profunda dos usos e dos costumes: é o duplo problema das reformas morais e das reformas legais. Só aqui tratamos das reformas morais. Não se pode desgraçadamente abordar êste problema sem nos vermos detidos por uma <uma questão prévia> : a do respeito pelos usos e costumes indígenas. Questão, no entanto, absurda e mil vezes resolvida. Resolvida só pelo facto de estarmos todos de acordo em reconhecer – de bom ou mau grado – que êsse respeito não devia proteger usos e costumes que estão em formal

⁴⁵WOLFF, Cristina Scheibe. *Profissões, trabalhos: coisas de mulheres*, 2010, p. 504.

⁴⁶ Fonte: ZANATTI, Mário. Boletim Geral das Colónias, nº 308,1951, p. 154

contradição com a nossa civilização. É assim, por exemplo, que a instituição da escravatura foi suprimida. Esta única restrição basta para pôr o problema da reforma da condição da mulher em África, porquanto a mulher no costume africano é uma escrava, um instrumento ao serviço da família cominutária, família essa que, como toda a gente sabe, não é mais do que a sociedade dos parentes masculinos agrupados estreitamente sob a autoridade dum patriarca. Pode-se, com certeza a êste respeito, como de resto a propósito de tudo, estabelecer polémica. E estabelece-se com efeito interminavelmente a coberto da <Ciência>. A <Ciência> tem boas costas mas por muito que a queiramos respeitar, a verdade é que a mulher, se não fôsse escrava, seria livre...⁴⁷

No discurso produzido a condição dessa mulher negra, como uma pessoa dependente de um homem que sabe estabelecer e falar por estamostra o quão a mulher era desprovida diante dessa relação de poder. A discussão de uma construção de identidade única, tem como perspectiva principal as relações de poder de um grupo com outro distinto, trazendo assim como viés central de identidade nacional. Pois o Estado que tem com o ideal de acarretar em um equilíbrio social, como também oferecer os direitos à cidadania que traz a restrição de uma liberdade de deveria ter consigo a igualdade de todos, mas que quando colocada em parâmetro em uma realidade essa mesma não é condizente, pois as “desigualdades formais que afetavam as mulheres. Contrariando as noções do individualismo igualitário, cabia às mulheres uma nacionalidade dependente do pai ou do marido.”⁴⁸

Ora, segundo o costume, é inconcebível que nunca ela possa pertencer a si mesmo a dispor, portanto, de ir livremente, porquanto a servidão do sexo feminino ao sexo masculino é o primeiro princípio da sociedade negra. É em nome da ciência que se pretende ainda tolher os movimentos dos homens de acção quando se não cessa de lhes apregoar que libertar a mulher negra seria despedaçar o quadro consuetudinário e provocar uma anarquia social pior do que a desordem actual? É preciso, diz-se, deixar os usos e costumes evoluírem espontaneamente nesse quadro.⁴⁹

Para a autora desse artigo ao qual referimos acima, a obtenção do ressurgimento da condição feminina africana é algo complicado de ser enaltecido, pois deve-se acima de tudo ter o respeito sobre as culturas, contudo, existe a necessidade de reformá-las de acordo com os costumes exercidos por uma civilização como a dos portugueses.

⁴⁷ Fonte: MAZI, J. Boletim Geral das Colónias, nº170-171,1939, p. 141

⁴⁸ REZENDE, Cláudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne. *Raça como retórica: a construção da diferença.*/ organizadoras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 20.

⁴⁹ Fonte: MAZI, J. Boletim Geral das Colónias, nº170-171,1939, p. 141-142

Segundo a autora, a condição da mulher africana perante a do homem, é a de submissão tanto no meio familiar como no social, pois ela vive em meio a uma família regulamentada por um chefe, que determina o seu casamento e sua vida. Em relação ao casamento, a posteriori teremos uma visão mais vasta.

Essas reproduções de rótulos atingem a visão de como ver ou ser mulher, tornando-a um símbolo de inferioridade e dependência a um homem, seja este pai ou marido, sendo assim, é importante termos contato com as visões dessas sociedades para obtermos conhecimento mais abrangente dos numerosos grupos e suas culturas. E por assim travar um embate de transformações das perspectivas tradicionais sobre os valores dessas comunidades. Dessa forma, torna-se mais viável a compreensão dessa relação de poder entre os indivíduos, pois sabemos que ainda é recorrente a reprodução de inferioridade de alguns grupos para/com outros. “Na concepção do gentio africano, a mulher é tida, em geral, como um ente individual e socialmente muito inferior ao homem.”⁵⁰ Essa é uma interpretação trazida por um dos autores de artigos do *Boletim Geral das Colônias*, na qual nota-se a desvantagem da mulher perante o homem.

Ao analisarmos esses procedimentos entre culturas divergentes (europeu e africanos) passamos a compreender que essas representações trazem grupos diversificados, e que um acaba se sobrepondo sobre o outro, como meio de garantir uma vantagem. A maneira de transmitir seus valores como os mais importantes é notado no decorrer das leituras dos portugueses, sendo assim, podemos notar o quão é minucioso o debate sobre as representações das mulheres, principalmente pela maneira que eram tratadas e vinculadas ao meio em que viviam. Os portugueses que escreviam no *Boletim Geral das Colônias*, em suma, não tinham total interesse de abordar as mulheres africanas, no entanto, para justificar muitas ações missionárias, acabavam por introduzir alguns artigos referentes sobre as mesmas.

Para, além disso, a diversificação étnica corroborou em uma miscigenação de raça no Brasil, um território em que acarretou na mistura de povos, onde foi atuante a escravização de índios e negros, através da reprodução de uma visão que explanava a superioridade dos estrangeiros, tanto por conta da religião como pela escrita. Entre os diversos motivos, estava entre eles, o desejo de intensificar suas economias e

⁵⁰ Fonte: ZANATTI, Mário. *Boletim Geral das Colônias*, n° 308, 1951, p. 154

colonização através do outro. Segundo Leo Spitzer, as diferentes culturas e o contato entre esses povos terminava por firmar uma sociedade com poderes divergentes, e por assim, enaltecer o fortalecimento da apropriação dessas conjunturas para tornar outros indivíduos servidores de seus objetivos, como o contato dos portugueses com os negros, tornando os mesmos escravos.

A despeito das evidentes diferenças societárias, culturais e físicas entre as famílias May, Rebouças e Zweig-Brettauer, todas tinham em comum importantes experiências e características, como herdeiras de um longo contato histórico entre povos de poder desigual. No caso dos May e dos Rebouças, esse contato resultou das circunstâncias da expansão imperial europeia e da escravização de africanos a serviços dos americanos; no caso dos Zweig e dos Brettauer, resultou da relação entre uma maioria dominante cristã e uma minoria subordinada judaica.⁵¹

Os indivíduos mais fortes, como foram representados por muito tempo, perduravam a ideia de terem sido mandados para ajudar o próximo, argumento aplicado para ocasionar a transformação da cultura e a escravização dos povos. Além da sobreposição pelas autonomias e pressões transportadas no decorrer da visão de inferioridade posta ao outro, no caso os africanos “Os valores e padrões culturais dessa ordem eram definidos e estabelecidos, em grande parte, pelo grupo mais atuante e mais poderoso, em termos econômicos, do mundo que se industrializava: a burguesia.”⁵²

Ao acreditar nos princípios morais praticados e designados por um grupo como determinantes para uma vida, acabava por intensificar uma ideia de necessários para sobrevivência e melhoria na relação com o outro, pois o que o Estado pretende formar eram seus apêndices, assim tornava-se necessário à efetivação de indivíduos que acreditassem e siguissem os padrões colocados em função. Para, além disso, é importante lembrarmos que algumas mulheres resistiam a essas transformações, no entanto, outras aproximavam dessas mudanças, e servia de discurso pelos portugueses como forma de fortalecer a aproximação das mesmas à seus costumes, enaltecendo a ideia de libertação dessas africanas as práticas ensinadas por seus familiares, e por assim, discorrer a apropriação ou assimilação das mesmas as culturas consideradas certas e necessárias.

⁵¹ SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*/ Leo Spitzer; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.18

⁵²Ibidem, p.19

Em uma sociedade que acredita em hierarquias e em que valores como aristocracia, dinheiro e patronagem contam mais que qualquer outra coisa, aquele que distribui e demonstra opulência é aquele que adquire respeito. Na medida em que a sociedade organiza seus valores em torno da riqueza, as Humanidades tornam-se vítimas da “perseguição social”. A sociedade opera com um Estado que aloca poder e recursos com base em ideologias de poder, no comportamento da elite e em outras variáveis.⁵³

Assim em algumas representações analisadas nesses boletins portugueses podemos notar que algumas negras tinham seus comportamentos condizentes com os das mulheres europeias, o que intensifica o interesse de sabermos se essa semelhança com outras culturas que mantinham contato, era pelo interesse de almejar um status ou uma melhor relação com o outro, ou pelo simples desejo de se adaptar a outros valores. Vale destacar, que são compreensões trazidas no decorrer das pesquisas e estudos através das leituras da observação do controle dos portugueses nessas regiões, como também a sua expansão de poder atribuída em decorrência das reproduções sustentadas pelos colonizadores.

Em Lisboa, agita a turba dos inúteis, de quem o Conde de Ficalho nos dá a lista, - escudeiros esfomeados e trovadores, frades doidos, clérigos namorados, fidalgos arruinados e endividados, cortesãos envolvendo-se em baixas aventuras, mulheres do povo consultando bruxas sobre o destino dos maridos ou consolando-se da sua ausência como a do *Auto da Índia*, de Gil Vicente, raparigas pobres levadas pelo amor do luxo à vida airada, e escravas fascinando os elegantes de Lisboa, e corrompendo os costumes, dando-lhes uma feição oriental e tropical... E a maré sobre. Para salvar essa sociedade faltou-lhe o elemento redentor. Faltaram-lhe senhoras que com sua graça dessem ao meio um alto bom de moralidade. Uma das causas de mais contribuiu por certo dar à vida dos portugueses em Goa êste cunho de devassidão foi a quási completa ausência de senhoras. Digo de senhoras, não de mulheres.⁵⁴

Mesmo que esse artigo não esteja associada ao território africano, condiz com a visão da mulher colonizada como um ser inferior a senhora casada com o colonizador. Sendo assim, no decorrer das análises desse boletim notamos a carência de mulheres europeias nas colônias, o que acarretava na aproximação amorosa dos colonizadores com as africanas. “A falta de mulher” para dar decência ao ambiente, como é trazido no

⁵³ FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 10.

⁵⁴ Fonte: Boletins do Instituto Vasco da Gama, n° 4, 1928, p. 6

boletim, deixa bem explícito a ocorrência dessa carência de mulheres, título dado assenhoras e não a “qualquer” mulher, como as africanas eram exibidas.

Garcia de Sá, o qual tinha consigo duas filhas, que legitimara casando com uma senhora D. Catarina, com quem vivera muitos anos. Estas casaram depois em Goa, uma com D. Antão de Noronha, a outra com Manuel de Sousa de Sepúlveda, que foi aquela D. Leonor tão célebre pela sua horrível morte nos areais africanos, e tão cantada pelos poetas... Estes casos e outros fidalgos, se eram casados, deixavam no reino as suas mulheres e famílias, e viviam em Goa numa liberdade amplíssima. Havia na verdade ali os moradores ou casados, os quais – como o seu nome indica, estavam definitivamente estabelecidos na cidade, com suas famílias e legítimas mulheres; mas estas, pela maior parte de sangue indiano ou mesclado, vivendo encerradas, não formavam um elemento de sociedade, nem cousa que com isso se parecesse”. Contra as paixões dos homens só a mulher poderia ser o escudo da mulher; e esse escudo faltou.⁵⁵

Assim deduzimos que as mulheres africanas como as indianas escravas não eram consideradas pelos portugueses como mulheres capazes de tornar o espaço mais respeitoso e calmo, isso era característica realizada apenas pelas senhoras “civilizadas”, corroborando para a insignificação dessas “mulheres da terra”. Durante a leitura desse artigo, podemos observar como o nome é dado para diferenciar os dois tipos de mulheres, a senhora sendo essa associada à mulher do português (a branca).

É importante também ressaltarmos que durante análise desses fragmentos como de outros, ainda é notável a percepção de que poucos colonizadores levavam a família para as colônias, pelos diversos motivos: a adequação ao ambiente; a comodidade e a proteção da mesma, contra os indivíduos bárbaros, adjetivo trazido para descrever o outro. Essa imagem dos africanos como seres selvagens é apresentada para mostrar a necessidade de mudar seus comportamentos, como também associar os mesmos aos animais, que seriam irracionais e sem almas boas.

As relações das “culturas do passado moldaram as do presente, sendo por isso que temos, ao mesmo tempo, elementos do que é primordial e do cívico competindo no mesmo espaço.”⁵⁶ assim ao trabalhar essa temática, que traz a mulher africana sendo retratada não somente como elemento inferior, bestial e violento, como também a posteriori objetificada a servir. Dessa maneira, serviriam para realizar todos os desejos

⁵⁵Ibidem, p. 7.

⁵⁶FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 19

do homem, necessariamente a do seu companheiro durante o casamento ou o português, como meio de preencher a ausência da senhora, o que vai acarretar na presença dos filhos mistos, como iremos falar mais adiante, ao trazemos os censos que algumas dessas regiões.

O cotidiano das mulheres africanas e a quantidade prendia a atenção do europeu. “As escravas eram numerosíssimas, negras de Moçambique, drávidas retintas de Malabar, indianas mais claras do centro ou do norte, malaias, javanesas e outras.”⁵⁷ os estrangeiros viam essas mulheres de outra forma, o que corroborou na visão violenta que é transparecida quando traz a imagem da mulher como objeto ou como um ser que tem uma missão de ser mãe criadora. Para tanto, ainda existe a violência sexual e psíquica, o que não se faz distante dos dias atuais, em que essas mulheres ainda sofrem preconceito, violações sexuais e sociais, entre tanto outros aspectos. “As mulheres devem ser educadas, mas apenas para a maternidade. A esfera pública seria domínio exclusivo de uma cidadania masculina esclarecida...”⁵⁸

A influência das mulheres da terra sobre os artífices portugueses: “... Os calafates e carpinteiros, com mulheres de cá e trabalho em terra quente, como passa um ano não são mais homens”. Não lhes ficavam superiores os capitães e os fidalgos. A escravatura era uma prática geral dos tempos.(...)”⁵⁹

O discurso trazido no decorrer desse boletim, um português procura relatar a influência da “mulher da terra”, ou seja, o sujeito da colônia. Propondo inicialmente a falar quais os tipos de mulheres que existiam nas colônias, assim reflete sobre a quantidade abundante de criaturas, principalmente as africanas que ali viviam. Como já foi dito anteriormente, habitavam muitas mulheres, porém poucas destas eram portuguesas, ou seja, mulheres consideradas adeptas para um casamento com o branco. Contudo, os homens viviam libertinos, acarretando na união de muitos com algumas moradoras, formando assim outras famílias.

(...) Uma destas havia-lhe dado datura, para depois lhe roubar as jóias, e fugir a seu salvo com um negro; e isto reclamara a intervenção

⁵⁷ Fonte: Boletins do Instituto Vasco da Gama, n° 4, 1928, p. 8.

⁵⁸ GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*/ Paul Gilroy ; tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.p. 77.

⁵⁹ Fonte: Boletins do Instituto Vasco da Gama, n° 4, 1928, p. 8.

profissional de Garcia da Orta. Não há dúvida que a convivência com estas ‘perrinhas malabares’ podia ser agradável. Algumas eram muito bonitas, com tôda a languidez ardente dos trópicos; e sôbre isso escrupulosamente cuidadas, tomando banhos a miúdo, e perfumando-se com sândalo branco, aloes, canfor, aimiscar e açafião, tudo moído e delido em água rosada. Podiam mesmo fazer excelente companhia, pois eram conversáveis, apesar do seu mau português, daquela linguagem meada de hervilhaca que tanto ofendia Camões; e eram prendadas, tocando e dançando com muita graça. É certo, todavia, que nestes encontrosfortuitos, nestas ligações transitórias unicamente falávamos nos sentidos. Tudo quanto pode haver de sadio para o espírito na convivência com a mulher que partilha o nosso modo de pensar ou de sentir, era alí desconhecido.⁶⁰

Vale destacar-se que eram encontradas senhoras nas colônias, no entanto, consistiam em uma contagem inferior as da terra como é dirigido nas descrições de alguns boletins. Deixando o ensejo que essas linguagens introduzidas, como a divisão entre mulher e senhora são fixadas pelos colonizadores. No parágrafo que aborda “Tinha além disso várias negras escravas cuja moralidade deixava naturalmente muito a desejar”⁶¹ é importante observarmos como é trazido a forma de falar sobre essas mulheres que viviam nessas colônias, e como é distinguido os tipos de mulheres, enaltecendo que uma tinha características melhores que outras, firmando a desigualdade de uma branca diante de uma negra.

O que este facto simboliza é a alteridade e a necessidade de civilizar o africano modelando-o, mesmo esteticamente, ao que é considerado superior. A inerência da alteridade é recusada até no plano físico, sendo quase perceptível a interpretação de que superior acabará por se impor ao inferior, até no plano da aparência física.⁶²

A mulher negra ainda é trazida como inferior as mulheres indianas, que é discutida apresentando características de belas, de pele clara, formosa e bonita, mesmo que referidas a venda de animais, estas são trazidas com uma menor subjugação do que a mulher indígena africana, que já é abordada inicialmente como uma mulher que não deve ser confiada e que muitas vezes se mostrava impossibilitada de realizar os pedidos dos senhores.

⁶⁰Ibidem, p.11.

⁶¹Ibidem, p. 10-11.

⁶²LOPES, Carlos. *A Pirâmide Invertida- Historiografia Africana feita pelos Africanos*. 1995, p. 5.

As outras mulheres são trazidas com maior ênfase e de maneira positiva diante da africana escrava, esta que trabalhava em diversos ambientes, como na agricultura, pois “qualquer atividade feminina que não se encaixasse no papel de mãe e esposa, e que era realizada fora do seio familiar, era passível de ser compreendida como uma ação desviante.”⁶³ ou seja, além de serem exploradas, ainda eram criticadas e consideradas subalternas as demais, pois, em sua maioria, pois não pertenciam ao ambiente privado. A relevância da mulher indígena africana na ajuda da produção econômica familiar levou a reprodução das negras como mulheres para o trabalho, e não exclusivamente para casamentos, assim, cada vez mais perpetuando a exclusão das mesmas. No decorrer da análise dos boletins notaremos que essas africanas quando se casavam eram através do matrimônio arrajado.

(...) pratica-se ainda em numerosas tribos o costume dos casamentos mediante contrato verbal ajustado entre as famílias interessadas, e a que a mulher simplesmente se subordina, cumprindo-lhe manter-se sempre fiel ao marido, ao passo que este fica com inteira liberdade de contratar todos os mais matrimônios que a sua posição econômica lhe permita, e para qual a própria mulher, depois de casada, frequentemente concorre. Se a poligamia regular há-de custar muito a suprimir (tanto mais que o islamismo a consente), o concubinato ainda maiores, dificuldades oferece. E se àquela são inerentes o ciúme e a intriga, a estes últimos junta-se sempre, no concubinato, a depravação. Evidentemente, é a esta em primeiro lugar que importa pôr cobro.⁶⁴

Um dos discursos levantados dentre os boletins pesquisados instigou a leitura do capítulo intitulado *Missão da Mulher: Não deixemos que o mundo se perca* ao adentrarmos em sua compreensão notamos o peso sobreposto a mulher, “o papel que lhe incumbe desempenhar”, ou seja, a atribuição que é sua por direito, assim essa mulher angolana tem o compromisso de conceber os planos que lhe é posto. Desde o contato com os portugueses notamos que “tanto o comportamento masculino quanto feminino tinham que seguir padrões desejáveis, e os que fugiam a estes eram imediatamente condenados pela sociedade e pela jurisprudência. Esta última tinha como missão defender a moral e os bons costumes”.⁶⁵

⁶³ COELHO, César e Castro; PUGA, Vera Lucia. *Direitos dos homens e deveres das mulheres*. v. 22, 2009, p. 20.

⁶⁴ Fonte: ZANATTI, Mário. *Boletim Geral das Colônias*, nº 308, 1951, p. 154

⁶⁵ COELHO, César e Castro; PUGA, Vera Lucia. *Direitos dos homens e deveres das mulheres*. v. 22, 2009, p. 20, p. 11.

Notamos também, que a utilização dos valores ainda é recorrente na atualidade, claro que obtendo algumas transformações, decorrente da passagem de períodos, contudo, percebemos que são perpetuados e engajados no proceder da construção de poder e de família exemplar. Onde muitos dos homens se classificam com o direito de deliberar sobre a vida de suas mulheres, o que corrobora ainda hoje, a relação do homem em violentar a mulher por se achar no comando de atuar como responsável pela vida da companheira.

O português é trazido juntamente com a importância da sua religião, a tradição da família e do amor a Pátria, estas que são reproduzidas e ensinadas não somente para seus filhos mais também para a população colonizada. Esses aspectos são perpassados com a ideia de serem eles os justos dentre a denominação de bons para a sociedade, juntamente com a ideia de resguardo desses indivíduos impuros e corrompidos pelo mal. Vê-se a necessidade de passar esses costumes e valores para os familiares, sobretudo para os filhos, estes que iriam transcender e continuar tais ensinamentos, assim colocavam-se o peso sobre mulher, pois a mesma tem o papel de ser fértil, procriar e educar seus filhos.

Nossas mulheres devem ser qualificadas porque serão as mães dos nossos filhos. Como mães, são as primeiras amas e instrutoras das crianças; é delas que as crianças, conseqüentemente, obtêm suas primeiras impressões, que por serem sempre as mais duradouras, devem ser as mais corretas.⁶⁶

Na visão dos portugueses, os principais valores familiares deveriam ser ministrados pelas mães, pois era delas essa missão, ou seja, deviam procriar, cuidar do seu lar e ensinar seus filhos de acordo com os pensamentos e práticas consideradas corretas. “Logo, as relações de gênero são atravessadas pelo poder. Homens e mulheres são classificados pelo gênero e separados em duas categorias: uma dominante, outra dominada”⁶⁷ um convívio de poder no qual um tenta se sobrepuser ao outro, refletindo em práticas que recorrem da demanda de uma relação de domínio que acabou por

⁶⁶ GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*/ Paul Gilroy ; tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 77

⁶⁷ COELHO, César e Castro; PUGA, Vera Lucia. *Direitos dos homens e deveres das mulheres*. v. 22, 2009, p. 20, p. 13.

reproduzido através dos discursos trazidos pelos sujeitos que detém de uma maior influência.

Ao manter um maior contato com alguns grupos africanos, os europeus ficaram inquietos em encontrar territórios onde o “papel” de homem e de mulher era distinto dos seus. Em algumas regiões, como Lourenço Marques (atualmente Moçambique), muitos homens prestavam serviços domésticos, ou seja, praticavam algo que no mundo europeu era um papel exclusivamente da mulher. Na obra do autor Zamparoni, nos tornamos ciente disso, pois o mesmo afirma que

(...)os empregados domésticos eram, majoritariamente, homens e não mulheres. Tal prática contrariava não só a minha formação mas todos os meios de educação e informação ocidentais que preceituavam que as lides domésticas eram, primariamente, atividades femininas.⁶⁸

Associar as práticas dos indígenas africanos aos males do mundo era uma justificativa de provar a necessidade da intensificação das missões portuguesas, principalmente as católicas, e por assim tornar determinante a propagação do ensino dos valores europeus, para que estes seres tornassem seguidores de uma fé humanizada e salvadora das desgraças que estes estavam aptos a viver para sempre. Esses argumentos foram levantados a todo o momento, como podemos ver no decorrer desses artigos encontrados no *Boletim Geral das Colónias*, pois era através deles que eram fortificavam os procedimentos feitos pelos portugueses.

Há anos, também na povoação brême de Bula, tivemos de solicitar a intervenção do Chefe de Pôsto por causa da mãe de um rapaz acolhido à Missão e que ali era tratado de ferimento. Aquela mãe, rodando por detrás de um tronco de poilão, aguardava momento propício de se apoderar do filho ferido e levá-lo para a sua povoação de Cói, a fim de o sacrificar; pois o doente havia ultrapassado os dias de doença que lhe eram permitidos para continuar a viver! As missões católicas mantêm e dirigem um Asilo de crianças do sexo feminino em Bor, a sete quilômetros para nordeste de Bissau. Apensaram-lhe uma secção de *Creche*, destinada precisamente a salvar a vida das crianças órfãs e das repudiadas pelo selvagerismo de seus pais, negros do corpo e de sentimentos. Abundam ali as provas do desamor dos pais indígenas, por seus filhos. E aquêles estranham a dedicação nossa por tais crianças. E admiram, boquiabertos, os cuidados que extremamente lhes dispensam as beneméritas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras

⁶⁸ZAMPARONI, Vladimir. “Gênero e trabalho doméstico numa sociedade colonial: Lourenço Marques. Moçambique, c. 1900-1940”. *Afro-Ásia*. 23 (1999), PP. 147.

Portuguesas, elas, as senhoras europeias, aos filhos negros e defeituosos que êles enjeitaram(...)⁶⁹

Esse artigo também enaltece a ideia de casamento dos africanos e a visão do colonizador, esse excepcionalmente referindo-se aos indígenas de Guiné. O autor procura mostrar a importância dos mais velhos nessas sociedades. Sabemos que estes eram considerados homens sabedores do mundo, como também vimos no artigo *A libertação da mulher negra* eram os que detinham de maior economia.

Além disso, na África Negra, vigora a poligamia. E como o <lobolo> de mulher corresponde a um encargo material, sucede serem polígamos apenas os negros velhos, aqueles que mais dispõem de meios, e os novos que herdaram as viúvas dos pais, ficando numa família extensa aqueles que não dispõem de recursos forçadamente celibatários. As consequências da poligamia são diversas. Rebaixa o amor tanto no polígamo como no celibatário. Avilta a mulher do polígamo e mesmo a mulher solteira ameaçada de ser cedida. Contribui para a propagação das doenças contagiosas. Diminui a natalidade, quanto mais numerosa for a poligamia. Não se pode abstrair de costumes remotos que profundem raízes milenárias na organização social dos negros e se fundam sobre condições económicas que não são fáceis de elidir.⁷⁰

Os mais velhos, ou melhor, os Chefes, serviam de conselheiros para os mais novos, como também controladores das atitudes que poderiam ser praticadas por estes que não detinham de tamanha experiência. Não diferente de outros artigos, o autor Dias⁷¹, enfatiza a relação da mulher vista como inferior e produto que pode ser vendida a todo o momento, no entanto, devemos sempre ressaltar que essa associação da mulher como instrumento para o comércio, como também a subordinação, foi reproduzida através do olhar do colonizador, colocando-as em um patamar desprezível.

Na vida orgânica da família indígena predomina pois o comando das pessoas de mais idade e não apenas a suserania de avós e pais. Contudo, necessidades da vida colectiva impuseram usanças que levam o preto a acatar igualmente as ordens de pessoas mais novas, quando constituídas legitimamente em dignidade, embora não revestidas, historicamente, de carácter e origem patriarcal: os Régulos e os Chefes das Povoações.⁷²

⁶⁹ Fonte: DIAS, António J. *Boletim Geral das Colónias*, nº239,1945, p. 277.

⁷⁰ Fonte: MAGALHAES, Pinto de. *Boletim Geral das Colónias*, nº244,1945, p. 185-186

⁷¹ Fonte: DIAS, António J. *Boletim Geral das Colónias*, nº239,1945.

⁷² *Ibidem*, p. 275

Dessa maneira, entendemos que propositalmente ou não, os portugueses sempre traziam os povos africanos, como seres animalizados, que não realizavam atitudes condizentes com a normalidade do ser humano. Vemos que os colonizadores repugnavam a maneira que africanos tratavam seus filhos. Como constatamos no decorrer da leitura desses trabalhos publicanos no portal, a palavra negro, muitas vezes, vem associado a coisas ruins, por isso, a importância da intervenção das missões dentro dessas tribos para libertar e como no caso desse artigo, salvar as crianças de práticas inadequadas e violentas.

Sendo assim, ocorre um vínculo da qual o dominador utiliza de estratégias para alcançar o que almeja, mesmo que isso corrobore com a perda dos princípios e valores das culturas do outro, detendo claro, da capacidade de saber lidar com o indivíduo, sendo de forma brusca ou não, havendo sempre, a relação entre o dominador e o dominado, como nesse caso, o homem e a mulher. “A vigilância sobre os corpos femininos era constante e se fazia presente inclusive no cotidiano familiar, pois também cabia ao marido autorizar ou não o trabalho de sua mulher fora do esforço doméstico.”⁷³ Vale ressaltar, que na representação portuguesa diante das suas percepções via-se que não só o marido detinha dessa autonomia, durante as análises dos boletins e como falaremos mais adiante, outros responsáveis também adquiriam da permissão de controlar a mulher, poderia ser este, o pai, tio ou até mesmo um primo, o que valia era a ideia de que a mesma estava impossibilitada de ter uma independência.

Nestes termos, a ideia de violência simbólica perpetrada contra as mulheres é sustentada por mecanismos legais e culturais que perpetuam socialmente este tipo de pensamento machista, pois é escamoteado sob a forma de proteção. O homem como portador do poder não tem como justificar seus atos ou atitudes, já a mulher torna-se secundária nesta hierarquia familiar, desempenhando apenas o papel de mãe que tenta, a todo custo, mediar as relações entre o pai e os outros membros da família.⁷⁴

Um dos motivos que consiste em trazer a mulher negra ao termo de identificação juntamente com a inferioridade é que essas também trabalhavam em ambientes públicos, muitas ocupavam espaços considerados masculinos. Dentre outras abordagens notamos a proteção ao sexo masculino, o condicionando ao patamar de superioridade diante da mulher. Como analisamos no decorrer dos estudos, principalmente de gênero

⁷³ COELHO, César e Castro; PUGA, Vera Lucia. *Direitos dos homens e deveres das mulheres*. v. 22, 2009, p. 14.

⁷⁴ *Ibidem*, p.16.

“até a primeira metade do século XX imputava, somente a mulher, o crime de adultério, pois se compreende que o homem é por natureza infiel e isso é uma atitude normal, aceitável que lhe permitia transitar entre o dever e prazer.”⁷⁵ sendo assim, as mulheres deviam honrar e respeitar sua família e marido, sendo fiel e, sobretudo responsável pelo seu lar e família, no entanto, o homem poderia ter mais de uma mulher, o que vai ser criticado pelos missionários, durante a análise da poligamia.

Urge que a mulher de Angola tome a consciência do papel que lhe incumbe desempenhar, na época actual da vida de África. Nunca, como agora, a sua missão esteve tão abertamente traçada. Consciencializar-se dessa missão, que lhe pertence, é dever tão premente que não pode, de modo algum, ser esquecido. O panorama da vida africana, na hora que passa, é de sombrias e tristes cores. Há lutas, rebeliões, regresso à vida primitiva, retrocesso de civilização, sangue de irmãos, que corre a ensopar a terra, sangue de mártires e de santos, que dão a vida pela sua fé, numa abnegação que nos surpreende e comove. Vemos países que foram prósperos, felizes e progressivos regressarem à barbárie e ficamos atónitos, chocados, num confrangimento de alma que chega ao desalento.⁷⁶

Como afirma o autor Spitzer⁷⁷ sobre a assimilação das diversas raças “a orientação a partir da qual examino a reação assimilacionista à emancipação e a natureza dos confrontos individuais com o racismo outras formas de exclusão e dominação – não é neutra”⁷⁸ O contato desses grupos étnicos tornaram a produção de domínio maquinado, sendo assim, os subalternos procuravam a melhor forma para se aproximar ou ascender juntamente com o grupo dominante, como no caso de alguns negros africanos que mesmo depois de terem sido escravizados, e ao conterem uma ascensão passavam a escravizar outros negros, como forma de se integrar deste para uma melhor convivência, como viés de se distanciar de um trauma realizado pela cor ou pela existência de uma cultura diferenciada.

A visão apresentada pelos portugueses de que a salvação e harmonia individual estariam juntamente com a sua cultura, e que por esse motivo, os africanos deviam se adaptar ao que era transposto por eles. Acabou conduzindo ao que é trazido por Spitzer em relação aos discursos propostos aqui, pois notamos a forma que as mulheres são

⁷⁵ Ibidem, p.14.

⁷⁶ Fonte: SANTOS, Maria Olema M. da Fonseca. *Boletim Geral das Colónias*. n°456-457, 1963, p. 334

⁷⁷ SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*/ Leo Spitzer; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

⁷⁸ Ibidem, p. 23.

caracterizadas e que mostradas através desses discursos, muitas vezes seguindo estereótipos trazidos pelos europeus, por interpretarem como a melhor maneira de obter algumas regalias dentre a convivência com o explorador ou por ser submetida a seguir a mesma.

Desde a narrativa da bíblia a criação da mulher foi relacionada a subordinação ao homem (principalmente ao seu marido), sendo assim, nas rotinas era evidente os diversos comportamentos, entre eles, a exploração sexual em que a mulher deve se submeter, principalmente relacionado ao seu senhor, como afirma a autora Claudete⁷⁹, a mulher é ensinada a ser submissa do homem. Mesmo que as mulheres africanas não tivessem com raiz essas ideias, o português transpassava as mesmas mostrando a necessidade de libertar e instruir as africanas. “No âmbito dos dominadores, foi uma época em que algumas ideias pseudocientíficas, que vinculavam a “raça” e o “potencial cultural”, serviram de base para o ressurgimento de antigas práticas de exclusão e novos padrões de discriminação e perseguição.”⁸⁰

As práticas europeias, como as missões, são trazidas nos boletins como ações que devem ser recorrentes e necessárias para que as mulheres saibam, a exemplo, realizar o seu papel, essa que é posta de modo “correto” pelos portugueses. A que conclui excluir as mulheres que não realizassem esses costumes, e que ao ensinada para os demais integrantes das colônias, corroboraria em um meio viver em harmonia e instruir-se a civilização, sendo assim salvo, mesmo que diante do seu histórico continuasse em um patamar inferior e vulgar aos demais indivíduos. Dessa forma, vê-se a necessidade de uma maior abrangência dos estudos sobre essas relações, para mostrar a visão desses conhecimentos trazidos pelos colonizadores em meio a esse “retrocesso” em que viviam os africanos.

Muitos africanos tinham controle sobre o Outro, corroborando a vida instável destes, contudo devemos lembrar que muitos desses indivíduos eram de diversos lugares, ou seja, de territórios diferentes, eram indivíduos heterogêneos. Assim vale ressaltar, que ao falarmos africanos, devemos firmar que não é apenas um grupo, mas sim vários, que detinham de culturas e visões divergentes, acarretando em uma ideia de que poderia ser superior ao outro, por falar mais línguas ou praticar uma religião que

⁷⁹ CANEZIN, Claudete Carvalho. *A mulher e o casamento: da sumissão à emancipação*. 2004.

⁸⁰ SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*/ Leo Spitzer; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 28.

para si era mais importante. “O incremento de todos os sectores da inteligência humana levou os povos a aplicá-los às ciências da colonização – a arte de conduzir povos atrasados até à nossa civilização”⁸¹

Nos artigos analisados, algumas mulheres são referidas mais que outras, com características que as colocam em um grau mais positivo que as demais, como também as divisões de trabalho, como estes eram divididos? As que detinham de mais regalias como, por exemplo, ser a mulher mais velha da família; ou ter uma melhor relação com seu senhor, dependendo do período ocorrido. Desse modo acabavam sendo beneficiadas com vantagens diferentes das demais, como também é trazido por Leo Spitzer, às vezes esses escravos, podendo ser homem ou mulher, eram tratados como filhos dos seus senhores.

Não se pode deixar de lado o fato de que os escravos eram, normalmente, muito explorados. Até quando tinham algum privilégio, eram impedidos de participar de forma integral da comunidade como um todo. Em tais condições, sempre há pessoas, quer exploradas quer privilegiadas, que não vêem como mudar ou melhorar sua sorte seguindo as regras normais do sistema. Essas pessoas procuram ir além das circunstâncias que a escravidão lhes impõe e exigem mais do que seus donos ou governantes estão dispostos a dar-lhes por livre vontade.⁸²

Assim notamos que sempre houve a relação de poder e desigualdade diante de benefícios. Durante a escravidão ou exploração dos africanos estes tinham suas vivências limitadas, como a quantidade de roupas, a porção de comida como também o horário, isto é, a maneira de mostrar a dependência ao outro.

(...)como também os grupos subordinados, para se emancipar verdadeiramente, tinham que ser levados a mudar. Assim, embora o Estado e diversas instituições religiosas ou educacionais ligadas ao sistema dominante viessem a desempenhar o papel contínuo de promover a reforma, esperava-se- a rigor, exigia-se- que os membros das populações emancipadas se adaptassem e se conformasse, em alguma medida, aos valores, concepções e estilo de vida dos emancipadores.⁸³

⁸¹ Fonte: ALMEIDA, de Antonio. *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. Nº 169, 1939, p. 13

⁸² THORNTON, John K. *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 355.

⁸³ SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*/ Leo Spitzer; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 37

Ou seja, era necessário que esquecessem suas origens e moldassem seus valores de acordo com a educação dada pelos colonizadores, para serem considerados eminentemente livres do pecado. Durante a análise de alguns boletins notamos a forma que o estrangeiro o coloca como um ser que respeitava e que não pretendia acabar com as culturas dos colonizados, que desejavam apenas ensiná-los o bem e tornarem mais civilizados, mostrando alguns de seus hábitos. Contudo, a posteriori afirma a necessidade de moldar esses costumes africanos, e aí dentro dessa medida, traz a “defesa da mulher” de que a mesma tem direito a liberdade, como também a questão da religião, confrontando casos de poligamia e de práticas demoníacas, como preferiam chamar.

Os missionários católicos rejubilam imenso com isto. De há anos que vinham reclamando esta medida, esforçando-se por convencer a Administração de que nada havia nela que fôsse contra o compromisso tomado pela França de respeitar as tradições estabelecidas: Não foi uma revolução nos costumes indígenas; foi apenas a consagração duma transformação operada na vida social e familiar dos indígenas sob a influência civilizadora da França.⁸⁴

Nas visões de alguns colonos era mais fácil não contestar os dominadores e se acostar-se dos seus valores do que se rebelar contra os mesmos, ou seja, era preferível a adequação as novidades para tentar se relacionar como os outros que já tinham de uma classe considerada mais favorecida, tendo a ideia de inclusão no mundo do dominador como a melhor alternativa. Para tanto, também serem menos pressionados, procurando uma forma de viver mais em harmonia, ou pelo fato, de vir a achar que os portugueses poderiam ajudar no seu cotidiano, e que se aproximando do que era perpassado através do conhecimento adquirido pelos colonizadores, eles tornariam seres salvos. Dessa forma, o discurso trazido sobre esses indivíduos é desfavorável, como meio de argumentar e tornar as práticas realizadas relevantes, as mulheres não foram diferentes dos homens, contudo pode se afirmar que

As mulheres, de acordo com a tradição religiosa, ficavam isentas e excluídas do estudo da Lei, principal componente do currículo tradicional judaico. Em geral, não frequentavam a escola; mal chegavam a receber alguma educação formal, absorvendo o que podiam do meio que as cercava... Assim, as filhas das famílias abastadas do gueto foram as primeiras a se beneficiar das novas oportunidades. Foram as primeiras a aprender a língua de seus

⁸⁴Fonte:CHAPOULIE, Henri. *Boletim Geral das Colónias*, nº180,1940, p. 135

vizinhos e a se familiarizar com as línguas e a literatura estrangeira. Foram também aquelas que adquiriram o traquejo social que lhes permitiu transitar com facilidade por uma sociedade não limitada aos judeus. Os homens tiveram mais dificuldade com isso. Existem registros, desde a época dos salões literários, de que alguns homens, cujas esposas eram a vida e a alma das reuniões sociais, sentiam-se por demais embaraçados para frequentá-las publicamente.⁸⁵

A citação acima aborda sobre as mulheres judias, mas o caso também pode ser utilizado para compreender o que acontecia com as mulheres africanas que por manter contato com diferentes línguas aprendiam com mais frequência outros idiomas, por exemplo, utilizando isso como sedução para que almejassem um amasiamento com uma pessoa que pudesse favorecer ou dar a sua liberdade, ou mesmo regalias, assim passa a compreender o âmbito dos privilégios, onde os direitos masculinos, como por exemplo, a atividade pública, tornava a ascensão e o contato com as transformações maiores para o homem do que para a mulher.

Como podemos observar no artigo intitulado *A missão da mulher portuguesa na África*, a senhora D. Irene afirma que “ A mulher tem nas colônias uma função própria: cabe-lhe, em África, manter no lar a tradição da família e o ensinamento da Pátria.”⁸⁶ O lar, este que é trazido como o verdadeiro e necessário lugar. Na qual é possível ensinar e salvar o futuro dos filhos, onde é segurado como direito da mulher, pois somente ela, tem intimidade, e conhece os valores desse ambiente. Os portugueses eram os indivíduos capazes de manter a tradição da verdadeira família, e, sobretudo, o livramento dos degenerados que só faziam mal ao mundo, característica dada aos povos que não seguiam os padrões, como alguns africanos. Assim, o papel da mulher portuguesa que reside nesses territórios detidos de almas perversas é de salvaguardar suas crias e tentar salvar o próximo, seja ele quem for. Essa é a visão trazida nesse artigo acima, este que reproduz a relevância dessa mulher capaz de salvar sua família das enfermidades trazidas por um grupo sórdido. “porque é apenas no recato, na intimidade do lar, que êle deve exercer-se, numa obra constante de aperfeiçoamento familiar.”⁸⁷.

⁸⁵ SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*/ Leo Spitzer; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 47.

⁸⁶ Fonte: GIL, Irene Godinho P. Mendes, *Boletim Geral das Colônias*, nº 149, 1937, p.129

⁸⁷ *Ibidem*, p. 130

Durante os últimos anos, escutamos muito se falar sobre o real valor da mulher, este que é colado através de palavras como recatada, exatamente essa que é citada acima no ano de 1937, e que há exatamente 80 anos se ouve falar na precisa afirmação desses valores perante a mulher, e nesse momento pensamos, se realmente transcendemos esses períodos? Ou se eles ainda prorrogam diante das nossas vistas, porém com outras práticas, se não, ainda as mesmas. A culpabilização submetida à mulher, está caracterizada como mostra no artigo, “desorientada” que se não ensinasse ao seu filho o real sentido da vida e os valores que tornasse o mesmo um sujeito fiel a Deus, a família e Pátria, o verdadeiro trio da salvação que repugnada e distanciava dos males do mundo, era papel da mulher e só dependia delas, ou melhor, as mães, de exercer o papel de defensoras do bem, pois só elas detinham de tamanho poder de salvar as almas dos seus filhos. Essa visão sobre a mulher, explica a forma como os portugueses rejeitavam as práticas realizadas pelos africanos diante dos seus filhos.

A geração que hoje sorri no berço, na inconsciência feliz da primeira infância, formará a sociedade dos homens de amanhã: moldada por nós, afeiçoada a alma na prática e no amor das tradicionais virtudes lusitanas, aceso a patriotismo não apenas na lembrança do que fomos, mas também na consciência do que somos e sobretudo do que poderemos vir a ser, ela formará uma força invencível, pronta a defender a boa causa – a causa da Família, Pátria e Deus que foi o lema dos valorosos portugueses de outrora, e há-de ser, tenhamos nisso fé, a causa da geração que definitivamente conduzirá Portugal a seus gloriosos Destinos.⁸⁸

A “liberdade” da mulher era ocasionada em sua maioria no ambiente privado, sobretudo em seu lar, ou seja, a mulher que participava ou se adaptava a esses seguimentos tinham uma vida mais serena, essa ideia é colocada para explicar a vivência da mulher africana e o porquê da mesma obter um futuro infeliz. Como é trazido nos discursos recorrentes dos boletins o papel da mulher era cuidar do lar, como esposa e mãe, esse conceito era travado para todas as mulheres, no entanto, as africanas desmoralizavam esse costume, pois muitas não “cuidavam dos seus filhos”, isso de acordo com a visão dos portugueses sobre isso, como também a prática da poligamia e sugia dos padrões exercidos pelo casamento.

As mulheres, é claro, fizeram sua trajetória para a classe burguesa, para o mundo do grupo dominante, paralelamente aos homens. Em muitas ocasiões, facilitaram enormemente a ascensão na classe social

⁸⁸Ibidem. p.130-131

por meio dos dotes que levaram para o casamento e das alianças econômicas que ajudaram a formas. Além disso, tanto quanto os homens que entraram na burguesia, as mulheres adotaram o estilo de vida e os trajes apropriados à classe média de seus respectivos países.⁸⁹

As mulheres diante do que viviam e as práticas que eram ensinadas, dentre estas, existia o casamento através do dote, esta que é uma prática que resultava muitas vezes em uma ascensão, contudo também tornava a mulher refém ao homem, através também do pagamento, pois como vimos em alguns artigos trazidos nos boletins, homens pagavam para se casarem com determinada mulher, tendo esta adepta para a produção econômica e procriação dos filhos. Durante a análise dos boletins encontramos um artigo que tratava da “evolução” da mulher indígena na África. A transformação positiva que a autora enaltece durante a sua escrita é a subordinação da mulher, onde esta é adquirida de acordo com as vontades do proprietário, falamos essa palavra, porque ver na interpretação desse artigo que a mulher na visão do colonizador era movida como um objeto, na qual é vendida, pois o termo comprador e possuidor são utilizados entre as abordagens que explica como acontecia as escolhas para o casamento.

Os pais têm (sic) direito de vida e de morte sobre os filhos, propriedade sua. Filhos e mulheres são súbditos do chefe da *morança* em grau igual e considerados todos riqueza material da casa, instrumentos de trabalho e de receita. Compram-se e vendem-se quasi como qualquer outra mercadoria, - decerto reminiscências da velha escravatura. São preferidas as filhas aos filhos, por terem aquelas venda fácil e rendosa, para casamento. As mulheres, compradas em casamento ou herdadas de parentes falecidos, não participam de direitos idênticos aos do homem, no aglomerado familiar. Usufruem as atribuições e regalias que seu dono lhes conceder. Constituem a grande riqueza e propriedade de casa, não só pelo seu valor físico, braçal, no amanho dos campos e dos pântanos, como pela proliferação, fonte de nova riqueza, os filhos. Observemos com Maurice Delafosse: para estas gentes, <o trabalho, ou, talvez, mais exatamente, a acção produtora do homem é considerada a única fonte de propriedade; mas êle não pode conferir o direito de propriedade senão ao objecto que produzir>. O homem ou a criatura humana aproveita o solo e fá-lo produzir; mas o solo não é produto do seu trabalho. Nestes termos, o valor económico reside portanto nos instrumentos de trabalho, nos braços que aram a terra, que lhe lançam a semente, que lhe assistem e depois recolhem aos celeiros. Semelhante conceito tem cabimento e explicação na imensidade do Continente Africano, infra-populado, onde, portanto, a totalidade das

⁸⁹ SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*/ Leo Spitzer; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 48

terras são livres. O casamento reveste o aspecto de mero contrato, feito não entre os nubentes, mas entre as famílias dêles, ou mais precisamente, entre os chefes das duas famílias. O marido compra a espôsa, logo que elas nasce, anos depois, ou apenas na ocasião de a tornar por companheira. O preço e maneira de pagamento depende dos casos, ou, pelo menos, dos costumes de cada tribo. Geralmente o futuro genro tem de prestar ao sogro serviços vários no amanho das terras e de entregar-lhe, antecipadamente, determinadas cabeças de gado ou certa quantia em dinheiro e outros objetos.⁹⁰

Nas descrições dos artigos as mulheres eram tratadas como objeto, vendida e comprada como um produto, associada aos animais que eram vendidos e trocados. Para, além disso, o casamento poderia acontecer entre familiares, bastava, por exemplo, o tio avisar para a irmã que a sua filha iria ser para o seu filho. Maria André fala sobre a questão do dote, este que é utilizado pelos pais da garota, como forma de entregar sua filha a outro responsável. Entendemos o dote como um pagamento para que o indivíduo tome posse da garota, ou melhor, a venda da mesma. Segundo a autora alguns pais chegavam a pedir dinheiro emprestado e colocavam a filha emprenhorada, se o dinheiro não fosse devolvido, o atribuinte teria a mulher como sua de direito até o noivo ou o sujeito que tivesse interesse na dita pagasse o que o pai devia, como forma de mostrar interesse pela mesma.

O artigo intitulado *A libertação da mulher negra*, do autor Pinto de Magalhães, traz durante seu percurso uma frase intrigante, em que o mesmo afirma que “Não se deve apresentar a família negra como a nossa” sendo que em seguida, o autor procura explicar os sentidos da palavra “Família” na África, sustentando a ideia da falta de amor dentre os parentes. Pois o mesmo enfatiza sobre quantidade abundante de lares, que eram desempenhados com o propósito de estimular a economia; a percepção da falta de afeto, que é transpassado durante a leitura do artigo, em que o escritor quase sempre presume que os casamentos eram estabelecidos pelos mais velhos, como pais e tios, e não pelos cônjuges.

A espôsa estéril pode ser devolvida ao pai, que entregará ao genro o custo dela, se êle o exigir. O mesmo princípio vigora em algumas das tribus para as esposas infiéis, enquanto noutras os filhos espúrios são verdadeiramente apreciados, como riqueza do casal. Ao contrário do que vai sucedendo infelizmente em terras civilizadas, os indígenas guineenses estimam muitos os filhos e maximamente as filhas. Rejeitavam porém os gêmeos e os defeituosos, que, antes dos três ou quatro anos, expõem na selva À voracidade das feras ou afogam nos

⁹⁰ Fonte: DIAS, António J. *Boletim Geral das Colónias*, n°239,1945, p. 276

rios ou pântanos. A mesma sorte cabe frequentemente às crianças cujas as mães faleçam de parto e ainda às que, por credence, forem classificadas de feiticeiras... Nessas tribus, percebe-se mal o carinho dos pais com os filhos e o amor destes a seus progenitores ou parentes. Uns e outros cumprimentam-se friamente, proferindo o nome um do outro e mantendo-se a certa distância, em conversas mais ou menos indiferentes, ou trocando, quando muito, um apêto, de mão, à imitação dos civilizados menos íntimos.⁹¹

Na condução do trabalho o autor busca salientar sobre a maneira que os casamentos eram realizados nas tribos africanas, deixando explícito que os matrimônios eram desempenhados unicamente para um melhor manejo da produção econômica e que esse era o papel da mulher, casar-se para tornar instrumento de trabalho do seu marido. Notamos o quão é plausível o interesse do autor de tornar essa cultura imprópria e de considerar uma desvantagem para/com a mulher, pois essa competência e autonomia para a escolha do companheiro era escolhida pelo pai ou responsável, pois a filha era considerada um bem muito importante na sua moradia, dessa forma, essa união deveria trazer algo lucrativo para ambas as partes, pai e marido.

Mesmo abstraindo de considerações provenientes de nossa ordem mora, este erro avulta tanto mais quanto é certo que a mulher constitui, em regra, a sua riqueza, não só pelo trabalho que lhe presta, como pela proliferação, que com os filhos, lhe aumenta essa riqueza. (...) Não são, porém, os relativamente leves trabalhos agrícolas – nos casos em que, pelo costume, eles lhe competem, além dos serviços quase diários de procura e transporte de água e lenha, para preparar as refeições, e da operação de pisar omilho ou a mandioca, ou de descascar o arroz – que dão à indígena africana a sua condição de inferioridade. Muitas das nossas mulheres de aldeia se empregam no campo e cavam e semeiam e charruam e carregam os carros e praticamente executam todos esses trabalhos tal como os homens. Somente, estes últimos, ao contrário do que sucede ainda com muitos indígenas africanos, jamais se mantêm deliberadamente ociosos, e é em primeiro lugar pelo rendimento da sua atividade que se regula o nível de vida das respectivas famílias.⁹²

No artigo é verossímil a explicação da ausência de mulheres viúvas na África através da sucessão, onde após a morte do marido a mulher é norteadada ao seu próximo parceiro, vale ressaltar, que este seria alguém próximo do falecido, como o filho ou irmão. Contudo, durante a leitura também percebemos que o autor é excepcional ao

⁹¹ Ibidem, p. 276-277

⁹² Fonte: ZANATTI, Mário. *Boletim Geral das Colônias*, nº 308, 1951, p. 154-155

dialogar sobre a ideia da qual enfatiza que a representação da mulher como objeto é conduzida pelo mundo Europeu, pois ao olhar dos africanos, a mulher não era exatamente usada como uma moeda de troca, mas que essa prática recorria como valor crucial para toda a sociedade. Entendamos a relação de o matrimônio estar associado a geração de pecúlio e a procriação que eram importantes para a sobrevivência da sociedade, por isso, a mulher era passada para um familiar do seu marido para a permanência econômica dos parentes.

Na poligamia entendia-se a elevação dos conflitos e mazelas recorrentes no cotidiano dos indivíduos que subvertiam a ordem portuguesa, dessa forma, a reprodução dos valores europeus eram primordiais para que esses acontecimentos fossem extinguidos e que a existência dos africanos fossem convertidos à um convívio humanizado, independente e santificado.

Para tornar a ideia mais condizente e explicativa, Magalhães⁹³ ainda esclarece que a poligamia é trazida como um mal que deve ser revertido, no entanto, também deve ser compreendido como uma prática atuante dos africanos, pelo fato, de ser utilizada como maneira de assegurar a família e a condição econômica da mesma. Para os colaboradores, os quais estamos utilizando nesse trabalho, essa prática é considerada irrelevante, e que por ser desumana necessitava-se das missões civilizadoras para que os tornassem homens instruídos e praticantes dos valores portugueses. Para, além disso, uma maneira de tornar a mulher autônoma.

Não se deve representar a família negra como a nossa. Em África, a palavra família designa dois grupos diferentes. O simples lar ou a sociedade <conjugal> e a sociedade <doméstica>, formada por inúmeros lares de irmãos, primos e sobrinhos que vivem sob a autoridade de um patriarca. É êsse patriarca que casa os rapazes da extensa família com as raparigas doutra família extensa, porque a regra exogâmica, isto é, da ligação de um homem com mulher de tribo diferente da sua, é invariavelmente seguida. Pede-se muitas vezes a opinião do noivo, mas a noiva nunca é ouvida. Como a terra é excessivamente abundante, não constitui objeto de propriedade e como no sertão, pelo menos, não há gado pecuário, e o único instrumento de trabalho dos campos é a enxada manejada apenas pela mulher, a única riqueza de uma família, no sentido amplo, é constituída justamente pela fêmea. Se um patriarca cede, portanto, uma das suas filhas ou sobrinhas para se casar algures, fica privado dum preciso utensílio e exige lógicamente em troca uma compensação. Foi essa indenização que muitos consideraram preço de compra, concluindo erradamente que a mulher era vendida como

⁹³Fonte: MAGALHAES, Pinto de. *Boletim Geral das Colónias*, n°244,1945.

simples cousa. Mas isso é uma concepção europeia, que olha à superfície dos factos, não obstante ser exacto que tôdas as mulheres sejam objecto de trocar por qualquer objecto material e, desde a introdução da moeda, até por dinheiro. Quando morre o marido, a viúva não fica livre. Pelo casamento, contratou duas uniões de natureza diferente. Uma, a união corporal com o marido, ficou evidentemente anulada pela morte, mas a união jurídica, contratada do mesmo passo com a família extensa dêsse homem, mantém-se sob a autoridade do patriarca, que a entrega a outro homem, herdeiro do defunto. Pode afirmar-se de que em África não existem viúvas.⁹⁴

Vale ressaltar, que para a autora Maria André⁹⁵, o dinheiro é colocado como principal movimento da mulher, o interesse quando colocado por outro homem com um valor superior aos demais, acaba por transferir a africana para outro noivo, ou seja, se não aparecer um indivíduo com uma quantia mais elevada, esta se casará com novo pretendente. Uma das práticas mais instigantes é que mesmo a mulher ficando viúva não detinha de sua liberdade, pois seria agora usada como herança do seu parceiro, diante disso, tornaria partilha ou dirigida entre os filhos do morto, ou pelos familiares mais próximos.

Morrendo o marido, a mulher faz parte da herança: é um bem de família e passa aos herdeiros do defunto. A mulher estéril, a mãe cujos filhos morreram, é considerada ser inútil e, por vezes, na velhice, é acusada de feiticeira e condenada à morte bárbara que o costume reserva a êsses casos.⁹⁶

Decorrente dos artigos nota-se que a mulher é representada através da tutela de alguém, não tinham uma liberdade convincente, muito menos autoridade sobre si mesmo, ou seja, deviam ser conduzidas e pertencentes a outra pessoa, um responsável que cuidaria do seu futuro, além de que o seu sentimento não tinha nenhum valor.

Por tôda a parte e qualquer que seja a sua idade, rapariguita dalguns meses ou viúva de cinquenta anos, a mulher indígena é com maior frequência considerada como uma <<coisa>> que não pertence a si mesma e de que se dispõe sem se ter em conta sentimentos de affecto, de repulsa ou de desgosto que possa ter. Se uma rapariga é constringida a casar com um doente, um cego ou um leproso, que se torne a décima esposa dum velho, os indígenas não vêem nisso nada de anormal e a rapariga não pode escapar à triste sorte que a espera.⁹⁷

⁹⁴ Fonte: MAGALHAES, Pinto de. *Boletim Geral das Colónias*, nº244,1945, p. 185

⁹⁵ Fonte: ANDRÉ, Maria. *Boletim Geral das Colónias*, nº 158-159,1938.

⁹⁶ Fonte: ANDRÉ, Maria. *Boletim Geral das Colónias*, nº170-171,1939, p. 139

⁹⁷ Fonte: ANDRÉ, Maria. *Boletim Geral das Colónias*, nº 158-159,1938, p. 117

O que é transpassado pelos portugueses é que os costumes deviam acima de tudo serem respeitados, mesmo diante da infelicidade das rapariguitas, como são chamadas, deviam entender o mundo em que viviam e apenas aceitar, que mesmo com as transformações que estavam ocorrendo diante do mundo, os costumes foram os mais lentos possíveis, o que corroborou na resistência de algumas mulheres consideradas pela autora como inteligentes, que se negavam a casar-se com velhos leprosos ou homens que não fossem de seu interesse. Quando é colocada a distinção da mulher indígena africana e a mulher europeia, a segunda é trazida com a visão de uma que detém da liberdade e dignidade, principalmente por ser cristã, sendo assim, diante do que é posto sobre a segunda, vê-se através do interesse do que é escrito que

O mal só pode ser combatido em todos os pontos e por tantos métodos quantos são os seus aspectos sociais, económicos morais e jurídicos. Para não citar senão um exemplo das dificuldades da acção, tenhamos presente que se a poligamia não existisse, um patriarca negro para manter a família doméstica teria necessariamente de empregar salarizados, mas o salariado, no aspecto moral, tem inúmeros inconvenientes, e seria imprudente introduzi-lo na orgânica social dos negros. No entanto, as realidade económicas já operam bastante para a poligamia. À medida que se vai generalizando entre êles o cultivo civilizado de terras, não apenas de inhame ou da mandioca, cultivo simples e por isso ainda acessível ás mulheres, mas do café e do cacau, que já exige a intervenção do homem, a mulher vai deixando de representar o instrumento único do trabalho e , portanto, o maior objecto de riqueza da família doméstica, diminuindo consequentemente o interêsse para o homem de possuir várias mulheres. Às realidade económicas, acrescentam-se as forças morais da missionização, erguendo o negro da barbárie para a civilização cristã e incutindo-lhe assim nos costumes e monogamia civilizadora. A cruzada, portanto, a empreender para livrar a mulher negra, exige mais do esforço colonizador, do que do impulso das vontades humanas, que êle seja orientado no sentido de facilitar quanto possível a acção missionária e a acção económica, e abandonando a política indígena que tende a conservar intactas instituições que resolvem na escravidão ignominiosa da mulher.⁹⁸

A posteriori, é notado necessidade do contato e ensinamento dos portugueses a esses colonizados, para que os mesmos obtivessem uma vida mais harmônica, que exercesse o “respeito à mulher”, para, além disso, a liberdade e a justiça. Ou seja, estas transformações eram colocadas como ações que beneficiariam as mulheres e que por isso era importante a educação e civilização desses povos pelos exploradores, como

⁹⁸ Fonte: MAGALHAES, Pinto de. *Boletim Geral das Colónias*, n°244,1945, p. 186

forma de salvá-los e ensiná-los a viver melhor. Como o casamento que deve ser realizado com o consentimento de ambos e sem a poligamia, o que não acontecia com as mulheres indígenas africanas, assim via-se a precisão de torná-los adeptos a religião cristã para que esses costumes fossem alterados, sendo assim, as mulheres teriam mais direitos, como uma educação na qual iriam ser instruídas a seguir padrões ocidentais, na qual

(...)as mulheres deveriam ser educadas nos princípios rudimentares da religião cristã, para que substituíssem “as crenças e costumes selvagens” que a impediam de “entrar no convívio da civilização”; e instruí-las nos deveres de uma boa dona-de-casa, capacitadas para os trabalhos de corte e costura, o que tornaria fácil a ela e aos seus filhos trajarem-se “à européia”.⁹⁹

As mulheres eram representadas e vistas pelos portugueses através dos diversos valores que seguiam, havendo para estes, a essência de tomar conhecimento do “melhor” e mais “correto”, pois essas percepções eram trazidas juntamente com o direito a maior liberdade. Mesmo que a mulher indígena tivesse compreensão dos valores de seus grupos, o estranhamento dos mesmos poderia acontecer através do contato com outras culturas e quando isso ocorresse, acabaria por corroborar em ações inquietantes perante as devidas práticas as quais estavam habituadas. Essa seria um dos motivos que muitas mulheres, claro que não só elas acabassem por reproduzir o que era oferecido pelos exploradores, além disso, algumas pessoas passaram a acreditar e querer seguir esses novos hábitos propostos por outros indivíduos.

É curiosa a organização dos mapas do censo a que então se procedeu, nos quais a população, distribuída pelas três categorias fundamentais de brancos, pardos(fôrros e escravos) e pretos (fôrros e escravos), era ainda considerada dividida em 8 classes, conforme as idades e sexos, abrindo-se ainda uma classe excepcional para as pessoas acima dos 90 anos.¹⁰⁰

⁹⁹ZAMPARONI, Vlademir. “Gênero e trabalho doméstico numa sociedade colonial: Lourenço Marques. Moçambique, c. 1900-1940”. *Afro-Ásia*. 23 (1999), PP. 157.

¹⁰⁰ Fonte: DIAS, Gastão de Sousa. *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N° 182-183, 1940, p. 130

Censo da população de Angola

Raça:	Nº
Filhos de pais brancos	1.700
Filhos de pais pardos fôrros	3.874
Filhos de pais pardos escravos	637
Filhos de pais pretos fôrros	435.437
Filhos de pais pretos escravos	45.510
Total	487.358

Tabela 1. Fonte: DIAS, Gastão de Sousa. *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 182-183, 1940, p. 130

Os censos são trazidos como meio de mostrar a diferença na proporção numerosa em relação à população Angolana, para que seja notado, que isso vai perpetuar por muitos anos, nessa imagem podemos notar que os grupos não são divididos por sexo ou idade, este que seria interessante ser trazido com divisão entre jovens, adultos e idosos, contudo, são separados entre os que são eminentemente brancos, os pardos e os negros, estes dois últimos sendo subdivididos em fôrros e escravos, ou seja, os que já são “livres” e os que permanecem sob tutela do seu senhor. O censo divulgado no *Boletim Geral das colónias* do ano de 1940, mesmo que não traga essas quantidades com mais especificidade, o autor mostra a grande quantidade de indivíduos pretos que são fôrros e escravos, estes que tem um número bem perceptível em relação aos pardos e brancos.

O mapa apresentado por Lopes de Lima, referente a 1845, acusa a existência total de 3886.463 habitantes nos reinos de Angola e Benguela, não incluído o recente distrito do Duque de Bragança dos quais 1.834 brancos. Dêstes eram 1.647 homens e 156 mulheres, em grande parte degradadas, números que eloquentemente revelam a fragilidade da colonização portuguesa ainda nos meados do século XIX. (...) O cálculo da população continua, portanto, a assentar em estimativas mais ou menos grosseiras, realizadas sem carácter científico e sem qualquer espécie de sequência. A portaria de 20 de Outubro de 1835 fôra aplicada ao Ultramar. , exigindo a remessa de elementos estatísticos. E finalmente, a Carta de Lei de 17 de Agosto de 1899 determinada para o ano de 1900 a realização do censo da população em todas as possessões ultramarinas. As operações a que

então se procedeu determinaram para Angola os seguintes elementos demográficos, segundo as raças:¹⁰¹

É interessante ressaltar que o número de pardos escravos são os menores, além da quantidade de pardos fôrros que são numerosamente o dobro dos filhos brancos, o que podemos explicar, com o fato dos casos de amasiamentos que os senhores tinham com as escravas/ mulheres negras, o que tornou relevante menor quantidade de filhos “puros” dos colonizadores. Para além disso, como meio de ressaltar nossas ideias, notamos que a quantidade de filhos pardos escravos são o menor número, estes porque como compreendemos por ser filhos dos brancos acabavam por terem sua liberdade permitida, mesmo que estes ainda fossem tratados diferentemente dos filhos de mulheres brancas, e sobretudo sem reconhecimento do pai, apenas detinha de algumas regalias, como a liberdade entre os demais.

Raça:	Nº
Branca	9.198
Mixta	3.112
Preta	4.777.636
Total	4.789.946

Tabela 2. Fonte: DIAS, Gastão de Sousa. *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. Nº 182-183, 1940, p. 131

Podemos notar que em todos os censos trazidos até o momento neste trabalho apresentam a quantidade de negros e escravos bem superior em relação aos brancos e pardos, além da quantidade de mulheres brancas que tem o menor número entre a análise dos boletins. Neste segundo censo acima, podemos notar que a quantidade de habitantes negros ainda é exorbitante em relação aos indivíduos brancos e pardos, principalmente em associação com o segundo grupo. Além disso, podemos notar que “as estatísticas quase sempre são assexuadas. Principalmente no domínio econômico, nas estatísticas industriais ou naquelas do trabalho. A sexuação das estatísticas é

¹⁰¹ Ibidem, p. 131

relativamente recente, tendo sido demandada por sociólogas do trabalho feminista.”¹⁰² Durante a análise dos censos percebemos que não se divide mulher e homem, é falado artificialmente, sobre as idosas que tem um número considerável aos dos velhos “ 537 homens e 769 mulheres, de idade superior a 90 anos.”¹⁰³

Ao início da pesquisa dos documentos obtidos através do *Boletim Geral das Colónias*, um site que denomino, indubitavelmente, como riquíssimo e que deve ser mais explorado. Por não conter somente a representação dos povos africanos pela visão dos portugueses, mas, também o realce sobre, as práticas dos povos africanos e suas culturas, além do movimento econômico e político. Pois como notamos no decorrer do trabalho, os documentos analisados acabam por mostrar as diferentes culturas africanas, como eram seus espaços e relações com o Outro.

Para, além disso, compreendemos que os povos africanos foram submetidos a uma opressão que tentava desvincular os mesmos de suas raízes culturais, pois o que via como maior objetivo do português, era a de civilizar e explorar os africanos, mesmo que isso acarretasse em uma maior construção de diferença e inferioridade, onde quem detinha de poder e “conhecimento” era o único que tinha a possibilidade de tornar os africanos, “povos detidos de progresso e desvinculados do satânico”.

¹⁰² PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*/ Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. – 2. Ed, 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016. p.21

¹⁰³ Fonte: DIAS, Gastão de Sousa. *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N° 182-183, 1940, p. 130

2. COMO SÃO RETRATADAS AS MULHERES AFRICANAS NO ÁLBUM MOÇAMBICANO LOCALIZADO NO *BOLETIM GERAL DAS COLÓNIAS*

2.1 FONTE IMAGÉTICA: A FOTOGRAFIA, A INTERPRETAÇÃO E O IDEAL DE REAL

O presente capítulo analisará o conjunto de imagens fotográficas que pretendem representar as mulheres africanas das diferentes regiões de Moçambique e, através delas, buscamos apresentar aos olhos do ocidente os costumes, vestimentas, trabalho, relações de parentesco, e outros conteúdos típicos do cotidiano daquelas mulheres. Buscamos, com isso, trabalhar com a representação das fotografias, usando-as para também interpretar o que estava posto nas mesmas dando uma maior visibilidade às mulheres. No ensejo da análise dessas imagens visuais e da ilustração abaixo das mesmas, notamos o empenho dos editores da revista em propagar essas fotografias e tornar evidente ao leitor que tais imagens representavam de fato a vida dos africanos. Como o autor Ulpiano afirma,

Os cuidados necessários para a compreensão das particularidades da linguagem fotográfica são, frequentemente, desconsiderados. Tal procedimento acaba por reforçar(...) a ideia de que os homens e as mulheres de ontem viviam exatamente como se apresentam nas respectivas fotografias.¹⁰⁴

Em relação ao conjunto de toda a obra, ou seja, do contexto produzido no documento e a análise da fotografia que não podem ser rejeitados, pois mesmo que a imagem fale por si só, a introdução feita pelos editores e as suas respectivas legendas ilustrativas remontam aos interesses dos portugueses em possibilitar e reforçar a interpretação da qual eles queriam que o leitor obtivesse das determinadas fotografias e do ambiente a qual estavam inseridas. Ou seja, não é eximir a relevância da fotografia ou da legenda, mas sim, procurar trabalhar com o conjunto da obra para que estejamos concentrados ao que parece ser objetivo do autor.

Historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época. Tal idéia implica a noção de intertextualidade para

¹⁰⁴ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, História visual*. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003 p.16.

a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de um determinado contexto histórico: à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, a fotografia - para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo - deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar.¹⁰⁵

A imagem leva consigo um aglomerado de sentidos e uma dimensão de assuntos. As imagens fotográficas que serão aqui trazidas retomam as relações sociais, a vida cotidiana das mulheres africanas e seus parentes, trazem estas imensas informações na qual podemos nos aproximar da cultura de um povo. Para Mauad, “os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor”¹⁰⁶, na qual podemos ter nossas interpretações e dialogarmos por tais leituras sido dadas pelo agente das mesmas.

A necessidade dos historiadores em problematizar temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional levou-os a ampliar seu universo de fontes, bem como a desenvolver abordagens pouco convencionais, à medida que se aproximava das demais ciências sociais em busca de uma história total. Novos temas passaram a fazer parte do elenco de objetos do historiador, dentre eles a vida privada, o cotidiano, as relações interpessoais, etc. Uma micro-história que, para ser narrada, não necessita perder a dimensão macro, a dimensão social, totalizadora das relações sociais. Neste contexto uma história social da família, da criança, do casamento, da morte etc. passou a ser contada, demandando, para tanto, muito mais informações que os inventários, testamentos, curatela de menores, enfim, tudo o que uma documentação cartorial poderia oferecer. A tradição oral, os diários íntimos, a iconografia e a literatura apresentaram-se como fontes históricas da excelência das anteriores, mas que demandavam do historiador uma habilidade de interpretação com a qual não estava aparelhado.¹⁰⁷

É em relação a isso, que torna imprescindível discutirmos sobre as diversas comunidades que são ilustradas através das fotografias que iremos analisar no decorrer desse capítulo. Os sujeitos representados na imagem e, sobretudo, a relação entre quem é observado (os africanos) e o pesquisador (autor e editores do álbum de fotografias).

¹⁰⁵ MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem* : Fotografia e história interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 82.

¹⁰⁶ MAUAD, Ana Maria apud VILCHES. MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem*: Fotografia e história interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 80

¹⁰⁷Ibidem, p. 78-79

Para assim, chegarmos à conclusão do interesse e da relevância da realização e interpretação das imagens fotográficas, para identificarmos a transformação dada ou não de uma sociedade.

Não se esqueça, também, que neste rumo é possível ir além da ideologia e do imaginário/mentalidades, que constituem habitualmente os tetos de interpretação histórica da imagem. Não resta dúvida que se tem aqui tarefa indispensável, mas ela não pode apresentar-se como ponto terminal.¹⁰⁸

Além disso, em decorrência da observação e estudo das fotografias vê-se também a essência de trabalhar com a objetificação da imagem, em que traz um ambiente planejado com a ideia de natural ou real. Dito de outra maneira, as imagens buscam retratar o corpo das mulheres africanas sendo em harmonia com a natureza, sendo o observador um sujeito de fora, desconectado daquele ambiente, contudo desejantes da integração, algo bem próximo daquele interesse dos missionários católicos que por lá circulavam. Ou seja, mostrar a visão do bom civilizador e da “ideia de que o que está impresso na fotografia é a realidade pura e simples.”¹⁰⁹

as imagens fotográficas das revistas ilustradas de crítica de costumes da primeira metade do século XX, avaliando o tipo de educação do olhar que elas imprimiam em seus leitores; a construção do outro nas fotografias de escravos; os álbuns de família dos séculos XIX e XX, permitindo penetrar na privacidade da memória através dos retalhos do cotidiano nele contidos; as fotografias oficiais, que permitem a construção da representação simbólica do poder político. Em todos estes estudos, foi utilizada uma metodologia histórico-semiótica na análise de imagens fotográficas, cujos princípios básicos compõem a exposição que se segue.¹¹⁰

Entre estas polêmicas relacionadas à fonte imagética é indubitavelmente significativo o comparar do objeto real e a fotografia exposta, para, com isso, realçarmos a representação dada pelos portugueses a essas mulheres africanas. Sabemos que “as fotografias nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes”¹¹¹, além do que durante a análise das imagens

¹⁰⁸MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, História visual*. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003 p.29.

¹⁰⁹MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem : Fotografia e história interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 75

¹¹⁰ Ibidem, p. 83.

¹¹¹Ibidem, p. 77

percebemos que em um determinado período histórico os comportamentos, como também as representações sociais serão gradativamente modificadas. A mulher africana das colônias representada na imagem passa da condição de ser integrante da natureza, uma natureza rude, exótica e intocável para uma mulher civilizada, vestida, erotizada e dona de si. E como dado como ponto crucial a esse trabalho, mostrar a relevância da mulher africana como um todo.

2.2. O PROGRESSO E O ATRASO NA PERSPECTIVA PORTUGUESA: AS INCOMPREENSÕES EM RELAÇÃO AO OUTRO

Ao partirmos do pressuposto analisado até o momento, vê-se a relevância de firmar um capítulo na qual mostra como é impreterível o debruçar sobre o álbum na qual expõe as mulheres através de uma visão portuguesa. Por assim, iniciarmos falando sobre o que significa esse álbum dentro do *Boletim Geral do Ultramar* e quais os objetivos da integração do mesmo.

Diferente do discurso enfatizado pelos europeus, trazidos nos Boletins do capítulo anterior, nesses temos como ponto crucial trazer as mulheres africanas das colônias como protagonistas do seu mundo, por meio das fotografias, principalmente no recorte até então enfatizado. Elas que foram por muito tempo representadas pela escrita europeia como inferiores aos homens, onde estas tinham como função única, a de complementar ou de se submeter ao seu parceiro. As africanas presentes nas fotografias que serão trabalhadas no decorrer desse capítulo são ressaltadas como gente que precisava de proteção, orientação e cuidado, pois eram seres “frágeis” e “exploradas”, logo deveriam ser disciplinadas para tornarem-se mulheres civilizadas e terem visão do seu real “valor”.

Dessa forma, é com elas que temos a liberdade para vermos e construirmos nossos próprios argumentos. E diante disso, refletir e imaginar de acordo com o meio em que estavam inseridas. Dessa maneira iremos mostrar no decorrer desse capítulo, como os portugueses viam esses grupos africanos de Moçambique, caracterizando-os como povos estranhos e selvagens, e por assim buscar mostrar a diferença de acordo com as transformações inseridas, em relação ao que foi ensinado ou engajado nesses povos, para, em suma, enfatizarmos como era a função da mulher africana.

O entusiasmo de trabalhar com as fotografias que irão ser realçadas abaixo, foi o empenho de dar continuidade ao que foi trazido até o momento nesse trabalho, ou seja, reforçar a visão de um progresso e plenitude trazida em conjunto com a relação do homem, principalmente português com os africanos. Em consequência disto, iremos enfatizar principalmente o contato destes com as mulheres africanas, estas que eram inseridas no discurso como mulheres fracas que tinham como “salvador” o português. Ou seja, as fotografias serão utilizadas como instrumentos para esclarecer como se deu o contato desses povos, e então, desmistificar o europeu como um homem civilizador e benevolente, que tem como principal propósito tornar os africanos, seres melhores, educados e, sobretudo, salvos dos maiores pecados do mundo, como a poligamia e devoção a um divino no qual não era disseminado pelo cristianismo.

A primeira consideração sobre a invisibilidade da mulher na história possui uma inadequação óbvia: esta consideração deixa de fora uma parte da sociedade. Ela pode ser vista como uma representação ideológica do passado ao invés de uma reconstrução da história. Sendo assim, reforça a crença sobre a passividade da mulher e a falta de importância nos processos sociais. Fica assim uma tendência dominante no curso geral da história e nos textos escolares em particular, é obviamente um maior impedimento para a geração ou disseminação da visão da mulher como atores sociais.¹¹²

Um dos principais intuitos de trabalhar com imagens é ter o olhar de saber notar como a mesma deve ser analisada e compreendida sob a relação entre o interesse de quem a produziu e o conteúdo que está sendo passado. Pois como percebemos no início do álbum de fotografias, o autor realça sobre os assuntos que irão ser trabalhados nas imagens e explica o porquê de não colocar uma legenda mais informativa, utilizando da justificativa de que o próprio analisador tem o direito de ter a sua percepção sobre a fotografia. Além disso, devemos ter a nossa própria análise da mesma, ou seja, estarmos ciente que existe uma correlação entre a imagem, a imaginação de quem a produziu e o sujeito que está observando.

Logo só se compreende a figuração das africanas através da tomada de consideração da riqueza do objeto reconstruído pela imaginação e de sua relação com a sociedade imaginante. E a este título, duas primeiras hipóteses podem ser elaboradas: por sua qualidade de africanas, a mulher negra e a moura podem ser supostas portadoras de

¹¹²IMAM, Ayesha Mei-The. "The Presentation of African Women in historical writing," in: KLEINBERG, S. Jay(coord.). *Retrieving Women's History: Changing Perspectives of the Role of Women in Politics and Society*.Berg/UNESCO, 1988, pp. 35

estereótipos a partir das quais a África é conhecida; e em razão de seu status de mulher, a imagem da africana pode igualmente ser pensada através do prisma da relação das mulheres da sociedade imaginante.¹¹³

A coleção de álbuns que descrevem as colônias de Moçambique tem como produtor o autor José dos Santos Rufino, que os divide em 10 álbuns em que retrata os povos da África, vida comercial, territórios, aspectos gerais. Sendo este usado aqui, o álbum intitulado *Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique*. “[Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]”¹¹⁴ o traremos aqui por ser o único que traz diversas fotos na qual as mulheres estão a mostra, e em razão disso, ser o nosso objeto de pesquisa. Durante a produção inicial dessa segunda parte do Trabalho de Conclusão de Curso e a análise do álbum nos deparamos com uma introdução do autor antes de expor suas fotografias, na qual apresenta o teor desse conjunto de imagens, logo afirma

o modo de trajar, o uso da tatuagem, a maneira de se adornarem, a distribuição do trabalho por sexo, a influência supersticiosa, a alimentação, e outros naturais pontos comuns que a natureza da selva, igual a todos, e meio idêntico, nivelam naturalmente.(...) ¹¹⁵ Esta coleção de obras foi editada pelo antigo Banco Nacional Ultramarino e pertencem actualmente à Biblioteca Ultramarina do ex-Banco Nacional Ultramarino. Foi digitalizada e incorporada na Biblioteca Digital da Memória de África através de protocolo para a cedência de conteúdos assinado entre a Caixa Geral de Depósitos e a Fundação Portugal-África.¹¹⁶

Notamos nas inúmeras fotografias que o autor conduz as mesmas ao seu modelo familiar europeu e eminentemente patriarcal, onde as imagens são idênticas as que foram expostas para representar o seu meio. As fotografias que apresentam uma família composta por um homem ao centro, uma única mulher e seus filhos aos lados. O chefe da família, em sua maioria, sentado, para mostrar uma diferença entre os demais, como também o respeito e cordialidade.

Em relação a isso, ao analisarmos as imagens do *Boletim Geral das Colônias* atentamos a esse padrão, que corrobora para a noção de que os portugueses estavam prestando assistência aos africanos para um melhor caminho da vida, no entanto,

¹¹³BOETSCH, Gilles & Savarese, Eric. “*Le corps de L’ Africaine: érotisation ET inversion*”. Cahiers d’Etudes Africaines. 153, XXXIX, 1999, p.125.

¹¹⁴José dos Santos Rufino, 10, 1929, 143 pags.

¹¹⁵Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana] José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 4.

¹¹⁶<http://memoria-africa.ua.pt/Library/AFDCM.aspx>

também podemos provocar uma reflexão como essas práticas que influenciam no rompimento de algumas culturas africanas, além de interferir na produção econômica da região aqui enfatizada. Em função de todo esse conjunto, afetar em costumes como a poligamia, na qual o homem procura ter mais de uma esposa, para que a produção seja mais eficiente e lucrativa, além do mais que essas mulheres tenham mais filhos para contribuir na produção agrícola. “A poligamia pode ser devido a razões econômicas, isto é, a natureza da principal fonte de subsistência do grupo social em questão, por exemplo, a agricultura...”¹¹⁷

O autor José dos Santos Rufino do álbum de fotografias analisado, ao fazer uma introdução sobre o que iria expor durante as imagens, aborda sobre a heterogeneidade que iremos observar durante a análise das fotografias, pois como o mesmo realça, não falaremos de uma África, mas sim de um território que detém de diversos grupos com suas especificidades, e no que diz respeito a isso, o autor salienta como algo difícil e de assunto um tanto vasto.

Ao contrário disso, a coleção de fotografias é exibida com um pequeno número em relação ao que ele afirma. O responsável pelo álbum deixa explícito que o objetivo é apenas mostrar os aspectos principais da Colônia de Moçambique, contendo nesses álbuns “(...) descrições curtas, rápidos resumos, tanto quanto possíveis, superficiais e ligeiros, para complemento das fotografias que, debaixo do ponto de vista geral, os ilustram.”¹¹⁸ Como o autor mesmo reconhece as imagens já tem o propósito de substituir as palavras diante do que o leitor irá observar

Não julgue, pois o leitor encontrar um tratado de raças, usos e costumes dos indígenas. Substitui palavras o cuidado que houve em procurar arquivar os aspectos mais interessantes, flagrantes, curiosos e, sobretudo, mais tipicamente indígenas, e todos cheios de verdade, transplantando-os da África para o papel, do papel para Portugal, para Sevilha e de Sevilha para Paris, onde também este Álbum figurará-para o mundo observador, turístico, pleno de civilização e do desejo de <<ver>> - para falar - ao olhar curioso do leitor, mostrando-lhe umas vezes, um quâsi estado primitivo de raças humanas, outras, um início de civilização que mal se descortina; e, finalmente, a civilização que começa, procurando acompanhar esta nossa de hoje, - que,

¹¹⁷ BOSERUP apud APPADORAI. “*The economics of polygamy*”. IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Christopher (Eds). *Perspectives on África. A reader in culture, history and representations*. Oxford, Blackwell, 1996, p. 506

¹¹⁸ Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana] José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.4

amanhã, num longínquo ano de 20:000, será designada, - quem sabe? - como bárbara, pelos homens da futura época de um porvir de nós, bárbaros de 1928, antevemoscheio de maravilhosas invenções.¹¹⁹

A citação acima expõe claramente a visibilidade do autor diante dos povos africanos e seus hábitos. Um tanto informa que mesmo sem haver nas fotografias notáveis legendas com muitas informações sobre o que será observado, o autor procura justificar a ausência com o papel da imagem, esta usada como meio estratégico para evidenciar como era os costumes africanos através da sua visão europeia, e tornar válido a importância do contato do português com os africanos, para que os mesmos tivessem convívio com a devida civilização, tornando-os seres prósperos e merecedores do progresso, tendo eminentemente aproximação com a felicidade e paz da qual lhes faltava. E por assim formar este ambiente um local propício ao desenvolvimento, rompendo cada vez mais a cultura da qual evidenciava esse povo como seres “pitorescos” e “incivilizados”.

O criador também remonta a documentação, classificado pelo mesmo, como algo que detém de questões curiosas, surpreendentes e que trazem particularidades dos grupos africanos. Dessa maneira, o autor transpassa a essência das imagens que iriam servir de observação para outra sociedade, o mesmo expõe de uma maneira que caracteriza os africanos como animais que serão expostos para a sociedade civilizada os conhecerem a partir do quanto poderiam ser selvagens e atrasados.

O fundador do álbum sustenta a utilidade de civilizar esses seres autóctones, enfatizando que esta responsabilidade teria sido dada aos que goza da mesma. Aqui, parece perceptível o ideal salvador do homem branco europeu, aquele que carregava consigo o fardo do homem branco em civilizar outros povos. As imagens apenas demonstrariam a necessidade do ocidente em retartar o homem e a mulher africana como sujeitos “incivilizadas”, no imperioso interesse em conclamaro homem branco europeu e civilizado a avançarem rumo ao continente africano.

As imagens de uma África idealizada teriam como destino, portanto, as exposições, locais onde o homem de terno, gravata e chapéu poderia contemplar mediante o espetáculo das imagens um continente observável, com pessoas a viverem em estado primitivo. As fotografias instrumentalizavam assim o poder de um grupo em

¹¹⁹Ibidem, p.4

relação ao outro, buscando “rejeitar costumes que eram diferentes dos seus como os bárbaros e degradantes.”¹²⁰

As imagens buscam também associar o homem africano ao sujeito “primitivo”, seres capazes de expor sua índole mediante o exercício extremo da violência. Em contraposição à violência havia também a beleza, como as de algumas mulheres que serão objetificadas e classificadas a partir de caracteres sexuais. No entanto, outras irão ser ridicularizadas, por não ter o estereótipo de corpo que já era cobiçado pelos europeus.

Na primeira fotografia a qual iremos analisar tem como representava os Macondes, povo da África Oriental que fazem parte do grupo étnico dos bantus que vivem no nordeste de Moçambique, e que por isso, tem algumas fotos dos mesmos no álbum. Os Macondes também habitam o sudeste da Tanzânia. Uma marca dessa população foi a resistência contra traficantes de escravos e outros povos africanos. As mulheres são conhecidas por terem os lábios superiores altos, pelo fato de introduzirem pedaços de madeira, que corrobora para a elevação do lábio com o passar do tempo.

O primeiro olhar europeu em relação a esses grupos étnicos é de surpresa por ser uma novidade e instigar a curiosidade sobre os mesmos, entendemos que esses povos têm culturas e práticas riquíssimas, como também diferentes em relação aos dos portugueses, o que vai causar grande estranhamento, e entre estes brancos, a propagação de um discurso na qual caracteriza esses povos autóctones como desalmados e selvagens. A introdução das rodela de madeira é visto pelos portugueses, como o autor dos álbuns, como “uma coisa horrorosa” onde o mesmo os associa aos bicos de animais, como o pato.

Mulheres há, em certas regiões, nos chamamos <<macondes>>, que usam furar o lábio superior, introduzindo-lhe rodela de madeira que vão substituindo de tempo a tempo, aumentando-lhe sucessivamente o diâmetro e alargando desta forma o orifício primitivo, até ficar... uma coisa horrorosa: dando aos lábios um aspecto de um desmesurado bico de pato, espalmado, - de um bico de pato em que este tivesse,

¹²⁰IMAM, Ayesha Mei-The. "The Presentation of African Women in historical writing," in: KLEINBERG, S. Jay(coord.). *Retrieving Women's History: Changing Perspectives of the Role of Women in Politics and Society*.Berg/UNESCO, 1988, pp. 33.

proporcionalmente, a altura do corpo humano!... Se a moda a tanto obriga!...¹²¹

As populações autóctones sofreram diante de uma realidade concedida sobre o ideal de salvar/oprimir os considerados inimigos e propagar a religião católica onde existissem povos considerados demoníacos, ou seja, pessoas da qual tivessem hábitos diferentes dos classificados como confiável. A visão de que suas atitudes estavam associados a libertação desses povos maléfica e uma evolução que tornaria esses povos menos atrasados, foi/é ainda utilizado como pretexto para explicar tais ações hoje consideradas desumanas. Uma das práticas era criticar ou pior, não aceitar hábitos desses grupos, como a da população Macondes, onde integração de um pedaço de madeira no lábio superior das mulheres e a utilização de diversos adornos é ilustrado pelo autor como algo desprezível, e sobretudo, que tem como comparação a parte da boca de um animal.

A verdadeira visão da cultura africana está sendo aos poucos imposta e compreendida pelas pessoas, ainda é muito discutido, as reflexões e interrupções imposta pelos Portugueses aos falar sobre as colônias africanas. Dessa maneira o interesse de realizar seus objetivos, acabou por limitar a escrita sobre as culturas africanas e conseqüentemente o olhar sobre as mesmas. Dentre isso, muitos grupos étnicos se viram obrigados a se adaptar a essas ordens para tentar ter uma vida mais harmônica, e os que resistiram profundamente ainda tem como uma das principais características serem indivíduos violentos e irracionais, como no caso dos Macondes, trazidos pelo autor, por suas tatuagens no corpo, adereços e a forma da boca das mulheres.

Quási todos também, <<ilustram>> a pele com desenhos gentílicos que, percorrendo completamente o corpo de alto a baixo, da cabeça aos pés, estendendo-se pelas mais recônditas partes e dando, sobretudo ao semblante um aspecto extra-humano, um tanto diabólico e absolutamente selvagem- é , porém, sinal de beleza, maquilhagem de floresta virgem...¹²²

Sabemos o quão é importante um maior diálogo sobre As Áfricas, a diversidade cultural, os hábitos sociais, a rotina, os adereços que ainda são tão desconhecidos por nós que mostram a relevância de aprofundar cada vez mais os estudos sobre esses

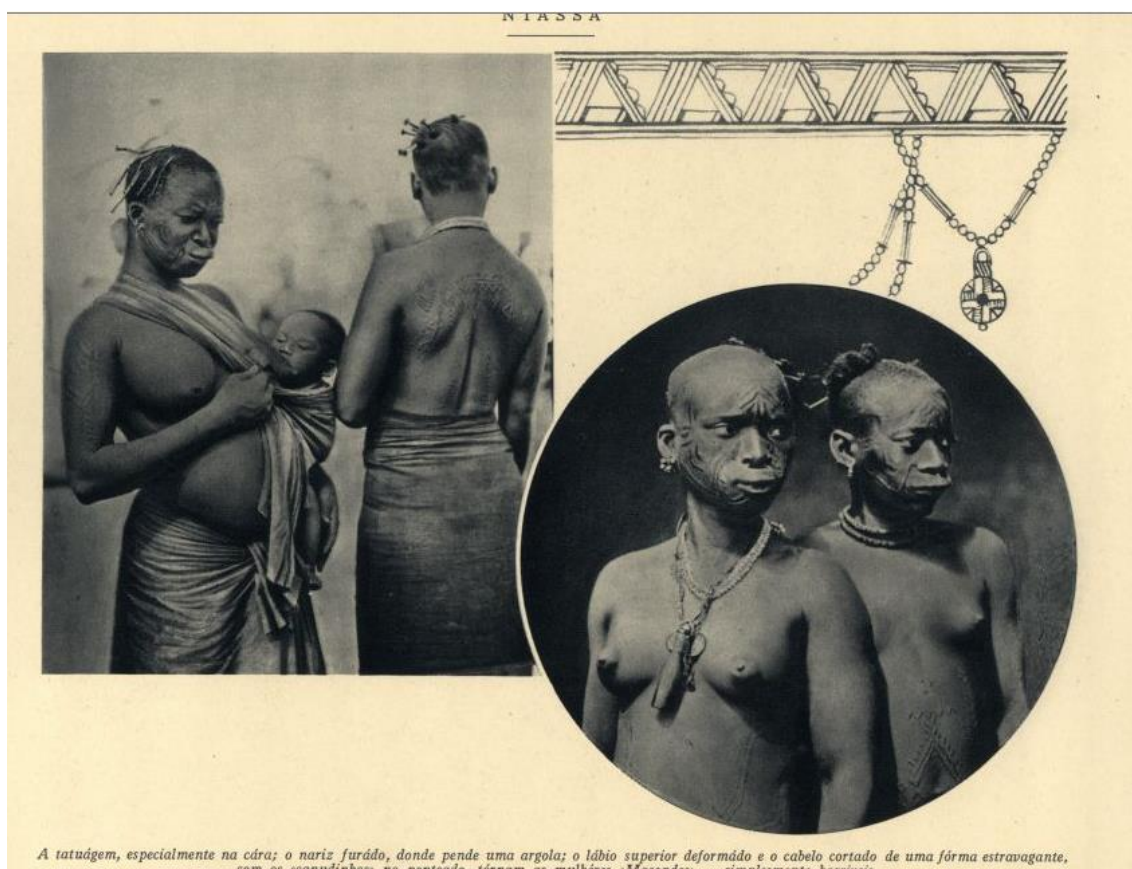
¹²¹ Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana] José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 5

¹²²Ibidem, p.5

povos, e dar uma maior visibilidade e autonomia dos mesmos poderem escrever sobre seu próprio povo. A maioria das informações que sabemos sobre os africanos são trazidos em discursos de estrangeiros e não por eles mesmos, o que pode ser reproduzido da maneira que o Outro ver e escreve como realidade dos fatos, o que acarreta na visão e ação europeia, em conseguir argumentar sobre esses povos, e propagar a ideia desses povos como eminentemente errôneos. As normas ditadas como corretas e essenciais, divide o que cada indivíduo pode usar, fazer e viver, ainda resulta em atitudes recriminatórias, e que prejudicam não só pessoas como também suas culturas.

2.3 IMAGENS QUE MOSTRA A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER AFRICANA DOS DISTRITOS DE MOÇAMBIQUE

Diante do que foi dito até o momento sobre os Macondes, iniciamos a análise das imagens e suas legendas com esses povos. Como iremos notar nas imagens abaixo.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 91.

Em suma, o autor descreve as características dessas mulheres, da maneira que as ver com adornos que utilizavam como também os penteados, tatuagens e missangas. Essas duas fotografias apresentadas no álbum a qual estamos trabalhando, traz uma mulher adulta de frente e de costas, e duas mais jovens como estamos vendo acima. Como podemos observar, o escritor procura ressaltar as particularidades dessas

mulheres, portando junto das mesmas algumas palavras que procuram rejeitar tais práticas como: deformado, extravagante, horríveis. Mas os Makondes “davam muita importância à sua aparência e às marcas exteriores da sua cultura. Era raríssimo ver um adulto com mais de 30 anos que não fosse tatuado.”¹²³

Sabemos que os padrões que as mulheres portuguesas deviam seguir eram eminentemente diferentes das que estavam impregnadas nesses povos. Cada grupo étnico tinha suas especificidades e logo, muitas não estavam vinculadas a essas características reconhecidas pelo autor, dessa forma, ele ridiculariza esses hábitos distintos, de maneira a afirmar uma suposta inferioridade e a necessidade de ensiná-las dentro dos comportamentos portugueses para que rompessem com tais costumes como: as danças, principalmente em rituais; a utilização de muitos adornos pelo corpo; a pouca roupa; a influência de muitas africanas com a feitiçaria e o trabalho das mesmas na produção agrícola. E em decorrência do seu discurso, devemos ressaltar que essas mulheres africanas detinham de hábitos que eram explicados pelas suas culturas, que não estava associada ao que era seguido pelos europeus, mas sim, pelo seu povo e que possuía um significado, a exemplo disso, era a introdução desses pedaços de madeira a parte superior dos lábios da boca. Como o autor afirma

Isto generalizado, e quanto ao trajar> Quanto aos costumes propriamente indígenas, impressiona o europeu- genericamente: o homem civilizado, pleno de civilização, pôdre de civilização ...- o sistema ainda hoje corrente(usos e costumes) de serem as mulheres quem trabalha enquanto os homens descansam e bebem... para fazerem alguma coisa.¹²⁴

¹²³ ROSEIRO, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013. p.77

¹²⁴http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/AFDCM/BNU_M_LM-10&p=6



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.59.

A imagem reproduzida pelo homem português da mulher africana é de um indivíduo que não sabe viver de forma autônoma, sendo assim, requer a necessidade de intervir através das missões de educação e desenvolvimento em determinadas regiões africanas, para que o progresso e os princípios católicos sejam introduzidos para uma melhor relação entre povos. Além de romper com as sementes do então mundo satânico reproduzido pelos africanos como era discursado pelos brancos europeus, como forma de ingressar suas intenções e acarretar na mudança desses grupos étnicos.

Durante a leitura das fotografias, em especial a acima, nota-se a pretensão do europeu em conseguir mostrar a exploração das mulheres por seus companheiros ou familiares do sexo masculino, e que diante disso, deveriam tornarem-se seres cientes de que era necessário mudar seus hábitos e interromperem o sistema de “opressão” pelos quais viviam. Além disso, “podemos perceber, pelos estudos, que as mulheres não são

muito citadas na história, principalmente naqueles assuntos nos quais não esperamos encontrá-las desempenhando funções.”¹²⁵ Essa citação fortalece o que estamos debatendo nesse trabalho, que é claramente o discurso do Outro de tentar quebrar ou ridicularizar as práticas da qual no seu cotidiano não seria papel de tal pessoa, como no caso, as mulheres africanas que serão identificadas como indivíduos explorados, inferiores e exóticos por praticarem ações das quais não eram suas finalidades no ambiente europeu.

No início do álbum, como já comentamos, o escritor deixa explícito a relevância das ações missionárias e das práticas civilizatórias para salvar essas mulheres africanas de seus homens como também de todo seu povo que atuasse com essas práticas “impróprias”, para que as mesmas tivessem o direito de viver em harmonia. E que para, além disso, tivessem mais tempo para si e para seus filhos, afinal, para o português, o principal papel da mulher era a de procriar e cuidar do seu lar, e não dividir as tarefas com o seu marido ou ter mais que o mesmo. Além do mais ainda ter que atuar como o ser mais importante de um grupo familiar, em uma sociedade europeia, isso era função majoritariamente masculina, sendo assim, seria um insulto aos verdadeiros seguimentos cristãos e de uma sociedade “superior”.

Além do que, a mulher exótica sempre foi um dos temas importantes da etnologia e mesmo de antropologia que fazia dela o estado o mais baixo da diversidade humana, aquela que era sempre reduzida, no olhar dos ocidentais, ao estado de mercadoria. Na África subsaariana a filha “é propriedade dos pais que a trocam por um boi ou uma vaca. Como estas pobres mulheres envelhecem rápido, os homens tinham o costume de reservar com antecedência meninas de 6 a 7 anos que iriam substituir mais tarde suas esposas envelhecidas” (Bertmon, 1882).¹²⁶

Diante disso, entende-se que as análises europeias a respeito da poligamia eram baseadas estritamente em um sistema na qual não era convincente com os projetos políticos, econômicos, e, sobretudo, religiosos de Portugal. Para efetuar uma modernização era necessário tornar esses povos cientes da importância de portar outros hábitos, onde no casamento via-se a necessidade de romper com a cultura de que o

¹²⁵IMAM, Ayesha Mei-The. "The Presentation of African Women in Historical Writing," in *Retrieving Women's History: Changing Perspectives of the Role of Women in Politics and Society*. Ed. S. Jay Kleinberg. (Oxford/Paris: Berg/UNESCO, 1988), pp. 30

¹²⁶BOETSCH, Gilles & Savarese, Eric. "Le corps de L' Africaine: érotisation ET inversion". Cahiers d'Etudes Africaines. 153, XXXIX, 1999, p.124

homem deveria ter mais de uma mulher. Essa prática matrimonial também infringia o modelo de moradia desejada pelos europeus, de uma casa grande e bem estruturada, com uma família estável e pequena, onde sobre as mulheres não cabia o maior serviço.

No quadro cultural em que essas sociedades tribais poligâmicas se inseriam, sobre as mulheres recaía a maior parte do trabalho, pois elas tinham como dever todas as atividades agrícolas para provento da sua família; além disso, eram vistas como inferiores o que as tornava escravas do marido. Ao homem cabia apenas a ação de defender, de combater pela sua tribo, fosse contra outra tribo ou contra o domínio português.¹²⁷

O discurso consolidado de uma “arrogância” africana abordado pelos europeus, discutia sobre a realidade das mulheres como indivíduos que trabalhavam com o serviço mais pesado, e que principalmente, exerciam mais atividades que o homem, isso que para os ocidentais era uma afronta ao “verdadeiro” papel da mulher. Afinal para os portugueses, lugar de mulher era eminentemente no lar, e quando fosse necessário, poderia auxiliar o marido. No entanto, como ajudante e não como as mulheres africanas trabalhavam, sendo grandes protagonistas.

Possuir muitas esposas, filhas e noras era importantíssimo, pois sobre as mulheres recaíam os trabalhos mais desgastantes e rotineiros. A divisão de tarefas entre os dois sexos variava de sociedade para sociedade, mas cabia quase sempre à parte feminina o serviço mais cansativo, monótono e pesado.¹²⁸

Uma forma de autenticar o que estamos falando é a fotografia acima da página 73, onde na legenda o autor põe “Enquanto <<elas>> cozinham, <<eles>> convérsam...” e uma reticências dando a entender que cada um tire suas próprias conclusões sobre a imagem que está exposta juntamente com essa frase, que tem como pretexto mostrar que os homens deveriam estar trabalhando e não a conversar como na imagem e que conseqüentemente, recaía as mulheres trabalhar e ser “explorada”, enquanto o marido “preguiçoso” descansa.

Essa é uma das críticas aos costumes de muitos grupos étnicos, recorrente pelos europeus, tratado pelos mesmos como uma prática de exploração para/com as

¹²⁷ TEIXEIRA, Rannyle Rocha. *A representação dos povos autóctones africanos no Boletim Geral das Colónias (1933-1945)*. Faculdade de Letras da Universidade de Porto. 2016. p.95

¹²⁸ SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses/ Alberto Costa e Silva*. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992. p. 617

mulheres, como os portugueses argumentavam as mulheres deveriam ser tratadas “melhores” e com mais “respeito”. Entretanto, como já debatemos, isso estava presente pela cultura existente em algumas regiões sobre tornar a família mais forte e o desempenho das mulheres em ajudar seus maridos, pelo fato de haver uma grande dificuldade no âmbito econômico em algumas áreas africanas. Além de que, para esses povos autóctones, como os Macondes e Muchopes, isso não era visto como era tratado pelos europeus, a mulher detinha de uma grande função, era ela em muitas regiões a precursora da relação familiar, por isso, os homens se casavam com várias mulheres.

A influência dos discursos portugueses, como estes que vemos nos boletins e nas fotografias corroboraram para a manutenção de um poder, na qual mulher é tratada como incapaz de viver sem a mediação dos homens, sendo destas o papel de complementar, como nas imagens que ilustram o homem e suas mulheres. Na imagem sempre é ressaltado o homem como o protagonista e não o trabalho coletivo, da divisão social do trabalho, cuja presença de homens e mulheres ganham relevância à medida que os vemos dentro de uma lógica cultural em que cada um exerce uma função social dentro das suas respectivas tradições. Em algumas regiões são as mulheres que detêm do principal papel familiar. Nos discursos dos portugueses às mulheres recaiu o papel supérfluo

A esta representação da inferioridade das mulheres africanas é o tema sobre as mulheres que complementam os homens, o que não existe na realidade. De acordo com esta estrutura, enquanto os homens africanos dominaram algumas esferas da vida social, as mulheres africanas foram igualmente responsáveis por outras áreas de influência, isto é, papéis masculinos e femininos são complementares e o assunto de superioridade ou subordinação não foi colocado.¹²⁹

Visto pelos portugueses como atividade de menor, as mulheres africanas seriam, portanto, representadas nas imagens no ambiente no cotidiano das atividades do campo, nos campos agrícolas e ao homem o trabalho de agentes comerciais, no espaço da rua, das cidades. Na ideia do português, a subordinação da africana foi estabelecida através do seu papel nos serviços econômicos, mesmo que estas fossem de grande relevância para algumas atividades do campo, os europeus procuravam dar visibilidade a ideia de que

¹²⁹IMAM, Ayesha Mei-The. "The Presentation of African Women in historical writing," in: KLEINBERG, S. Jay(coord.). *Retrieving Women's History: Changing Perspectives of the Role of Women in Politics and Society*.Berg/UNESCO, 1988, pp. 33

estas atuavam em atividade inferiores aos dos homens, ou seja, retomando sempre ao conceito de recair sobre estas a inferioridade e incapacidade diante desses procedimentos.

Sendo assim, a “superlotação” dessas mulheres findava-se a partir da sua função de proliferar, cuidar do lar e dos filhos, além de trabalhar na agricultura exercendo atividades tais como os homens, o que acarretava na rejeição encontrada nos discursos europeus. É relevante ressaltarmos que esse diálogo presente nas fontes imagéticas não é guiado pelas africanas, que conseqüentemente detinham de uma visão distinta, no entanto, o autor exala sobre o seu olhar, a do “civilizado” para outro “civilizado”(o observador das fotografias).

Para nós- nós os podres de civilização, da T.S.F., da foto-telegrafia, da... – para nós, que já demos há muito à mulher o direito de ser <<homem>>, é imoral o sistema indígena: a mulher trabalhando no campo, desbravando terreno, cavando ao sol ardente, semeando o milho que o seu <<senhor>> há de comer depois de pilado, sustentando neste trabalho árduo e quotidiano, seguro por um pano um filhinho pequeno que vai batendo ritmadamente com a cabeça nas suas costas, ao compasso pendular do dorso que se ergue ou levanta, conforme a enxada se ergue no ar ou penetra no solo.”O homem apenas tem o encargo de fazer a palhota onde dorme, caçar, pescar, e... ir conversar com os amigos à povoação vizinha. Por isso, a suprema aspiração do indígena é ter muitas mulheres, o que equivale a ter quem trabalhe por êle e para êle. Pouco se importa a mulher, legítima espôsa, se o marido pretender trazer para junto de si e dela, outra mulher; apenas exige que êle, antecipadamente indique quem destinou para segunda espôsa. E se esta fôr amiga da primeira, é imediatamente aceita. Mas a mulher indígena é cara, leitor, a quem a sua te custa os olhos da cara!¹³⁰

Um dos principais objetivos das missões portuguesas era disseminar a religião católica nas colônias, empregar suas culturas ilustradas como corretas e evolutivas. Dessa maneira a poligamia e a “falta de norma” entre as atividades das mulheres e dos homens africanos se tornava uma afronta contra os preceitos da igreja católica, e por conseguinte, via-se a necessidade de procurar uma forma de explicar e mostrar que esses hábitos deviam ser modificados. Além de que o problema em constitucionalizar o que está posto como correto e ser reproduzido sem uma crítica corrobora, em relação à

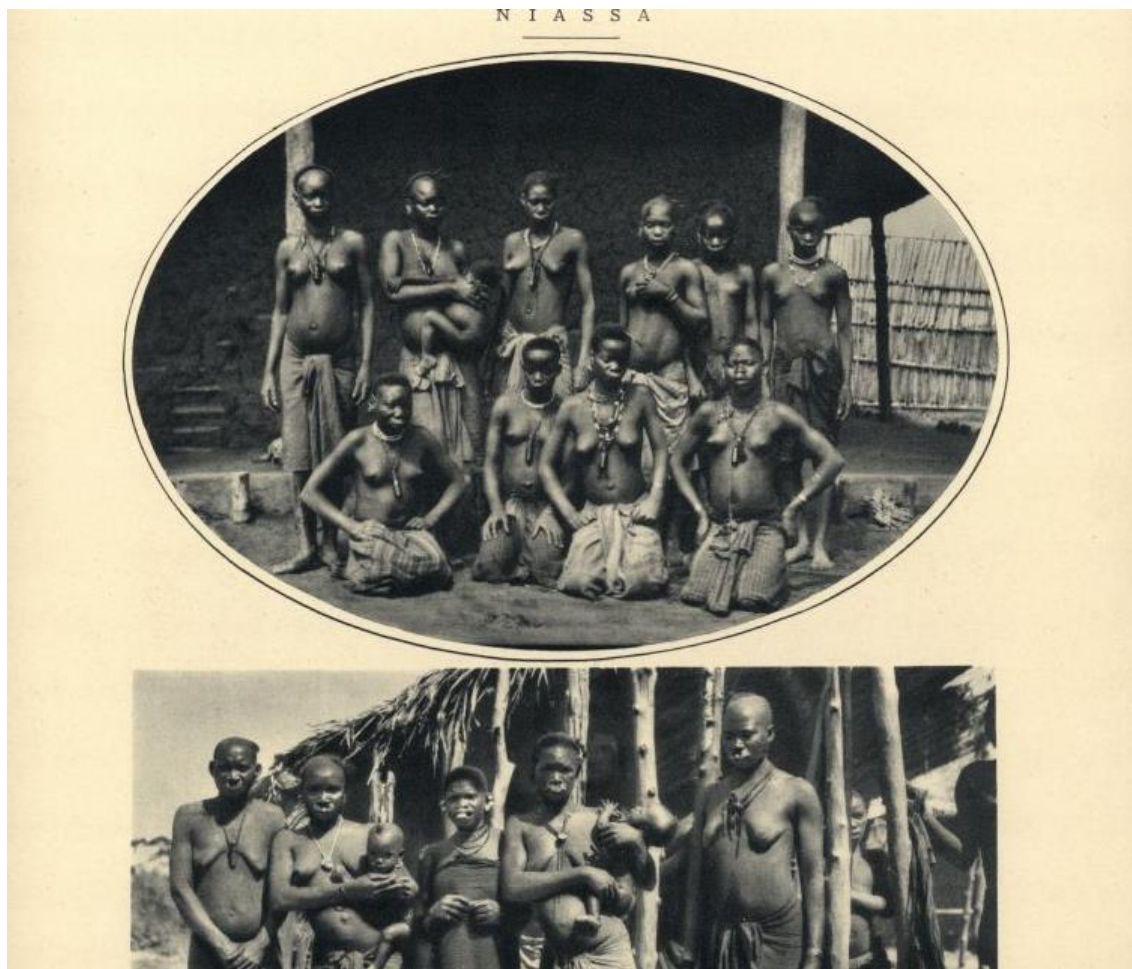
¹³⁰ Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana] José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.6

mulher, ver a mesma de acordo com o viés masculinista europeu, “é que, frequentemente, os dados sobre as mulheres e seus papéis são meramente pontos de vistas dos informantes masculinos- versões masculinas da realidade são aceitas como realidade pelo grupo.”¹³¹

Dessa maneira, a visão e ação europeia era aceita pelos observadores como digno e bem intencionado, sendo assim, consegue propagar a ideia desses povos como eminentemente errôneos. “Ali, como na quase totalidade da África, a riqueza e o poder dependiam da quantidade de indivíduos que se somavam sob um mesmo rei, chefe ou pai de família.”¹³² Além de disseminar sempre a visão do grande papel do homem africano, e tentar camuflar o real papel da mulher africana, porque não era do seu interesse mostrar ou por procurar reforçar a sua ideia masculinista do homem precursor de todo o sistema.

¹³¹IMAM, Ayesha Mei-The. "The Presentation of African Women in historical writing," in: KLEINBERG, S. Jay(coord.). *Retrieving Women's History: Changing Perspectives of the Role of Women in Politics and Society*.Berg/UNESCO, 1988, pp. 31

¹³²SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses/ Alberto Costa e Silva*. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992. p. 616.

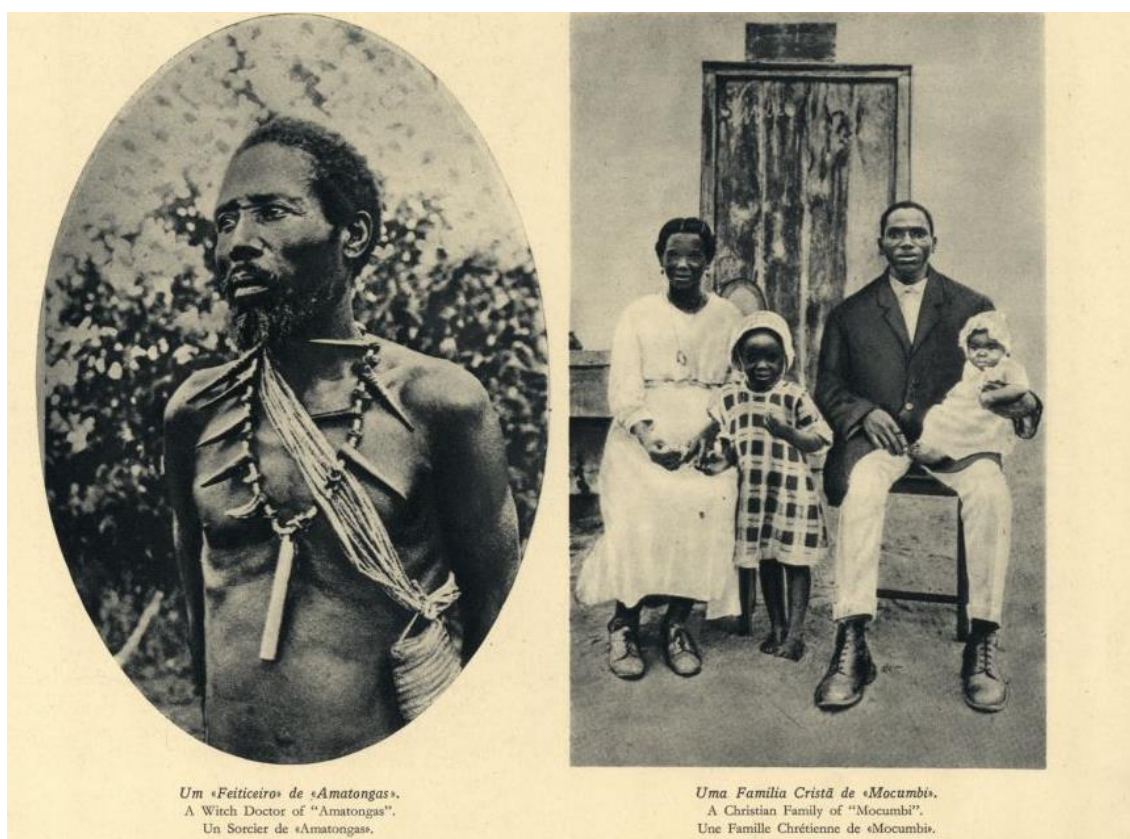


Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 92.

A identidade cultural dos Makonde reflecte-se na aceitação dos costumes ancestrais, sendo as tatuagens, a escarificação, a mutilação dentária e a ndona, as mais objectivas expressões culturais. Estes sinais, além de identitários, simbolizam também o conceito de pertença. Quando os Makonde faziam escravos, submetiam-nos logo à tatuagem forçada e à intervenção dentária, passando assim a fazer parte do clã, onde poderiam casar e viver em comum, como todos os outros. Se o escravo do sexo masculino, se casasse com uma Makonde, como a descendência era por via uterina, os seus filhos eram Makonde e ficavam a pertencer ao Likola da mãe. Se o escravo era do género feminino, os filhos não tinham likola, o que os colocava socialmente numa posição semelhante, aos que tem um filho natural numa sociedade europeia, nesse caso, eram as marcas que defendiam o Makonde, sendo portanto, pertença dum grupo identificado como tal. Segundo relatos antigos havia indivíduos Makonde sem likola própria (tinham likola por adopção), por provirem de uma antepassada feita escrava, através de linha de descendência uterina.¹³³

¹³³ ROSEIRO, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013, p.77.

Essas fazem parte de um grupo de mulheres Macondes, logo as identificamos pelas características que as distinguem das demais, são mulheres que usam a ndona, instrumento que “obrigava à perfuração do lábio superior das raparigas por volta dos dez ou onze anos e a intervenção, era feita com um arame bem afiado ou uma agulha, próximo do septo nasal”¹³⁴, além dele, os adornos usados por todas as mulheres desse grupo, como também as tatuagens corporais e a maneira de usar o cabelo, onde são feitos penteados, como pequenos coques. Através das mulheres Macondes é possível observar suas marcas identitárias, que também podem ser comparadas com outros povos africanos. Este grupo é conhecido pela resistência e, sobretudo, a existência desses costumes.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 95.

A fotografia do feiticeiro, o traz como um homem sério, desarrumado, com uma grande barba, ou seja, um indivíduo, indubitavelmente, bárbaro. Diante do olhar

¹³⁴Ibidem, p.154

européu, o poder exercido pelo feiticeiro de procedimentos considerados mágicos, feriam a religião cristã e toda sua estrutura. O poder dessas pessoas de “curar” ou “controlar” algo como forma de acreditar em alguma coisa, era vista pelos evangelizadores como algo promíscuo e perigoso, que destilava não só a desordem de uma comunidade, como também havia uma relação com o mal(diabo). Na primeira fotografia notamos a ilustração de um feiticeiro da região de Amatongas, na qual traz uma alusão a um corpo debilitado, ademais sem camisa e com muitos adornos, o que o classificava diante da visão ocidental, como um homem selvagem. Além disso, sua imagem tem este sozinho como um indivíduo sem família, com vestimentas desgastadas e cheias de adornos, estes que são relacionados ao bárbaro.

Para, além disso, em conjunto nota-se a ausência de uma legenda mais explicativa, sendo assim a imagem é guiada com uma frase que apenas diz que este é um feiticeiro e sua região, o que acaba por mostrar a falta de um protagonismo maior desse indivíduo pelo autor. Além do mais, uma imagem que mostra a manipulação do português diante desses grupos africanos. Ele mesmo discute sobre isso no início do álbum, que este tem como principal finalidade apresentar os aspectos das Colônias de Moçambique, com pequenas definições para apenas localizar o observador sobre o que havia nesse território africano, ou seja, dando pouca visibilidade as culturas e seus povos, principalmente as práticas e as mulheres.

Além disso, do lado da sua foto, com uma finalidade ou não, traz uma família “cristã” em que o homem é o protagonista e líder do ambiente familiar, que coincidentemente estão bem vestidos e sentados de forma bem formal. É relevante entendermos que são duas fotos bem contraditórias, respectivamente uma trazendo um feiticeiro, considerado pelos homens civilizados, como seres suspeitos, perigosos e malignos, que eram capazes de práticas perigosas para conseguir tais objetivos. A outra fotografia, ilustra uma família bem acomodada, vestidos com roupas mais refinadas que se formos comparar com as dos europeus e seus familiares, notamos uma grande semelhança.

Dessa segunda imagem é imprescindível falarmos sobre a vestimenta da família e do comportamento, onde estão sentados formalmente e de maneira organizada, como também mostra uma família aparentemente pequena, em que o homem tem apenas uma companheira e duas filhas, ou seja, se desvincula da prática atuante em algumas regiões

africanas que utilizavam da poligamia. “Uma família poligâmica é ‘a organização familiar ideal do ponto de vista do homem’”.¹³⁵ Para alguns autores, a poligamia era vista positivamente pelo homem africano, pois a mulher detinha de uma grande função dentro a produção agrícola, sendo assim, ter mais mulheres resultava em um maior cultivo nas terras.

Na fotografia acima, a mulher é bem vestida com uma roupa que cobre quase todo o corpo, com sapatos, com brincos pequenos e um colar que remetem a beleza e a produção da mulher, isto que, era sinônimo de progresso, de mostrar a ascensão da família, os dois mostram a sensibilidade e a elegância da mulher que agora possuía as características de uma mulher civilizada, sem muitos ornamentos “extravagantes” como as demais mulheres africanas usavam. As duas crianças bem arrumadas com vestidinhos e toucas na cabeça para a proteção. O homem bem social, sem barba, de camisa, terno, calça e sapato, e não como o homem da fotografia ao lado, que porta pouca roupa e sem nenhum refinamento.

Ao analisarmos as duas imagens, reparamos a diferença manifestada entre elas, onde a primeira traz um homem desordenado, com o físico fraco e com vários adereços, enquanto na segunda imagem, o homem e toda sua família estão bem arrumados, com roupas alinhadas, com um físico aparentemente saudável. Dessa maneira corrobora a nutrição do olhar dos observadores, a visão de qual seria a melhor forma de viver, como também mostrar como as mudanças feitas pela missão católica tinha um desenvolvimento evolutivo.

Perpassando também, que a poligamia era uma das causadoras da falta de controle e progresso dessas regiões, pois na visão dos portugueses, pelo fato das mulheres exercerem grande parte dos serviços, isso acabava por estabelecer um maior interesse dos homens de ter mais de uma esposa, no entanto, ter elas atuando no trabalho gerava a desqualificação do serviço. Como vimos no discurso do autor Broadbent¹³⁶, que recai a mulher a falta de capacidade de produzir melhor que o

¹³⁵ BOSERUP, Ester. “*The economics of polygamy*”. IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Christopher (Eds). *Perspectives on África. A reader in culture, history and representations*. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 506

¹³⁶ COMAROFF, Jean e John L. “*Home-made hegemony: modernity, domesticity and colonialism in South Africa*”. In: HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1992, pp. 41.

homem, no entanto, por este ser ocioso cai sobre as mulheres o serviço pesado, estas que não faziam o trabalho com a mesma perfeição que o homem, dessa forma, corroboraria em um maior trabalho e certificação de uma improdutividade da terra.

Ademais, no discurso europeu a poligamia também custeava no descontrole das comunidades, pois os homens tinham várias mulheres, o que conseqüentemente, acaba por gerar uma grande quantidade filhos, no que não condizia com a realidade estabelecida nessas regiões, onde a pobreza se fazia presente. Nos boletins que foram trabalhados no primeiro capítulo, notamos como é recorrente o olhar dos portugueses diante do casamento de um homem com diversas mulheres como algo prejudicial e defasado.

Em regiões de cultivo em mudança, onde as mulheres fazem todo ou a maior parte do trabalho de cultivo crescente, a tarefa de derrubar as árvores em preparação de novos propósitos é geralmente realizada por meninos mais velhos e homens muito jovens, como já foi mencionado. É provável que um cultivador idoso com várias esposas tenha um número de meninos desse tipo que possam ser usados para esse propósito. Com os esforços combinados de jovens filhos e esposas jovens, ele pode expandir gradualmente seu cultivo e se tornar mais e prosperar, enquanto um homem com uma única esposa tem menos ajuda no cultivo e provavelmente terá pouca ou nenhuma ajuda para o abate. Portanto, há uma relação direta entre o tamanho da área cultivada por uma família e o número de esposas na família.¹³⁷

Ou seja, o olhar masculino e a construção ocidental dessas imagens repercutem até os dias atuais e diante disso percebemos a necessidade de ter uma visão mais crítica dessas fotografias, será que essas imagens são realmente espontâneas e naturais ou atuadas por um dito civilizador? É relevante fazermos essa reflexão pois diante da fotografia que tem como legenda *família cristã*, notamos a relação da mesma com as fotografias europeias de um padrão de como deveria ser a família, e isso é reproduzido em Moçambique e em outros territórios africanos. Dessa forma, podemos analisar de uma forma mais convincente tentando distanciarmos dessa visão eurocêntrica e masculina, deixando claro que não estamos excluindo estas, mas estamos tentando mostrar que tem outras maneiras de pensar sobre essas fotografias africanas.

¹³⁷BOSERUP, Ester. "The economics of polygamy". IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Christopher (Eds). Perspectives on África. A reader in culture, history and representations. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 506-507



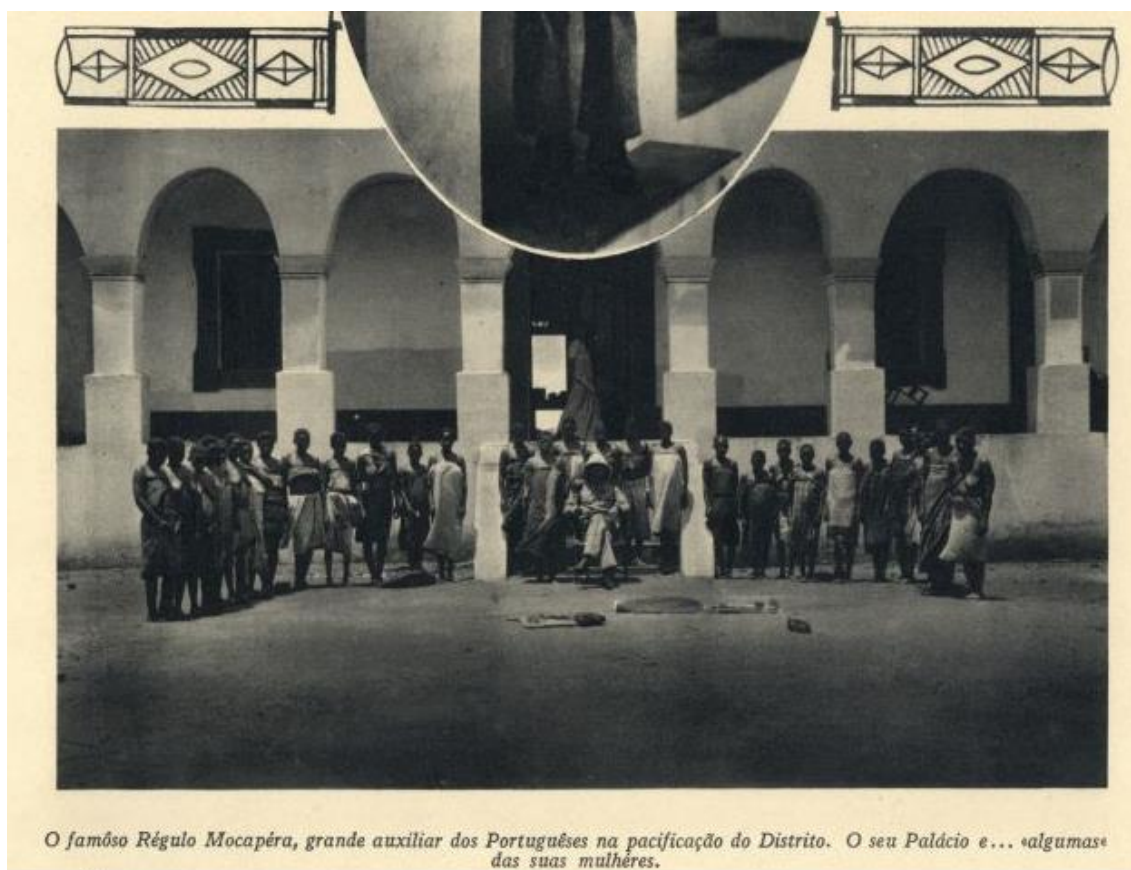
Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 35.

Uma das explicações sobre a poligamia está diante desta fotografia que trata de um homem africano com suas 15 mulheres em torno com muitos filhos e o contraste da mesma com a imagem acima que traz uma família cristã, onde a foto é organizada, todos bem vestidos, sem adereços “estranhos”, um grupo familiar eminentemente pequeno, onde os integrantes estão sentados ou em pé com postura. Enquanto isso, esta traz algumas mulheres com os seios de fora, o que estava associado ao exótico e animalesco, outras com alguns tipos de tecidos enrolados para cobrir os seios.

O “chefe da família” ao centro, com uma vestimenta também imprópria e pobre, o que realçava a miséria desse grupo familiar, algo enfatizado no discurso contra a poligamia. Sendo assim, como notamos nas fotografias, a família associada ao cristianismo tem como vínculo o desenvolvimento e abundância, já a família poligâmica está relacionada ao defasado, ridículo e mísero. Na fotografia vê-se muitas crianças,

base de quatorze, nas quais estão mal vestidas e com um péssimo físico, vista pelos europeus, como consequência da falta de controle do grande número de filhos.

É auto-explicativo, dado o contributo das mulheres no enquadramento africano, de que um homem pode obter mais alimentos se tiver mais terra e mais esposas para cultivá-lo. Mas por que, quanto mais mulheres tem, mais terreno ele pode comandar, Como diz a declaração do ECA? As explicações residem no fato de que a propriedade individual na terra está longe de ser o único sistema de posse do território africano. Em grande parte do continente, as regras tribais da posse da terra ainda estão em vigor. Isso implica que os membros de uma tribo que ordena um certo território tem um direito nativo de ter terra cultivada para a produção de alimentos de culturas comerciais. Sob este sistema de ternura, um recurso adicional com patrimônio econômico que ajuda a família a expandir sua produção.¹³⁸



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 63.

¹³⁸BOSERUP, Ester. "The economics of polygamy". IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Cristopher (Eds). Perspectives on África.A reader in culture, history and representacions. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 506

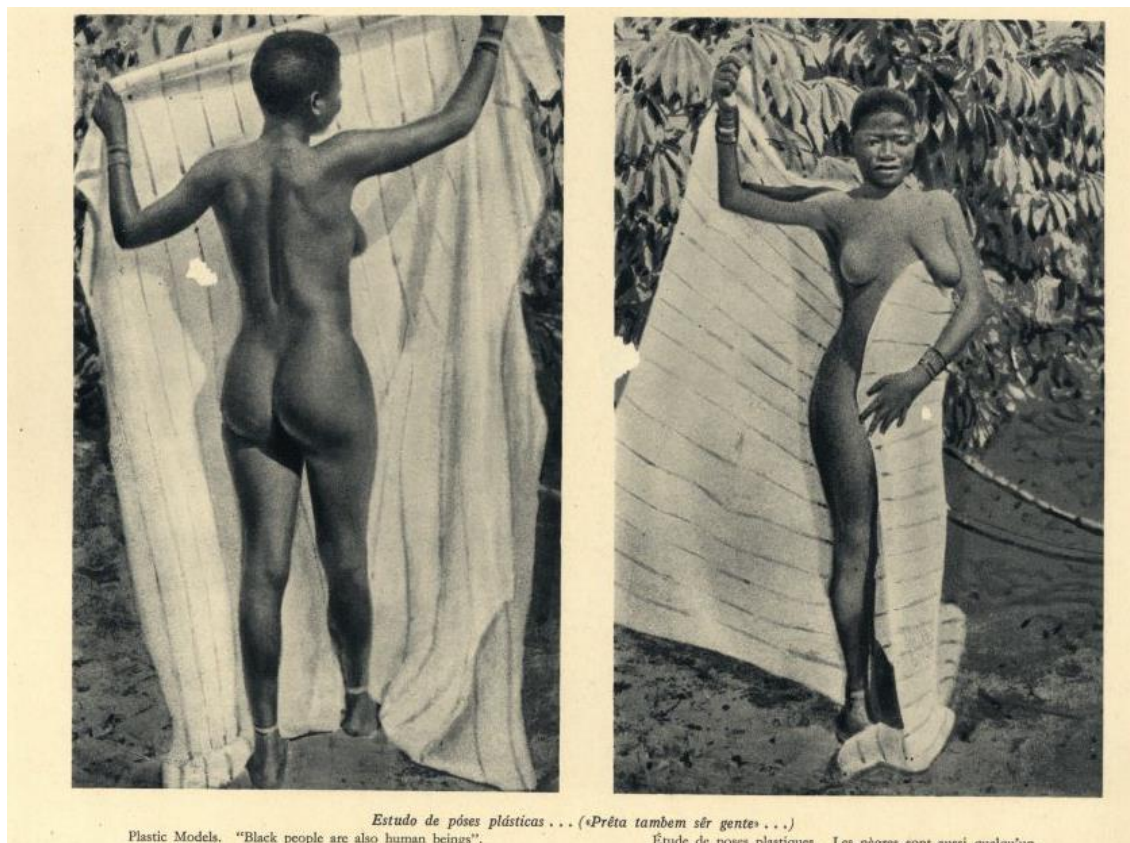
Ao analisarmos as imagens, primeiramente, devemos compreender a organização em que essas pessoas estão nas fotografias, como a que estamos vendo acima, que mostra a influência e participação dos portugueses, como é o caso desse álbum, onde colocam o homem no centro sentado em uma cadeira com uma posição de superioridade e respeito, para o associar a sua propagação patriarcal, e as africanas ao seu redor e em pé, como indivíduos orientadas pelo mesmo, este sendo o “chefe” da família. Diante disso, também refletirmos sobre o Régulo, homem de muitas posses, pois como sabemos ter muitas mulheres também era sinônimo de ter recursos, pois quanto mais condições ele tivesse, conseqüentemente mais mulheres ele teria. Nessa fotografia o marido aparece com “algumas” de suas mulheres, sendo que é visível ter em torno de trinta mulheres, firmando a condição desse homem.

O que remonta as fotos europeias sobre a família, onde as mulheres não são as principais personagens. Sendo este o indivíduo que detém do poder e da liderança, e é assim que notamos na fotografia. Também é importante falarmos sobre a palavra trazida pelo autor “o famoso régulo” que tem como significado pequeno rei ou chefe de tribo bárbara, o que remete a exatidão do homem como um detido do papel principal no meio em que está inserido, como também o discurso da palavra “bárbara” que pode ser enfatizado pelo sistema poligâmico.

No entanto, como sabemos, em muitas sociedades africanas era desenvolvido um ambiente matrilinear, ou seja, as mulheres quem tinham o papel crucial e que organizavam a família, sendo assim, notamos que essa fotografia é organizada de acordo com o interesse do europeu e não da realidade africana. Mesmo que aja um impacto grande ao vermos tantas mulheres com apenas um homem, a legenda da imagem põe a relevância do homem e não das mulheres.

Outro discurso fundido pelos portugueses é a comercialização da mulher africana e do seu corpo, que não atingiu apenas as que estavam inseridas no padrão estabelecido, mas como notamos era mais fácil e consentido pelas pessoas “comercializar” as mulheres que já eram associadas ao negócio e tratadas como o mesmo. Ao analisarmos as imagens devemos estar cientes que essas fotografias que exhibe os corpos das mulheres africanas estavam elaboradas de acordo com o contexto, onde o principal intuito desses autores era mostrar um cenário de dominação colonial,

ou uma exibição de um erotismo distante do que era reconhecido como tal pelos civilizados.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.85.

No decorrer das imagens analisadas até o momento nos deparamos com corpos considerados sortidos, que até o momento foram ridicularizados e sem uma visão erotizada. No entanto, essas duas fotografias acima trazem uma africana, com um corpo agora de interesse português, em poses que causava ao o Outro a curiosidade e fascínio. Ou seja, realmente o autor procura trazer a heterogeneidade dos africanos de acordo com o que é de seu interesse.

Na legenda tem *prêta também sêr gente* em quase todas as fotografias ele trata os africanos como meros seres que deveriam ser civilizados, mas nessa, ele procura realçar as curvas e poses delicadas e sensuais, como maneira de provocar outros portugueses e agora objetificar a mulher preta, usando a mesma para o sexo, além do

poder que passa a ser exercido no corpo da mulher, ao que passamos a chamar de disciplinaridade e instrumentalização dos corpos.

Os corpos de mulheres dos seios muitos grandes e baixos, africanas de peso mais elevado ou cheias de tatuagens, com ornamentos corporais que eram associados a seres horrendos, no entanto, a preta ter um corpo mais exuberante de acordo com o padrão vigente por eles, a torna uma peça interessante ao estrangeiro e o sortilégio de ser considerada “gente”. Sendo a mulher africana, em suma, representada “em um estatuto próximo da bestialidade a uma evolução ainda não acabada”¹³⁹.

Os modos de apresentação e representação dos corpos do outro, por sua colocação em imagens, são os objetos de estudos antropológicos porque eles oferecem a ocasião de se interrogar sobre a visualização da alteridade e da proximidade pelos desvios de extravagância (Favrod, 1989), da repulsão (Goens, 1993; Pujade et al. 1995) , mas também (Ommer, 1998), quando se trata de corpos suscetíveis de serem erotizados pelo espectador.¹⁴⁰

Portanto, os homens ocidentais produzem e um tanto reproduz, um dos instrumentos mais potente sobre a percepção de um aspecto erótico, que é imaginado e oficializado diante de muitos corpos femininos, como no caso enfatizado, a mulher africana. O estereótipo de mulher como objeto de desejo do homem passa a ser realçado nas fotografias com um quadro que dar ênfase as partes do corpo que trariam elogios e o olhar erótico do analisador: a posição em que a mulher negra está retratada na fotografia, a sensibilidade que a imagem traz, a sensualidade da negra em não mostrar todas as partes do seu corpo remete a poses que eminentemente não foram imaginadas por ela.

Além do mais, as partes do corpo passam a ser usadas como meio de propaganda erótica do que também existia nas regiões africanas, onde na imagem mostra uma negra com o corpo atraente distante do bárbaro. Com a firmeza do bumbum, a parte mais erotizada dessa mulher, e os seios ainda bem compostos, em relação aos das demais mulheres africanas, sendo trazidos como algo exuberante e instigante, e ainda um tanto exótico, mas não como a imagem abaixo, em que a própria legenda nos mostra que as duas fotografias são retratadas de maneira distinta. Ou seja, em algumas fotografias

¹³⁹BOETSCH, Gilles & Savarese, Eric. “*Le corps de L’ Africaine: érotisation ET inversion*”. Cahiers d’Etudes Africaines. 153, XXXIX, 1999, p.128

¹⁴⁰Ibidem, p 124

notamos que a mulher vem sendo relacionada pelo português como mercadoria, como um instrumento de sexualidade que pode ser utilizada pelo homem, já em outras como seres bárbaros e exóticos. “Na África do Norte “como filha e como esposa, a mulher é, em Kabila, uma coisa possuída, sem personalidade e cujo os interessados dispõem a seu bel prazer” (Letoumeau 1903:317) elas são apresentadas como mercadorias no discurso da sociedade colonizadora.”¹⁴¹

No século XIX a mulher africana e principalmente negra era vista e trazida pelos europeus, em sua maioria como seres autóctones selvagens e desnudas, “Levi Strauss notava que a definição do outro como selvagem consistia em rejeitar/condenar “fora da cultura, na natureza, tudo o que não se conforma à norma sob a qual se vive” (Levi Strauss 1973:383).”¹⁴²No caso da imagem abaixo, podemos observar a notação dessa citação acima, ou seja, dependendo do corpo da africana, da sua beleza, hábitos e do que se fazia uso, a tornava diferente das demais, não somente por fazer parte de outros povos, mas por ser de interesse ou não dos portugueses. A erotização exposta através dessas fotografias é uma mais associada ao “exótico e estranho”.

¹⁴¹Ibidem, p.124

¹⁴²Ibidem, p.127



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 81.

O autor também traz sarcasmos nas legendas de algumas imagens como “e é que há arte nisto” “se a moda a tanto obriga” e como está apresentada na legenda da fotografia acima “sácos de café sem leite” afirmações que nos mostram como é depositada a visão do europeu diante da vivência e das culturas dos africanos, tendo o realce toda uma questão de civilização como imprescindível, onde recorrer ao abuso e insulto é plausível como forma mudar os usos de práticas ou vestimentas diferentes a sua. Estas palavras que tais significados estão por pontuar uma ridicularização desses povos e firmar ao observador das imagens a notável “identidade” dos africanos, a qual estava, indubitavelmente, relacionada ao que os brancos estrangeiros achavam ser os africanos, principalmente das regiões aqui ressaltadas

O estudo desta iconografia pode permitir abordar de forma original os temas construídos pela propaganda e revisitado pela história oficial, e isso por duas razões- em primeiro lugar porque bom número de croquis, de pinturas e de fotografias vem ilustrar os artigos sobre a colonização publicado na imprensa generalista ou especialista, como os escritos de missionários, os trabalhos redigidos pelos membros da sociedades eruditas, administradores coloniais, os professores da

escola colonial, a história ou a geografia colonial de manuais escolares.

Como o próprio autor afirma a maioria dos escritores eram missionários europeus ou ligados ao governo português, dessa forma, pessoas que proeminentemente escreviam diante da sua visão eurocêntrica e de propagação cristã. E por assim, salientavam a necessidade de civilizar, então usufruíram da fotografia como sinônimo de verdade, ou seja, o que estava posto nelas era real. Além da disseminação de discursos sobre a felicidade causada através do contato entre europeus e africanos como consequência da bondade dos europeus e de suas ações, firmando a necessidade do progresso da família não cristã.

As imagens trazem diversas intenções, entre elas, uma das principais funções do autor que é dar um específico sentido a essas fotografias, como a construção do Outro, aqui sendo a imagem dos africanos. Em razão disso, é importante debatermos sobre o problema da interpretação das fotografias, principalmente da mulher africana e do seu corpo. Como notamos nas fotografias são trazidas mulheres africanas de vários territórios de Moçambique, cada uma com sua especificidade e com algum objetivo. São apresentadas mulheres que parecem já estar ligadas ao ideal de civilização imposto, no entanto, outras são trazidas com uma nudez que estava associada ao bárbarie e não a sexualidade. Dessa maneira, notamos que é relevante percebermos o interesse do autor, a interpretação do Outro e de nós mesmos.

Esse reconhecimento de uma verdadeira função criadora a imaginação permitiu identificar a presença do simbolismo em todas as formas de raciocínio do pensamento ocidental, enquanto que o pensamento simbólico foi por muito tempo considerado-com preconceito- como pré-racional (Sperber 1979). A imagem seria portanto compreensível como a metade visível (o significante) do sentido que ela simboliza (o significado) e o imaginário (definido como um conjunto de imagens produzidas pela imaginação) parece como o grande denominador fundamental onde vêm se dispor de todos os procedimentos do pensamento humano.¹⁴³

O discurso sobre as mulheres africanas é negada por muito tempo e quase não é vista. A africana, principalmente a negra não tem visibilidade como protagonista, mas sim, como um ser inferior ou incivilizado. Que passa a ser notada pelo homem branco

¹⁴³Ibidem, p. 124-125

como um indivíduo que precisa de proteção, e não por ser responsável pela estabilidade familiar ou por manter as tradições do seu povo, ensinando aos seus filhos suas culturas. Ou seja, mesmo com tamanha relevância e sendo grandes personagens na África, a mulher africana é ocultada por não ser o grande interesse do homem europeu. Dentre essa falta de representação da mulher africana, vemos também que o homem ocidental procurava não dar tamanha visibilidade a esta por achar que a mesma detinha de uma responsabilidade que não deveria ser dela e sim do homem, podemos constatar isso quando falamos da poligamia ou da atuação da mulher na agricultura. Como na citação abaixo

A mulher da África negra não tendo aparentemente história enquanto mulher, ela seria a histórica: “A mulher negra é a guardiã das tradições” (Hauferlin 1957)). Ela é passagem de uma humanidade imutável e se nos podemos fixar de bom grado suas imagens de papel, o período colonial se revelou pouco apto a produzir um discurso sobre ela. Como se a mulher africana fosse a metáfora de um continente que somente reclamaria ser possuída e penetrada pelo homem branco. (Compassi& Segal: 1983).¹⁴⁴

Dentro do território africano, as mulheres também têm suas representações distintas, desenvolvidas pelo homem, por exemplo, a mulher africana negra tem uma visibilidade diferente da mulher moura. A primeira trazida com nudez voltada a uma percepção estranha e selvagem, enquanto a segunda relacionada aos prazeres sexuais do homem em que trazia uma atração por sua sedução, ou seja, uma associada ao animal como foram caracterizadas por muito tempo e outras relacionada a “gente”, seres racionais. Ou seja, “AuMaghreb uma etnia feminina é imaginada segundo os desejos dos homens que a criam, entretanto as negras africanas são, em primeiro lugar, designadas como selvagens depois redefinidas como atraentes por um processo de ocidentalização.”¹⁴⁵

É porque certos “instrumentos” de erotização completam o dispositivo de colocar em cena fotográfica das mouras, em particular nas poses e atitudes, o valor singular da mulher desejável e situam fora da apresentação passiva da sensualidade e dos “talentos particulares” (

¹⁴⁴Ibidem , p.128

¹⁴⁵Ibidem, p.129.

Beauvoir 1949, II: 390). A mulher negra permanece outra e estranha, fora dos decretos “ocidentais de erotismo e da provocação”.¹⁴⁶

As vestimentas também são trazidas para estabelecer a distinção entre a mulher negra e a moura, onde as mulheres africanas que são negras têm em torno de si adornos, roupas e tatuagens estranhas, ou seja, costumes que as associam ainda ao mundo selvagem. Já as mouras são trazidas com um corpo natural próximos as das mulheres ocidentais, no entanto, são marcadas com características eróticas e sensuais, as quais as diferem das mulheres negras como também das europeias. Desta forma, é notória que a imaginação ocidental aprimora a exaltação de tornar a mulher africana negra, ainda precisa de instruções pelos moldes europeus.

Vale ressaltar, que os europeus traziam em suas fotografias e relatos, mulheres negras que já estavam estabelecidas nesses “procedimentos de progresso” para que servissem de exemplo e que correspondesse ao mecanismo de que eles eram os salvadores e bons homens “... numerosas fotografias sobre as quais as mulheres negras aparecem vestidas são apresentadas por saborosas legendas como testemunhas incontestáveis do bom êxito da “obra civilizatória””.¹⁴⁷ Pois

a partir de representações que permitiam reconstruir as colônias “em paraíso do sexo” (ibid, 29). A imagem da mulher negra, até nos anos cinquenta, não autoriza este tipo de conclusão, descoberta desnuda, sua propensão “encobrir as superfícies deixadas nuas” parece ser a preocupação dominante do colonizador, então no mesmo tempo, o ocidente criou uma etnia unicamente feminina no Maghreb cuja finalidade é se perpetuar o “harém colonial”.¹⁴⁸

A visão dos portugueses transpassada nas imagens era a de que os homens eram seres fortes, no entanto preguiçosos, já as mulheres seriam pessoas de índole ativamente ingênuas, sendo dessa forma a mulher a precursora da atividade econômica na África, o que para os civilizadores era uma ofensa e desrespeito para com as mulheres, onde as mesmas eram exploradas por comandar toda a atividade agrícola e ainda ter que cuidar dos filhos. Essas práticas recorrentes na África explicam o avanço da poligamia, pois para os homens africanos seria mais convincente casar-se com mais de uma mulher,

¹⁴⁶Ibidem, p.128

¹⁴⁷ Ibidem, p.129

¹⁴⁸Ibidem, p. 129-130

sendo assim, as mesmas ajudariam da economia da casa e por assim corroborar a estabilidade econômica da família.

Na África, no entanto, a poligamia é generalizada, e ninguém parece duvidar de que a ocorrência esteja intimamente relacionada com as condições econômicas. Um relatório do secretariado da Comissão Económica para África da ONU afirma este ponto: Um dos apelos mais fortes da poligamia aos homens na África é precisamente seu aspecto econômico, pois um homem com várias esposas comanda mais terra, pode produzir mais comida para o seu Doméstica e pode alcançar um alto status devido à riqueza que ele pode comandar .¹⁴⁹

Além de que as mulheres consentiam essa prática, pois quando seu marido casasse com outras mulheres não só diminuiria o seu trabalho como esta nova esposa lhe deveria obediência. O casamento de um homem com diversas mulheres era um dos costumes mais rejeitados pelo cristianismo e seus seguidores, dessa maneira, essa prática (poligamia) era vista como um dos maiores pecados do mundo incivilizado e que por isso era necessário instruí-los ao que era adequado. Como também tornar as mulheres africanas “livres” e “salvas” dessa transgressão ao amor de Deus e a regra religiosa que detinha da salvação. “Esta desigualdade dos dois sexos é uma das grandes taras das sociedades africanas. Uma sociedade civilizadora se deve ao combate (Wilbois 1939:30)”.¹⁵⁰

¹⁴⁹ BOSERUP, Ester. *Apud* UN. ECA, Wom. Trad. Soc, 5. “*The economics of polygamy*”. IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Christopher (Eds). *Perspectives on África. A reader in culture, history and representations*. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 506

¹⁵⁰ BOETSCH, Gilles & Savarese, Eric. “*Le corps de L’ Africaine: érotisation ET inversion*”. *Cahiers d’Etudes Africaines*. 153, XXXIX, 1999, p.129



Tipos de mulheres dos arredores da cidade.
Types of Native Women of the outskirts of the town. Types de Femmes des environs de la ville.

Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 32.

Nessa fotografia vemos mulheres africanas que habitavam nas cidades ou em suas redondezas como é apresentada na própria legenda. Reparamos que essas africanas estão com grandes panos iguais a vestidos longos, da qual cobrem seu busto e todo o resto do corpo deixando apenas os braços e o pescoço a mostra, sendo assim identificamos uma diferença destas com as mulheres do meio rural, em que ainda deixavam algumas partes do corpo a mostra. Nessa fotografia até a criança já se porta com uma roupa em que resguarda todo seu corpo.



Em Gaza: Velhas «muchopes» pilando amendoim.

Gaza: Old "Muchope Women" shelling ground-nuts.

Gaza: Vieilles Femmes «Muchopes» pilant des noix de terre.

Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.37.

A imagem acima nos permite analisar sobre os hábitos recorrentes dessas mulheres, em suma, é ilustrado uma grande quantidade de africanas com restos de tangas primitivas, alguns adornos pelo corpo e perto delas algum instrumento relacionado aos seus serviços de trabalho. Como vemos as mulheres estão próximas de grandes vasos, ou até mesmo, exercendo seus papéis de responsáveis pela transformação dos alimentos, como o amendoim comentado na legenda. Bem como o ambiente em que estão inseridas, um local com pequenas casas feita de pau e palha e com suas vestimentas, que externam a bestialidade de muitas comunidades.

O autor procura sempre exibir a necessidade das mesmas de mudar seus vestuários, as tornando seres mais civilizados e resguardados, podendo por assim, não deixar partes dos seus corpos a mostra. Bem como muitas das outras fotografias, esta expõe como as mulheres carregavam seus filhos e que estes se envolviam nos trabalhos das mães, como na imagem acima, onde as mães e filhos ocupam juntamente o mesmo

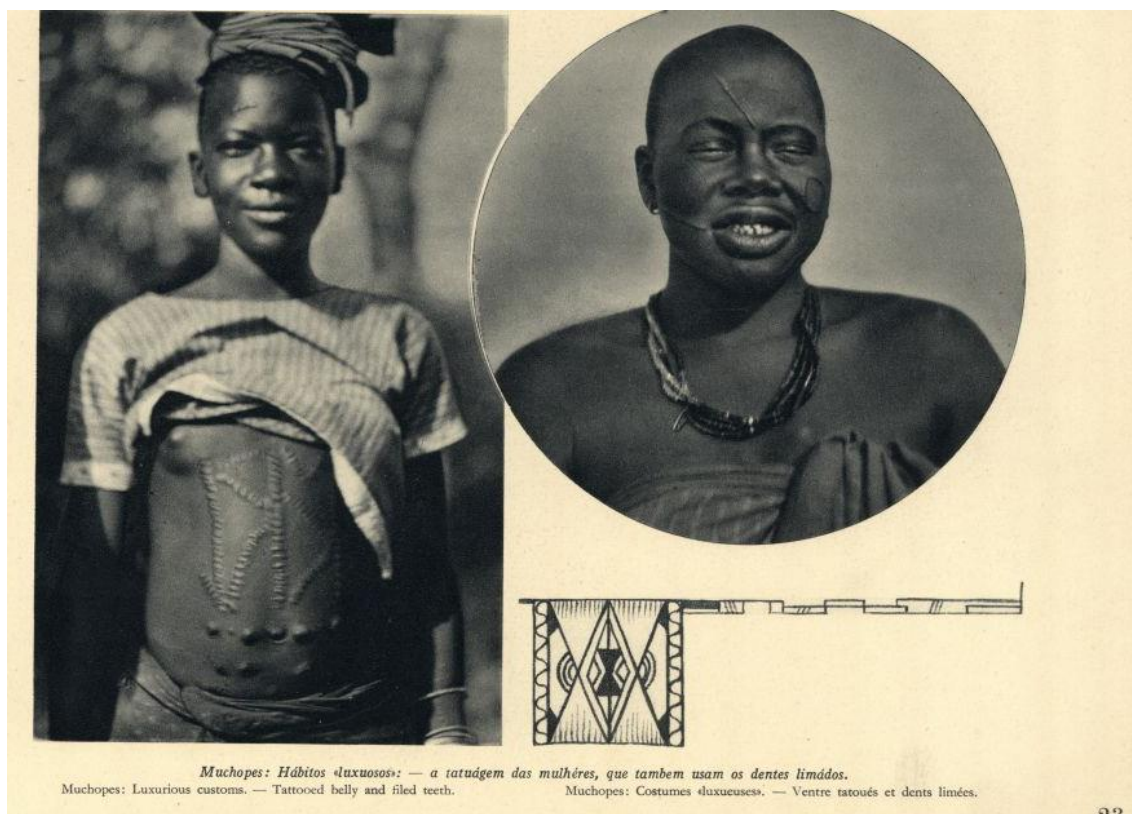
local de trabalho. Dessa forma, permeia a imagem de que as mulheres além de trabalharem, ainda levavam seus filhos para o serviço, e conseqüentemente, mantinham-se sobrecarregadas, ou seja, o autor na maioria das fotografias traz as mulheres próximas ou com instrumentos de trabalho para firmar a visão de que estas estavam sempre com algo a ser feito.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.39.

Na fotografia da esquerda tem em sua legenda *Uma família original*, de forma que tem como figurantes, um casal e uma jovem, na qual acreditamos ser a filha. Em detrimento disso, nota-se o sentido e feito da palavra “original”, inclusa na frase, e que tem como intuito, deixar explícito que diante do que é ensinado dentro do cristianismo e seus princípios, a família composta dessa maneira, por um homem e sua companheira, e os demais filhos é o correto. Uma estrutura primordial para os europeus, que reproduzia o quão era positivo essa formação familiar católica. Na fotografia da direita as mulheres aparecem com um instrumento erguido na cabeça as quais estavam vendendo, e a uma

roupa que permitia cobrir várias partes do corpo. Na fotografia como um todo, vemos também, que todos estão sem calçados e frente ao fotógrafo, o que apresenta uma inquietação sobre a afirmação do autor sobre a naturalidade das imagens.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 41.

Uma das poucas fotografias que ilustram mulheres sorrindo são essas acima, das africanas de Muchopes. Na segunda fotografia, a jovem está com os dentes a mostra para que o observador evidencie a mutilação dos dentes, uma das práticas mais hostilizadas pelos europeus, no entanto, era um costume recorrente para firmar sua identidade. Vale ressaltar que essas práticas não eram efetuadas apenas por um grupo étnico, como o ilustrado acima, por exemplo, mas também eram efetuados por outros, apenas havia diferenças.

muitos dos traços exteriores da cultura Makonde, tais como o afiar dos dentes, a tatuagem, o uso de botoques nos lábios (ndona), que hoje podem impressionar, eram hábitos comuns a vastas populações. Todavia, na segunda metade do século XIX verificava-se que a tatuagem, as escarificações e a mutilação dentária eram mais comuns,

de acordo com a maior distância a que os povos viviam da influência “civilizadora do litoral”.¹⁵¹

A primeira imagem observa-se que a garota está com a blusa levantada para exibir as tatuagens que essas mulheres tinham principalmente na região da barriga e alguns traços no rosto como mostra nas fotografias. Abaixo da segunda imagem tem um desenho parecido com a tatuagem da barriga da jovem, acreditamos que estas trazem uma tradição do povo e claramente com um determinado significado ou sentido para esses grupos. O autor também descreve na legenda sobre os dentes dessas mulheres, na qual tinham entre os hábitos usar dentes limados.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 42.

¹⁵¹ ROSEIRO, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013, p.81

Ao que primeiro reparamos no conjunto dessa fotografia são as mãos de um dos curandeiros que é colocada ao centro e ampliada para que sejam enxergados os traços existentes nelas, que tem como posicionamento do autor, o resultado de práticas para curar doenças. Na legenda também remonta a uma escrita que mostra no que resultava ser um curandeiro ou feiticeiro como as “mãos apodrecidas”. O mesmo também realça que esses indivíduos eram perseguidos pelas autoridades e que muitos dos povos já não confiavam, ou seja, tanto no decurso do que mostra as imagens em conjunto com a legenda efetua uma autenticidade do que era discursado pelos europeus sobre esses grupos “satânicos”. Outra característica que é necessário enfatizar são as roupas desses dois curandeiros, vestimentas cogitadas como estranhas e mal-comportadas, com a inserção de vários ornamentos corporais e adornos.



Raparigas «Muchope» com as suas tatuagens características.
 “Muchope” Women with their characteristic Tattooes. Jeunes Filles «Muchope» avec des Tatouages caractéristiques.

Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 45.

As mulheres de Muchope que foram usadas nas fotografias acima, exibem suas tatuagens, uma com o rosto para frente e outra de perfil, para mostrar as escarificações

no rosto. Essas mulheres parecem como as de Maconde, ter orgulho dessas práticas, pois como são visíveis as tatuagens não são escondidas, pelo contrário, são feitas em partes que podem ser observadas, como na barriga e no rosto. São mulheres de atitudes, que se mostram seguras sobre si mesmo, com uma postura ereta, no entanto, ainda não encaram o seu observador, dando a impressão de submissão ao homem europeu.

O autor do álbum traz várias fotografias com as mulheres de Muchopes e suas tatuagens, no entanto não explica o porquê da existência das mesmas, apenas inclui uma pequena legenda ilustrativa, sem nenhuma informação sobre esses costumes. Nas imagens vemos como eram os cortes de cabelo dessas africanas, os adereços onde sempre transportam adornos parecidos com colares, e as tatuagens abaixo do peito, no local da barriga parecendo tornar uma cicatriz com relevo. Além do mais, as marcas nos rostos, pelas bochechas e testas. Percebemos que elas são um tipo de mulher africana que o autor mais reflete seu desgosto, pois em suma, introduz palavras na qual manifesta esses traços africanos como estranhos e bárbaros, que são sempre exibidas com o enfatizar dos traços no rosto e as tatuagens corporais.

A situação é aparentemente diferente para mulher negra africana: pouco representada na iconografia ocidental antes do século XIX (Sachs 1969) ela aparece na imprensa colonial do início do século, como desnudada e selvagem. Ou lembrando que a etimologia da palavra selvagem não é somente outra “o que vem da selva”. Levi Strauss notava que a definição do outro como selvagem consistia em rejeitar/condenar “fora da cultura, na natureza, tudo o que não se conforma à norma sob a qual se vive” (Levi Strauss 1973:383).¹⁵²

¹⁵²BOETSCH, Gilles & Savarese, Eric. “*Le corps de L’ Africaine: érotisation ET inversion*”. Cahiers d’Etudes Africaines. 153, XXXIX, 1999, p. 127

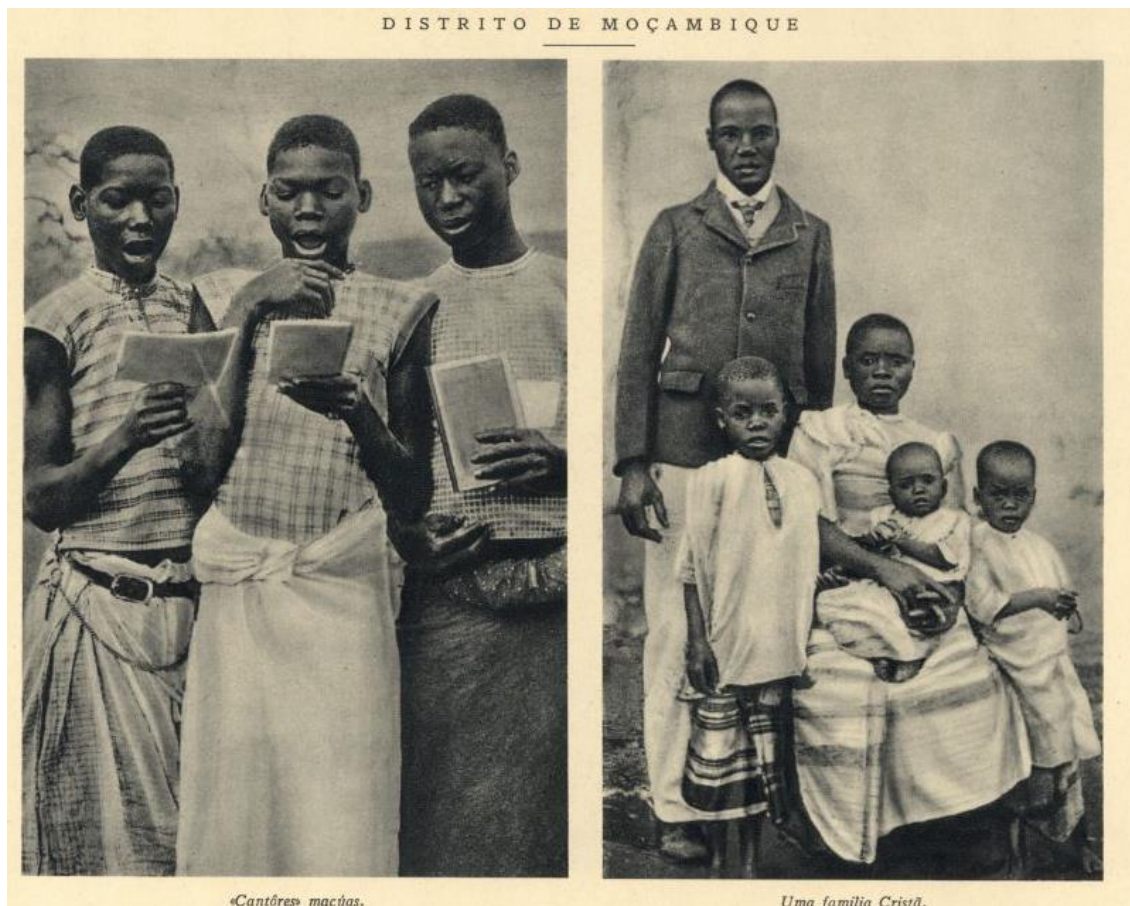


Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana] José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.57.

O viés masculino como precursor dessa representação da mulher africana corroborou em enfatizar todo esse diálogo discursivo de que a africana era incapaz de viver feliz sendo explorada, além de conviver com o marido tendo várias outras esposas, no entanto, é relevante notarmos que isso é uma visão eurocêntrica. Que as africanas não viam todo o seu meio familiar como forma de exploração como é realçado, e que ao contrário do que é repassado, as mesmas preferiam que seus parceiros tivessem mais de uma mulher, sendo assim, o trabalho familiar seria dividido e acarretaria em um maior rendimento econômico.

No decorrer da análise da *Agência Geral Ultramar* é, indubitavelmente compreensível que, as mulheres africanas são abordadas durante a representação do Outro como dominadas pelos homens e não como protagonistas do meio familiar africano de muitas regiões na qual o sistema é matrilinear. O observador dar ênfase das questões como a poligamia e as características africanas consideradas por ele como

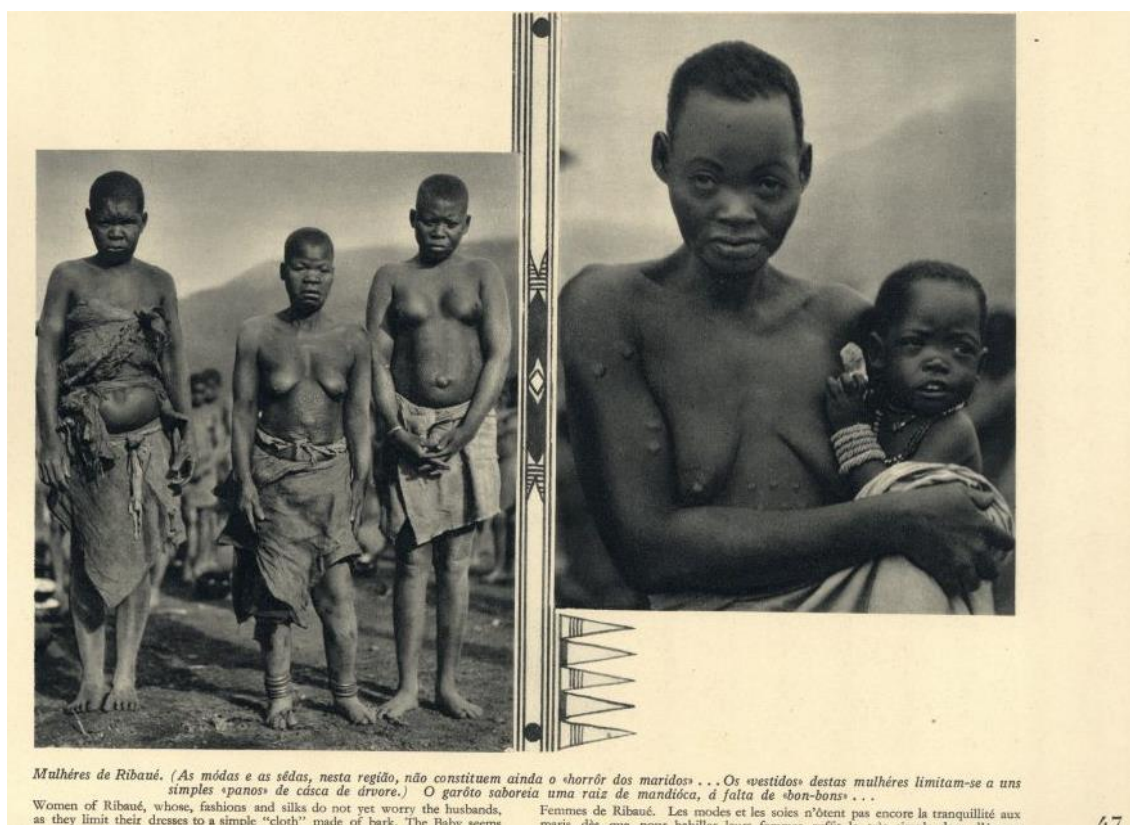
esquisitas e exóticas, para os portugueses as mulheres africanas eram exploradas que chegavam até a ser associadas a animais domésticos.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 64.

Ao analisarmos as duas imagens em conjunto, vê-se a relevância de comentarmos sobre a diferença do vestuário das mulheres Moçambicanas, onde na primeira fotografia notamos que as roupas das cantoras são básicas e, no entanto, já cobria boa parte do corpo. Na segunda fotografia a mulher está com uma vestimenta mais robusta, ou seja, mais elegante. Em que usa um vestido longo, de manga, deixando apenas uma pequena parte do braço a mostra. Por assim, percebemos que as mulheres dessas fotografias são contextualizadas de acordo com a existência de um contato já vivente com os portugueses, no entanto, as primeiras ainda não são figuras completas como a mulher da segunda fotografia, que detém dessa transformação mais “elevada” e “positiva”, conseqüentemente associada à família cristã, como a própria legenda afirma.

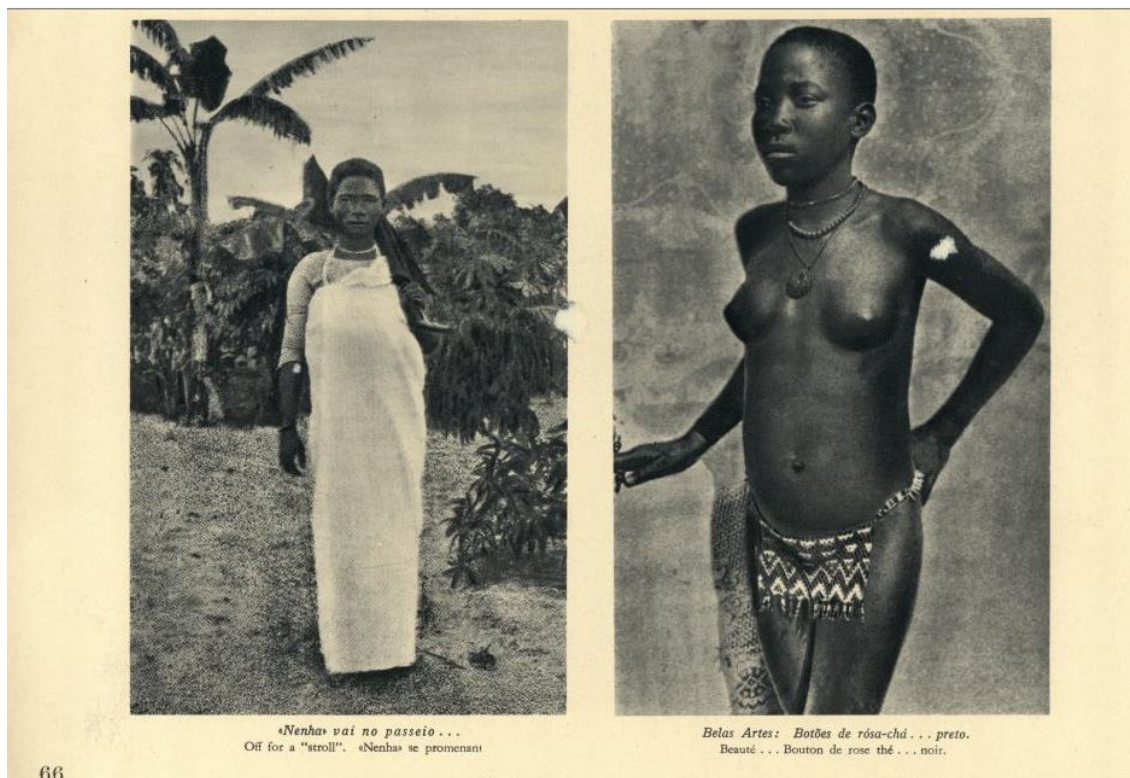
Para, além disso, nas fotografias que representam uma família cristã, como algumas que estão expostas nesse trabalho, apresentam uma condução da família na qual, o grupo familiar é pequeno e composto apenas por uma companheira e alguns filhos. Além de que, o traje exposto é aquele “adequado” a vida eurocêntrica e de pertinência cristã, onde as mulheres devem cobrir ao máximo as partes do seu corpo, pois estas estão relacionadas a um mundo de sexualidade, vulgarização e objetificação da matéria corporal, em suma, classificadas por um progresso e superioridade em relação aos demais que ainda estariam no exercício da “civilização”.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 65.

Uma foto pertinente e que reflete a carência de roupas dos africanos são essas duas fotografias, mulheres com poucas roupas na qual estavam rasgadas ou amarradas para estabilizar-se na cintura. O semblante sério ou triste, com face de descontentamento, sendo estas, seres selvagens/insensíveis, indivíduos que viviam descontentes, em torno da pobreza, mulheres com os pés descalços, com uma estrutura corporal preocupante onde, sobretudo, não expõe a sensualidade, mas sim o exótico e estranho. O letreiro discute brevemente sobre o vestuário das mulheres, afirmando que

suas roupas ainda não refletiam como “horror dos maridos”, o “ainda” traz um tom de que isso ainda poderia provocar uma insatisfação dos maridos. De complemento o autor escreve sobre a condição das roupas dessas africanas, que se limitava a um pouco de pano de resto de árvores. Vale ressaltarmos, que as mulheres africanas não tinham essa preocupação com as vestimentas como sempre é trazido pelo autor das fotografias.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 84.

As imagens acima mostram claramente as distinções das roupas e posições postas pelos portugueses através do contato veiculado principalmente, por meio das atividades missionárias. A primeira imagem apresenta uma mulher do Distrito de Quelimane, uma vestimenta que cobre todo o corpo, em que a própria legenda nos permite compreender que a partir do contato com o homem ocidental, esses povos passam a ter roupas “apropriadas” para certas ocasiões, como no caso, a passeio.

É relevante falarmos sobre o contraste das fotos, onde a primeira mulher está toda vestida, enquanto a segunda está desnuda com o olhar para o “nada”, pernas cruzadas e com uma postura reta e seios pequenos e em pé, o que remete a mostrar que a mesma ainda é jovem. Em ambas as fotos vemos a utilização de colares, no entanto, diferentes. A primeira com um colarinho com pedras brancas, associadas a acessórios

européus, já a outra com peças da região, denotamente inferiores. Firmando em muitas das imagens a diferença entre a sociedade nativa e a civilizada.



Natives in the Eritri locality.

Gente da Circunscção do Eráti.

Gens de la circonscription d'Ériti.

Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 67.

... O transporte de jarras e cestos por mulheres é conhecido como uma carga de trabalho que é injustamente atribuída pelos homens descritos como escandalosamente preguiçosos. Numerosos são os cronistas que se interrogam sobre os meios de combate, nas perspectivas de uma avançada civilizadora, a divisão sexual do trabalho tal que eles a percebem na África.¹⁵³

As mulheres quase sempre aparecem com crianças por perto ou com instrumentos de trabalho, o que era criticado pelo homem para justificar suas ações diante dessas africanas e de seus grupos familiares. Justificando as missões e ensinamentos como meios de proteger as mesmas das “explorações” em que viviam ou que estavam a mercê. Dentre as fotografias que mais instiga é o debate em relação à atividade missionária de educação e desenvolvimento de um “comportamento” africano. Como na observação dessas duas fotografias abaixo, onde as mesmas carregam a

¹⁵³BOETSCH, Gilles & Savarese, Eric. “Le corps de L’ Africaine: érotisation ET inversion”. Cahiers d’Etudes Africaines. 153, XXXIX, 1999, p.129

essência de uma interferência educativa para que os povos autóctones aprendam a “viver” em sociedade, e claro, aprendam a respeitar o que é imposto por quem se considera encarregado desse papel de orientar.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 94.

Essa é uma pertinente figura significativa de um movimento civilizador juntamente com a execução missionária na qual eleva a visão caridosa desses “apóstolos generosos”. Afinal, a ideia repassada era a de que “As missões católicas portuguesas da Colônia de Moçambique, além da propaganda e assistência religiosa, também prestam nas suas ambulâncias sanitárias aos indígenas e mantem escolas de ensino primário e oficinas de aprendizagem.”¹⁵⁴ Na imagem acima vemos a Irmã de caridade ensinando as meninas Zamberianas. Estes que são capazes de propagar o bem e trazer um progresso que vem acompanhado da intensa melhoria de diversos territórios africanos e do seu povo. No entanto, autavam com o emprego de um controle e difusão de uma violência

¹⁵⁴ Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.8

não só física e psicológica, mas, sobretudo, a destruição de costumes e quebra de línguas para introduzir uma que era enaltecida como precisa.

Algumas missões restringiam o ensino religioso e literário a cerca de duas horas por dia e coagiam os alunos ao trabalho agrícola no restante do dia, vivendo, a missão e os missionários, quais parasitas, à custa do trabalho dos internos. O recurso ao trabalho braçal dos educandos criava situações em que estes eram tratados como prisioneiros, impedidos de receberem visitas dos pais, castigados com palmatória ao menor sinal de desrespeito ou por pequenas faltas.¹⁵⁵

Em relação a isso, vimos que estava entre os interesses dos missionários não só propagar a religião, mas ter também mão-de-obra para a realização de seus objetivos. Além de banir os costumes africanos que subvertiam todo o ideal executado pelo europeu/colonizador. Para que isso fosse cada vez mais considerado apropriado vê-se a relevância da ligação da ação missionária com atividade civilizatória, desta forma, o quadro abaixo foi trazido para mostrarmos a porcentagem e os tópicos trazidos na introdução do álbum de fotografias para autenticarem tais informações impostas pelos portugueses nos territórios africanos.

Práticas dessa junção (missionária e civilizatória)	Contagem
Doentes tratados na Colônia pelos enfermeiros das	14:800
Curativos feitos	162:800
Escolas portuguesas missionárias onde se ministra o ensino	211
Número total de alunos matriculados	21:400
Escolas-oficinas, além de 8 escolas de costura e lavoires	49

Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colônia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.8.

¹⁵⁵ZAMPARONI, Vlademir. “Gênero e trabalho doméstico numa sociedade colonial: Lourenço Marques. Moçambique, c. 1900-1940”. *Afro-Ásia*. 23 (1999), PP.157.



Irmã de Caridade leccionando raparigas zambesianas. «Deixai que os pequeninos venham a mim...».
 A Nun lecturing Zambesian Girls: "Let the little ones come to me..."
 Sœur de Charité instruisant les jeunes filles de Zambézia: «Laissez venir à moi les petits enfants...»

Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p. 94.

Em muitas imagens observadas tomamos conhecimento que um dos maiores objetivos dos portugueses com as postagens das fotografias era mostrar as mudanças satisfatórias acarretadas a partir da participação, intervenção e missões católicas ou a necessidade das mesmas. As intervenções missionárias trazidas nessas duas fotografias acima passam uma noção de ternura, através das segundas intenções dos portugueses de transformar esses povos de acordo com seus interesses. Além do amor e cuidado dos evangelizadores com as crianças, como a legenda apresenta “Onde êle missiona erguendo um altar ou abrindo uma escola, deixa o indígena os seus costumes atrasados.”¹⁵⁶

Sendo assim, os portugueses agregavam as práticas indígenas como atitudes errôneas e associadas ao diabólico, dessa forma, utilizam-se de argumentos como meio

¹⁵⁶ Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.8.

para justificar tais atitudes. Além do mais, a imagem transpassa a ideia de que os missionários não mais contavam com as transformações dos mais velhos, pois agora viam nas crianças mais chances de mudanças, estas que teriam um maior contato e que seria mais fácil romper com tais práticas.

Vale ressaltar, a parte da legenda que diz “Deixai que os pequeninos venham a mim...” rapidamente lembra-se um verso da bíblia em que diz “Deixai vir a mim os pequeninos. Não os impeçais, pois deles é o Reino de Deus.” Ou seja, dessa maneira, perpassa a ideia de aproximação da mesma com o divino, por usar uma frase semelhante a do mesmo, e por assim, acarretar na identificação de que essas pessoas que reproduzem e ensinam essas práticas são seres escolhidos para ensinar a fé e que por isso deveriam ser respeitados. Dessa maneira, corroborar a salvação e advenho da fé.

Em algumas fotos os protagonistas são os africanos, no entanto, estes são trazidos de acordo com uma visão dos portugueses, pois nas fotografias vemos que as principais figuras são as mulheres africanas. Como podemos notar diante das fotografias, poucas imagens trazem esse povo como seres civilizados, e sim como indivíduos que necessitavam de um maior contato com quem sabe se portar e que saberiam ensiná-los a conviver com outras pessoas de forma digna. E os portugueses quando trazidos são em suma são os missionários fazendo o “bem” e os africanos felizes, como crianças sorrindo na imagem acima.



Fonte:Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.28

Entre o indígena do litoral e do interior, nota-se uma apreciável diferença de mentalidade, sendo o primeiro mais inteligente, contagiado pela civilização do litoral, onde o comércio europeu abunda; e, pelo contrário, o segundo, bronco, misto de homem e de animal, vivendo nas selvas, - verdadeiro <<rei dos animais>> - entre as feras que de longe rugem ou que, de perto, lhe espreitam a palhota tôska, não assomos e intelecto, vivendo sob costumes de quási homem primitiva¹⁵⁷.

Para, além disso, as mulheres são mestiças, ou seja, expostas com vestimentas, poses e adornos distintos ao das mulheres negras, as primeiras sendo ilustradas com expressões amáveis e de características mais civilizadas, como roupas mais cobertas, colares e brincos pequenos e um tanto refinados em relação aos utilizados pelas negras africanas, onde na legenda nem se ilustra, pelo contrário no decorrer da mesma, traz estas mestiças como “verdadeiras belezas” africanas distinguindo-as das demais mulheres. Além de que são imagens que sempre mostram uma harmonia em relação ao contato europeu/africano. Onde existe uma ideia de aceitação dos africanos em relação

¹⁵⁷ Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana]José dos Santos Rufino, 10, 1929, p.5.

ao, por exemplo, os valores cristãos trazidos pelos portugueses. Dessa maneira, tanto os africanos como os portugueses são trazidos como amigos, ou seja, pessoas que convivem em harmonia. E como na citação acima remete, o “inteligente” como quem segue ou faz o que é posto pelos portugueses, já o que subverte essa ordem como o incivilizado e burro.

Nas duas fotografias acima, as mulheres estão com roupas na qual cobrem seus pescoços, com o cabelo arrumado e com um belo sorriso, com pequenos brincos e colares delicados, como na primeira imagem. Com uma legenda na qual diz “verdadeiras belezas africanas” reforçando um contraste dessas imagens com as expostas anteriormente, onde as mulheres estão com poucas roupas e com faces aparentemente tristes. Então em decorrência disso, notamos o interesse português de mostrar as transformações de alguns grupos africanos diante de outros. Deixando explícito que ainda havia indivíduos bárbaros, sendo assim, vê-se a importante trazer os dois tipos para que vejamos as diferenças das roupas, de como se portavam nas fotografias, o que usavam e como são ilustrados pelo autor. Além de que, a intenção de expor que as mudanças como graduais, pois a mulher da segunda fotografia, como vemos, ainda está descalça o que remete ainda ao “processo” de civilização, firmando as diferenças entre estas das mulheres europeias, por exemplo.

"PRETA TAMBÉM SER GENTE": O OLHAR EUROPEU E A EROTIZAÇÃO DA MULHER AFRICANA

É indiscutível a necessidade de debatermos sobre a poligamia como um sistema atuante principalmente em decorrência das condições econômicas de algumas regiões africanas. Aos olhos do ocidente, a poligamia funciona apenas para deleite do homem em possuir várias companheiras, contudo uma percepção a partir do universo cultural africano, percebe-se sua estreita relação com os sistemas de produção, com as práticas agrícolas cuja correlação com o mundo feminino, com núcleos familiares numerosos de filhos definem a quantidade de produção é a qualidade de vida dessas comunidades. Por essa lógica, a poligamia enquanto instituição social tem uma função primordial no desenvolvimento econômico.

Dessa forma, notamos a necessidade de pontuar a importância da mulher no sistema matrilinear, ou seja, a ascendência materna, estas que são donas do papel precursor, principalmente do desenvolvimento familiar e econômico. Diferente do que é discursado pelos europeus através da ideia de que o homem detém de todo o meio familiar como um “chefe” ou “régulo”, colocando as mulheres sempre em segundo plano.

Segundo Ester Boserup¹⁵⁸ a poligamia era um sistema que muito beneficiava o homem, afinal a mulher era “explorada”, contudo, notamos que para as africanas essas relações não existia dessa maneira. Esse sistema também era relevante, pois quanto mais mulheres o seu companheiro tivesse, maior seria o auxílio e o cultivo das terras, a procriação dos filhos, e, sobretudo, a relação entre elas, onde a mulher mais velha deveria ser respeitada pelas mulheres mais novas.

Por causa do aspecto econômico de muitas regiões africanas, a poligamia foi bastante identificada e tinha dentre uma das principais características o casamento de

¹⁵⁸ BOSERUP, Ester. “*The economics of polygamy*”. IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Cristopher (Eds). *Perspectives on África. A reader in culture, history and representacions*. Oxford, Blackwell, 1996.

um homem com diversas mulheres, isso se fazia presente pela importância que estas tinham nos serviços da agricultura, por exemplo. Além de que “Quanto mais mulheres o homem tiver, mais filhos têm, mais machambas cultiva e mais riqueza acumula. É uma lógica social e económica(...)”¹⁵⁹, onde os clãs que fossem poligâmicos detinham de um maior poder, pois produziam mais, sendo uma vantagem para o meio familiar como um todo. Nas fotografias analisadas no capítulo anterior notamos muitos casos de poligamia, no entanto, esse sistema é trazido sempre com um “chefe familiar” masculino e não o contrário.

O status da esposa mais jovem é inferior, sendo ela uma assistente ou mesmo uma serva da primeira esposa. Tal pode ser explicado parcialmente como um resultado da grande diferença de idade entre marido e esposa e entre a primeira e a mais jovem esposa.¹⁶⁰

Quando os Ocidentais exploraram essas terras junto com ela propagou-se muitos de seus costumes e visões, entre elas foi, a superioridade do homem diante da mulher, tendo argumentos desde o discurso religioso sobre a origem dos seres humanos à força física. Diante disso, via-se que a “terra de ninguém” deveria passar por uma educação estabelecida pelos missionários ou até mesmo pelos europeus que ali chegavam, afirmando que a mulher era incapaz de ser superior ao homem, e que a esse era obrigada obediência. Para os homens ocidentais, era inaceitável uma mulher ser superior ao homem, então deveriam ser explicado e reproduzido a ideia de que havia uma supremacia do homem masculino em relação as mulheres e se não era aceito uma mulher branca ser sublime ao homem, imagine uma mulher africana.

As mulheres europeias eram vistas através de um sinônimo de ternura e emoções, diferente da mulher negra africana que além de ser sinônimo muitas vezes de animal, servia para os prazeres da carne, pois eram elas que tinham em si o “instinto”. Enquanto a mulher europeia era vista como um ser sensível e de respeito, onde não poderia sentir prazer, assim, propagavam esse discurso de uma “liberdade sexual” na África e expõe fotografias que mostravam ter mulheres sexuais nessas regiões, o que acaba por servir de pontapé para a visita desses europeus.

¹⁵⁹ ROSEIRO, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013, p.140.

¹⁶⁰ BOSERUP, Ester. “*The economics of polygamy*”. IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Cristopher (Eds). *Perspectives on África. A reader in culture, history and representacions*. Oxford, Blackwell, 1996, pp.511.

Entre toda essa percepção de casamento africano, vê-se indubitavelmente, a importância de dar visibilidade ao problema de achar que na África, e, em todas suas regiões, as culturas e os costumes eram idênticos. Pois isso variava tanto de território, como também dentro de cada grupo étnico. Como foi perceptível durante a análise de alguns grupos africanos, onde alguns praticavam a poligamia enquanto outros não, como vimos nas fotografias, os casamentos variavam de acordo com o grupo étnico, além de que dentro destes também existiam especificidades.

As versões demarcadas pelos europeus trazem consigo um padrão estabelecido e perpassado por muitos anos, onde retrata a mulher negra e formosa com um sentido erótico, já a mulher negra e de aparência “negativa” era exposta através de uma visão selvagem. No entanto, é importante rompermos com o pressuposto de que a mulher erotizada era sinônimo de civilização. Pois, não necessariamente era um indivíduo educado, pois estas muitas vezes ainda mantinham características bárbaras, como a forma de se vestir e os comportamentos, o que a diferenciava das outras, era o interesse sexual do europeu diante dela.

A mulher africana ganha características de acordo com o olhar europeu, pois é esse que a retrata, ora como um objeto sexual ora como um animal, que além de ser explorada pelo seu companheiro ainda deve expor toda sua “formosura” para seduzir o homem ocidental. A mulher que é explorada e desrespeitada pelo marido deveria encontrava-se em um ambiente privado, ao contrário desta, a mulher erótica devia habitar em um campo público, firmando seu papel de corpo objetificado, no entanto, sensual.

Durante a análise das fotografias, por exemplo, é visível que eles trazem duas fotografias juntas, onde o contraste entre elas é rapidamente notado, pois é necessário trazer a mulher africana como um ser que está em transformação, para que seus costumes incivilizados sejam interrompidos. E outra fotografia da mulher africana bela e sexy para que conduza a intensidade do interesse dos europeus de conhecer a terra.

A distinção da mulher europeia das demais, sobretudo da africana, foi explícito principalmente na relação de ser humano, como vimos nessa citação, só poderia usar-se desse perfil a mulher branca, a africana aqui seria fêmea, esse nome na qual refere-se ao animal do sexo feminino, ou seja, mantendo uma distinção e sobretudo uma hierarquia,

na qual uma se sobrepõe a outra e que cada uma tem sua determinada função perante esse padrão europeu vigente. Segundo Pollera,

Como mostra a citação acima dentro dos costumes e ritos africanos, claro que com algumas variações de região para região, o casamento era firmado ainda quando os casais eram jovens, sobretudo a moça, pois muitas vezes o homem era bem mais velho que a sua futura esposa. O casamento deveria ser dialogado e estabelecido pelos pais ou responsáveis antes mesmo da garota entrar na puberdade para que os ritos fossem realmente efetivados, além disso, em alguns casamentos havia o dote dado pela família do homem à família da mulher.

Nessas sociedades, isso era frequentemente, pois o dote mostrava a devida importância da mulher e da sua função de mantenedora e reprodutora/férteis. A mulher africana foi sinônimo de pilar entre diversos grupos, por assim, via-se nela a salvação e harmonia dentro daquela comunidade, dessa forma, era necessário ter cautela da mesma. Ademais, um dos principais pontos de alguns grupos era o casamento firmado entre pessoas da mesma comunidade, então os pais deveriam arranjar imediatamente os casórios.

O desejo de uma prole numerosa é sem dúvida, muitas vezes, o incentivo mais frequente. Onde tanto o desejo por filhos quanto as considerações econômicas estão em jogo, a motivação para a poligamia é tão forte que proibições religiosas ou legais não são levadas em conta.¹⁶¹

O modelo de um encontro harmônico entre os europeus e africanos por muito tempo foi pensado e creditado, no entanto, há alguns anos vem sendo aos poucos repensado, e diante disso, desconstruído também a veemência firmada de que a atuação europeia nessas regiões da África foram estritamente usada em caráter missionário. No texto da autora Judith Van Allen a mesma deixa explícito em seu texto que

O Ocidente opera importantes influências nas mulheres africanas, principalmente através da religiosidade, mas também através da economia, política, cultura. Vê-se presente essas influências no enfraquecimento das ligações entre elas, sejam no círculo de amizades, no trabalho, ou nas relações amorosas no “livre arbítrio”, na

¹⁶¹ BOSERUP, Ester. “*The economics of polygamy*”. IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Christopher (Eds). *Perspectives on África. A reader in culture, history and representations*. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 508.

união monogâmica do cristianismo, na supressão de práticas “bárbaras”...¹⁶²

As missões cristãs tiveram um papel precursor na propagação de muitos hábitos europeus, entre estes, reforçar a necessidade da transformação de um sistema matrimonial onde o homem deveria possuir apenas uma única esposa. Além das mudanças de hábitos, como ensinar as meninas o “papel” de ser mãe e cuidar do lar, e sobretudo, “o efeito da administração colonial foi reforçado pelos missionários e escolas da missão”.¹⁶³ Os educadores das missões também apresentavam, através das imagens, por exemplo, como os costumes sofriam transformações, procurando sempre enaltecer um interesse do observador a estas regiões africanas, como acontece com a erotização da mulher.

Foram enviados mais frequentemente os meninos para se educar, por uma variedade de razões geralmente relacionada à posição favorecida deles na *patrilineage*. Mas até mesmo quando as meninas foram elas tenderam a não receber o mesmo tipo de educação. Nas escolas de missão, e crescentemente em casas “de treinamento especiais” que dispensavam a maioria dos cursos acadêmicos, às meninas foram ensinadas habilidades domésticas europeias e a Bíblia, frequentemente no vernáculo. O propósito declarado dos missionários educando as meninas era as treinar para ser pessoas Cristãs e mães, não para trabalhos ou para cidadania.¹⁶⁴

A preocupação dos missionários nas regiões africanas era o enquadramento desses povos, sobretudo, de aderir seus comportamentos e ideias. Onde a mulher tornaria devota de uma religião muitas vezes bem distintas da seguida em sua comunidade, além dos hábitos, “a igreja, e mães, não líderes políticos fêmeas, eram a pontaria da missão. Como Mary Slessor, disse o influente missionário de Calabar. “Deus- como maternidade a esfera melhor é para as mulheres, e o modo para a redenção do mundo”.¹⁶⁵ onde enaltece como amor da religião cristã às mulheres, onde esses missionários trazem o discurso de que o amor de Deus para estas mulheres era enorme e que nesse mundo elas teriam uma vida com princípios e com honra.

¹⁶²ALLEN, Judith Van. “*Sitting on a man: colonialismo and the tost political institutions of Igbo women*”. In: GRINKER, Roy Richard & STEINER, Christopher (EDS) *Perspectives on Africa: a reader in culture, history and representations*. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 536.

¹⁶³Ibidem, pp.547

¹⁶⁴ Ibidem, pp. 548

¹⁶⁵Ibidem, pp. 548

É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que nelas se compreendam, exercendo também a influência moral que lhes é adstrita pelo Padroado do Oriente¹⁶⁶

Como em todo o percurso do trabalho falamos sobre o casamento, e é relevante ressaltarmos sobre as moradias, um instrumento que ainda é veiculado a construção de uma família. Estas moradas diferenciavam o status, a ascensão econômica e, sobretudo, sinônimo de modernidade conduzida pelos europeus, ou seja, ter uma estrutura residencial era semelhante ao progresso e alcance de uma família ocidental, onde havia uma estrutura e que cada integrante tinha seu papel, fosse ele hierarquizado ou não. Além do mais, a percepção de que “os pobres eram vistos como não civilizados assim como os negros.”¹⁶⁷ mesmo que em alguns momentos houvesse alguma distinção, como por exemplo, em relação a cor, mas a ascensão era sinônimo de progresso, e a pobreza o contrário.

Muitos estudos comentados recentemente de que “a moradia” – como lugar ou preceito- foi há muito tempo o foco crucial dos esforços europeus em colonizar a África (Hansen, 1989; Gaitskell, 1983; Cock, 1980), em particular induzir a “ideologia familiar ocidental” (Hant 1990, 449).¹⁶⁸

Esse exemplo de vida com uma família e sua determinada estrutura põe em perigo a formação de uma família poligâmica (várias mulheres, um homem e filhos), desestruturando o seu eixo e trazendo a formação de outro, mostrando “o risco de assumir um modelo estável consolidado de “vida em família” que foi trazido da Europa para as colônias”¹⁶⁹.

E eis que além do ideal de vida família ainda traz consigo a versão de um sistema monogâmico e com a absorção de uma religião cristã. Durante as observações

¹⁶⁶TEIXEIRA, Rannelle RochaapudALEXANDRE, Valentim, 1999: 43. *A representação dos povos autóctones africanos no Boletim Geral das Colónias (1933-1945)*. Faculdade de Letras da Universidade de Porto. 2016, p. 32.

¹⁶⁷COMAROFF, Jean e John L. “Home-made hegemony: modernity, domesticity and colonialism in South Africa”. In: HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1992, pp. 38.

¹⁶⁸Ibidem., p.37.

¹⁶⁹Ibidem, p.38.

das imagens notamos que existem casarões, as mulheres com roupas diversas (umas ilustradas como “incivilizadas” outras já veiculadas ao sistema europeu), posturas distintas, imagens contraditórias (umas ao lado de outras para mostrar a transformação advinda do progresso posto pelo europeu) e o ensinamento passado para as crianças “positivamente”.

A representação francesa da africana pode ser lida a partir de uma dupla origem: é as vezes uma construção ocidental e uma visão masculina, portanto um documento antropológico sobre o país e os homens que o produziram, e sem dúvida um dos mais possantes instrumentos de compreensão do aspecto erótico do imaginário ocidental.¹⁷⁰

A produção de imagens interpretadas como reais passaram a reforçar o imaginário europeu sobre as mulheres africanas. Sendo assim, eram expostas fontes imagéticas para sobrepor o estereótipo de uma África selvagem, dividida entre a erotização do corpo da mulher africana e sua barbárie. A exploração do continente africano e a visibilidade de um território com raças atrasadas corroboraram no discurso da necessidade de uma utilização de práticas para assegurar a interferência europeia para efetuação de um progresso. Sendo assim, produziu-se um olhar europeu sobre a imagem de africanos, como seres selvagens e inferiores ao homem europeu, e, sobretudo, seres das quais mostravam a necessidade de uma implementação de uma civilização, na qual requeria a concessão da sua implementação e das consequências que estas traziam, como o rompimento de muitas práticas exercidas pelos africanos.

As fotografias foram vistas como um veículo eficiente que servia de estímulo erótico para os homens e que era um meio de estender todos os discursos manejados pelos ocidentais. Elas em conjunto com suas legendas afirmavam a veracidade do que era discursado. Além de que, é importante falarmos que eles procuravam mostrar a “facilidade sexual” encontrada nessas regiões, onde a mulher africana era exibida como um objeto na qual poderia oferecer e sentir prazer, ao contrário do que era ensinado às mulheres ocidentais. Ademais o olhar do europeu sempre firmava os “vários tipos” de mulheres que existiam naquela região, a mulher mais voltada para o selvagem/animal e a mulher mais exótica, que não deixava de ser incivilizada, no entanto, servia de interesse ao homem ocidental.

¹⁷⁰ BOETSCH, Gilles & Savarese, Eric. “*Le corps de L’ Africaine: érotisation ET inversion*”. Cahiers d’Etudes Africaines. 153, XXXIX, 1999, p.125.

Nos vários discursos sobre modernidade, estes países foram tomados por transformações sociais da era do capitalismo, o “continente escuro” surgiu como uma metáfora negativa, o inverso de tudo que se desenvolveu em direção a um esclarecimento. A Europa ficou em relação à África como o refinado e o primitivo, o claro e o escuro, o conhecedor e seu objeto. No devido tempo esta relação assumiu um imperativo histórico: espaços não colonizados do continente estavam para ser mapeados, o selvagem a ser cultivado e o sofredor a ser salvo.
171

As sociedades missionárias procuravam propagar, aproximar e, sobretudo, ensinar que estas transformações eram necessárias e que para haver uma modernização territorial as comunidades deveriam se distanciar desse mundo “negro”. São nesses discursos que percebemos que a palavra negro passa a ser uma expressão utilizada para coisas ruins, como “buraco negro”, “ovelha negra”, “lado negro da história”, e o branco como algo bom “inveja branca”, essa distinção entre branco e negro perpassa e atualmente bastante recorrente.

A divisão entre as atividades, dividindo-as entre quais as que deveriam ser do homem e da mulher, esteve em um dos principais propósitos europeus, que era a de intensificar um cenário ocidental de ordem e progresso. Para a efetuação dessas transformações foi usado um discurso na qual ilustrava o homem como o detentor do controle, pois este que teria a capacidade de crescer no ambiente a qual está inserido. No entanto, vimos que existiam várias mulheres que exerciam muito bem esses papéis caracterizados como masculinos. Exemplo disso é a obra *Donas, Senhores e Escravos*¹⁷², na qual retrata várias mulheres africanas com grande poder em suas regiões, fosse ele político, econômico ou social.

Foi dada uma grande responsabilidade às famílias com o intuito de forjar suas próprias relações social e material afim de mantê-los o mais livre possível da obrigação de dependência. Como resultado, as forças de centralização política e hierárquica foram contrárias as tendências direcionadas à dispersão da autonomia familiar. Isto assegurou que, em qualquer lugar, uma variedade de formas sociais iria existir na paisagem. De modo geral, quanto mais centralizado e hierárquico fosse o chefe, menos independente seria a família, quando mais notável fosse o papel do sexo, maior seria o controle masculino; contrariamente, quanto menor o grau de centralização, mais

¹⁷¹COMAROFF, Jean e John L. “Home-made hegemony: modernity, domesticity and colonialism in South Africa”. In: HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1992, pp. 38.

¹⁷² CAPELA, José. *Donas, senhores e escravos*. Porto, Afrontamento, 1995, pp. 67-101.

autonomia teria a família, quanto menos notável fosse a divisão sexual de trabalho, mais atenuante seria a autoridade masculina.¹⁷³

Em algumas partes da África, como vimos no decorrer dos estudos sobre Moçambique, principalmente em algumas regiões, a agricultura era o principal meio de sustento, o que causou muitos incômodos ao olhar do homem europeu, pois era nele que a mulher mais atuava além de trabalhar mais que o homem, esse que vai ser caracterizado como preguiçoso por muitos missionários. “A missão de cultivo, não foi apenas uma lição do contraste entre o trabalho e a ociosidade. Ela também ensinou a diferença entre o trabalho do homem e da mulher.”¹⁷⁴

Esses hábitos recorrentes participaram dos discursos portugueses de construir a mulher como um ser demasiadamente explorado pelo companheiro, pois o papel desta era de serem mães e donas do lar, ou seja, ser precursora de um ambiente privado. Muitos europeus, por exemplo, irão justificar com o argumento de que essas africanas não trabalhavam bem, por não ter força e habilidade suficiente, o que causava o dano da terra. Estes deixam explícito que “o objetivo evangelista de estabelecer uma classe agrícola europeia estável”¹⁷⁵ e também de romper com as vivências na qual as mulheres fazem a maior parte do serviço agrícola.

A ociosidade de vocês... Nós cavamos o terreno sozinhos; vocês deixam as mulheres fazer isso. Nós cavamos profundamente, elas apenas arranham a superfície... Nossa plantação é protegida do sol e é nutrida pela umidade do solo; a de vocês é ressecada com o calor do sol e portanto não é tão produtiva quando a nossa. Ainda falei Trabalhem assim como vocês nos vê fazendo e cavem o solo corretamente, então suas plantações irão florescer tão bem quando a nossa.¹⁷⁶

O interesse econômico e o fortalecimento da burguesia intensificaram entre os discursos alguns estereótipos, como o imaginário da uma África como modelo Europeu, onde a divisão na qual era nítida produção e reprodução da mulher africana em decorrência da sua visão ocidental, como também, as separações do que era papel do homem e da mulher. “O doméstico” significa um grupo (a família) cujas funções

¹⁷³COMAROFF, Jean e John L. “Home-made hegemony: modernity, domesticity and colonialism in South Africa”. In: HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1992, pp. 39.

¹⁷⁴ Ibidem, p.41.

¹⁷⁵ Ibidem, p.43.

¹⁷⁶ Ibidem, p.41.

correlacionadas constituíam a divisão de trabalho na essência da economia e da sociedade “civilizada”; pressupõe-se um espaço físico (o lar privado) que foi, a princípio, nitidamente acentuado e dividido.¹⁷⁷

Na Europa, embora a divisão sexual do trabalho seja anterior, a emergência da burguesia fez-se acompanhar por um forte discurso que considerava natural e necessária a relação entre atividades domésticas e mulher. Na África, entretanto, sob domínio colonial, a forma como estas relações seriam estabelecidas mostram que, nem sempre, este vínculo é obrigatório e o único determinante; a ampla participação de homens africanos no mercado de trabalho doméstico mostra que as tarefas ditas do lar não são atributos naturalmente femininos, e mais: a criação do universo doméstico em África não é determinado somente pelo gênero, mas fatores como raça e classe intervêm de maneira primordial.¹⁷⁸

As percepções dos europeus e dos africanos sobre os hábitos familiares era eminentemente divergente, o que favoreceu na construção de atividades para romper com esses sistemas, como o matrilinear que causou tamanha inquietação aos europeus. O desempenho em relação a poligamia e aos rituais também foram contestados por estes, pois a missão civilizatória tinha como discurso que essas práticas interrompiam o progresso desses territórios.

Como disseram os missionários repetidamente, isto era a solução da tarefa de trazer a África para o mundo moderno- e não incidentalmente ao Império Britânico. Nenhum costume ou atividade era tão insignificante a ponto de escapar do olhar rigoroso da missão de civilização.¹⁷⁹

O desejo de tornar a África um exemplo europeu, de normatizar de acordo com seus interesses, de tornar seu povo “civilizado” e, sobretudo, seguidores de uma religião cristã, foi sendo produzido de acordo com os discursos de necessidade e de consentimento dos africanos para a mudança que “(...) ao construir um reinado com base em uma fundação doméstica sólida, os evangelizadores trabalhariam no sentido de

¹⁷⁷ Ibidem, p.40.

¹⁷⁸ZAMPARONI, Vlademir. “Gênero e trabalho doméstico numa sociedade colonial: Lourenço Marques. Moçambique, c. 1900-1940”. *Afro-Ásia*.23 (1999), PP. 150.

¹⁷⁹COMAROFF, Jean e John L. “Home-made hegemony:modernity, domesticity and colonialism in South Africa”. In: HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1992, pp.40.

instituir as práticas e formas que eram seus ícones e instrumentos.”¹⁸⁰ para a produção econômica de seu interesse, tendo trabalhadores para tais serviços.

Os ocidentais tinham em mente o ideal de se mostrarem como superiores e capazes de transformar toda uma região, fosse ele africano ou não, sempre levavam consigo a ideia de que eles detinham da missão de mudar a vida do outro. No entanto, quebrar um sistema como a poligamia não era uma atividade fácil, pois não só os aspectos econômicos se faziam presentes, como também a conexão dessa prática com esses povos, pois estes compreendiam que “um homem com uma única mulher terá menos auxílio ao cultivar e é provável que venha a ter pouca ou nenhuma ajuda a derrubar árvores”¹⁸¹.

a horta bem irrigada era mostrada como exemplo para os Africanos e tornou-se um ícone da missão de civilização. Dentro de suas cercas, as fronteiras representavam os princípios da produção “própria”, enraizada em um individualismo físico: a criação do valor por meio do trabalho masculino, uma dominação poderosa da natureza, e a acumulação de bens através de um esforço racional.¹⁸²

O autor acima analisa sobre três princípios explorados pelos ocidentais em terras africanas, entre eles, um deles é o valor estabelecido ao trabalho masculino, atuante no interesse de mudar o papel primordial das mulheres em serviços que eram eminentemente masculinos em ambientes Ocidentais. Era por esse motivo, tornar o homem um indivíduo atuante em meio a esses trabalhos, como a agricultura. Além de tornar os africanos seres gentis e seguidores, acima de tudo, do cristianismo, “modernizando” tais regiões. As mulheres estas passariam a ingressar em atividade das quais eram “funções” suas, ou seja, se fazem presente a construção de técnicas que ensinam a divisão de trabalho em gênero. “A missão agrícola... através da reconstrução das relações de produção, ela também alterou o papel das mulheres e seus parentescos na divisão social do trabalho.”¹⁸³

¹⁸⁰ Idem, p.40.

¹⁸¹ BOSERUP, Ester. “*The economics of polygamy*”. IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Christopher (Eds). *Perspectives on África. A reader in culture, history and representations*. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 506.

¹⁸² COMAROFF, Jean e John L. “*Home-made hegemony: modernity, domesticity and colonialism in South Africa*”. In: HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1992, pp. 41.

¹⁸³ Idem, p.42.

Apesar de tais variações, a agricultura centralizava toda a família: as casas matrizes foram a unidade primária de cultivo, assim como a unidade primária na produção social e imaginária da comunidade política. As mulheres faziam a maior parte do trabalho- o que impressionou os evangelizadores por ser profundamente desigual- e geralmente cooperavam com seus parentes no processo. As atividades que elas exerciam juntamente com seus filhos, o cultivo do solo e a colheita, afastavam-nas por longos períodos da cidade densamente povoada. A radiação de laços através das mulheres foi o foco da subsistência material, reprodução e educação através da Tswana contemporânea.¹⁸⁴

O papel da mulher trazido pelos ideais ocidentais, instruiu as africanas a tornarem-se adeptas ao lar, onde sua divisão de trabalho agora era de apenas auxiliar seu marido, como nas fotografias acima das famílias “cristãs” as mulheres estão sempre bem arrumadas, com poucos filhos e sem nenhum instrumento de trabalho próximos de si, como as demais mulheres aparecem. “era comum outros missionários usarem também de persuasão para evitar essa prática nociva.”¹⁸⁵ No discurso europeu, as mulheres são trazidas como inferiores aos homens, e, acima de tudo, incapazes de manter uma família, sendo assim, necessário mostrar ao homem que ele deveria tomar frente aos negócios, tanto das práticas econômicas quanto das políticas.

A campanha da missão africana em instilar uma ideia particular do lar, foi somente um lado do caminho da dialética da domesticidade europeia colocada para fora. O outro foi o esforço da burguesia e dos evangelistas que ensaiaram a ideologia para mobilizar a África na causa de refazer as classes britânicas e levantar o “continente negro”. Isto presume uma semelhança, mesmo que uma equivalência estrutural o ignorante dentro de casa e o selvagem fora de casa.¹⁸⁶

A distinção de uma sociedade civilizada de uma nativa é visível durante a análise tanto dos boletins como das fotografias, capítulos trabalhados acima, onde é exposto as transformações de uma maneira positiva, procurando sempre diferenciar, por exemplo, uma mulher incivilizada daquela que segue os padrões estabelecidos pelos europeus, respectivamente, uma coberta de palavras otimistas e confiantes, outra prejudicial e atrasada.

¹⁸⁴ Idem, p.39.

¹⁸⁵ ROSEIRO, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013. P. 36

¹⁸⁶ COMAROFF, Jean e John L. *Hegemonia no lar: Modernidade, Domesticidade e Colonialismo na África do Sul*. 1992. p.47.

Exemplo disso são as mulheres Macondes, a qual analisamos no decorrer desse trabalho, que são sinônimos de perigo, do que é exótico e animalesco, por terem diversos hábitos, inclusive, contraditório do que era ensinado pelos ocidentais como a

...mutilação dentária, a iniciação masculina e feminina, o Mapiko, a escarificação do corpo, as tatuagens e outras características identitárias e estabelecer analogias com outras etnias de matriz linguística Bantu e de distintas áreas geográficas de Moçambique.¹⁸⁷

Assim, podemos argumentar que esses comportamentos eram considerados inadequados pelos civilizadores, pois muitas dessas práticas chegavam a “deformar” o rosto das mulheres, deixando-as estranhas ou como os viajantes asdescreviam como seres “horríveis”. No entanto, sendo uma visão ocidental, pois para os Macondes ou para outros grupos étnicos que seguissem rituais ou práticas diferentes, tais atitudes tinham “seus símbolos sociais e culturais, procuramos destacar as marcas mais significativas e distintivas do grupo, quanto à sua organização social e cultural.”¹⁸⁸ Para eles, essas práticas firmavam sua força e identidade perante sua comunidade.

Deve-se salientar, que como exemplo disso, podemos falar sobre os indivíduos Macondeses, principalmente as mulheres que exibiam “padrões culturais de comportamento que lhe são peculiares, adquiridos e transmitidos através de actividades simbólicas, de ordem material e espiritual, conferindo-lhe uma identidade própria.”¹⁸⁹ As características notáveis eram as tatuagens corporais e a mutilação dentária, na qual os europeus se firmaram espantados com tais práticas.

Contudo, é relevante deixarmos claro que esses grupos como todos os outros, portavam dentro dessas práticas significados e sentidos para as mesmas, seja nele as danças, perfurações nos dentes, tatuagens corporais, a utilização de adornos, sendo estes procedimentos que firmava a identidade de um grupo e seu crescimento cultural, por isso é importante a sequência de pesquisas sobre esses grupos africanos

as características antropológicas, sociais e culturais mais marcantes do grupo Makonde. Pretendeu-se, assim, conhecer e aprofundar as razões

¹⁸⁷ ROSEIRO, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013.p.9

¹⁸⁸ Idem, p.26

¹⁸⁹ Idem, p.27

da existência e natureza de certos rituais, como a iniciação masculina, a feminina, o mapiko, a escarificação e as tatuagens, a mutilação dentária e outras características identitárias.¹⁹⁰

Essas transformações culturais eram sinônimos de força e resistência, era ter orgulho do seu povo, de suas características, de se diferenciar dos demais. Por isso, que encontramos grupos étnicos parecidos, mas não iguais, pois cada um detinha de especificidades. As mulheres de Maconde, por exemplo, são conhecidas pelo pouco cabelo na cabeça que ainda são feitos pequenos coques, as escarificações no corpo, além da utilização de alguns adornos como a ndona, além da mutilação dentária com o passar dos tempos, podendo ser além da distinção até o caso de possuir mais sabedoria do que outro, ou seja, mais poder e conhecimento.

As escarificações e as tatuagens, sinais exteriores, com tendência a desaparecer no presente, traduzindo com veemência, a forte personalidade e espírito de clã deste povo, conferiram-lhe sem sombra de dúvida um lugar imperecível na etnologia dos povos africanos. A mutilação dentária, comum a muitos outros povos, com semelhanças e estranhas de difícil explicação, é de facto a expressão mais convincente e ameaçadora deste povo, feroz e aguerrido para quem os contenciosos da vida se resolviam com lutas, quase sempre sangrentas.¹⁹¹

Várias práticas realizadas por alguns grupos étnicos foram apresentadas pelos exploradores como prejudiciais, como no caso das escarificações corporais ou a excisão dentária, assim os ocidentais manifestavam seus desconfortos e afirmavam que o rompimento desses costumes levariam a estagnação da falha ou invaidez dos dentes. Tanto a mutilação como o uso da ndona resultava no desgaste dentário, sendo assim o termo “mutilação dentária porque, de facto, ele predomina na literatura existente. Porém, do nosso ponto de vista, tal intervenção poderia ser designada por procedimentos de solução de continuidade dos dentes para efeitos de identidade étnica”.¹⁹² Ou seja, a perpetuação dos costumes e simbologias do grupo aqui referido.

Nos grupos dos Macondes encontramos uma sensibilidade diante da identidade da comunidade, um grupo na qual tudo tem uma tradição e sentido, e que mesmo com as transformações efetuadas, seus ascendentes procuram perpassar suas culturas e contar

¹⁹⁰ Idem, p.29

¹⁹¹ Idem, p.29-30

¹⁹² Idem, p.30-31

sobre seus costumes, tendo sido alterados ou não. Pois a mutilação dentária, por exemplo, hoje não é mais utilizado, mas é explicado e mostrado aos jovens, para que tenham orgulho do seu povo, como também para que entendam todo o sentido dessas práticas corporais.

Assim, os rituais e a arte de uma sociedade, não podem ser vistos como um conjunto de acções desarticuladas e com objectivos isolados, mas sim, como elementos fundamentais da vida em comunidade, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento social dos elementos que a integram.¹⁹³

O autor António Roseiro fala sobre a visão de Lévy que traz a perspectiva de que as comunidades, sejam elas africanas ou não, dão sentido as suas características e a forma de como ver o mundo, atuando de acordo com essas visões existentes. Dessa maneira, o autor traz a questão de procurarmos compreender e respeitar tais especificidades, no entanto, como vemos debatendo até o momento, essa não era uma ação atuante dos europeus, sobretudo os colonizadores, pois estes procuravam romper essas culturas divergentes das suas e introduzir o que se considerava correto ou melhor, sendo essa de acordo com seus objetivos, não por bondade do ser. Para LÉVY-BRUHL

a relação entre os padrões culturais e as modalidades do saber, ajudaram a iluminar a génese e variação dos códigos semióticos que dão forma ao modo como, comunidades humanas, dão sentido ao mundo e se comportam em relação ao mesmo. Assim, é necessário entender a diversidade dos comportamentos das sociedades e das culturas da humanidade, como um conjunto de relatividades que são memorizadas e socializadas.¹⁹⁴

Um modelo europeu de família e de mundo civilizado foi sendo manifestado durante todo o contato entre povos diferentes e mesmo com as resistências diante do que era exposto e ensinado nas missões, por exemplo, alguns indivíduos se adequavam ou se interessavam pelo que era passado, ou eram forçados a introduzirem algumas transformações no decorrer do seu cotidiano, como as crianças a estudar. Sabemos que as transformações dessas comunidades através do conhecimento europeu era transpassado com discursos bonitos e creditados.

A pressão e o estabelecimento de limites não era feito apenas com a força física, a proibição de tais atividades em decorrência de outras também foi uma maneira de

¹⁹³ROSEIRO apud O'NEILL, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013.p.33.

¹⁹⁴Idem, p.33.

fazer com que essas pessoas desviassem de alguns costumes de seus ancestrais. Neste caso, “as crianças só seriam, por ele, batizadas, caso os pais se comprometessem a não permitir que fossem sujeitos ao ritual da mutilação dentária.”¹⁹⁵ Ou seja, se não fosse dispensado tal ato a criança não seria batizada, assim notamos que isso era uma maneira de desviar o jovem dos costumes de seus familiares e aproximá-lo as culturas ocidentais. As missões civilizatórias implementavam a importância do contato com a religião cristã e aos poucos o que eram discursado como o correto, deixando dessas comunidades apenas o que era de seu interesse ou que não fosse considerado perigoso para suas atividades de “desenvolvimento”.

Tal recusa poderá ter decorrido das pressões que as missões religiosas começaram a exercer sobre os Makonde para pôr fim a tais práticas. Assim, certas formas de expressão africanas, eram criteriosamente seleccionadas pelos missionários, limitando-se às consideradas “decentes” ou “aproveitáveis”, já que o objectivo era imprimir-lhes um cunho cristão. As missões foram também utilizadas pelo Estado Novo, como instrumento de propaganda do regime, para além de forma de controlo social.¹⁹⁶

O objetivo de expandir e tornar Portugal uma região economicamente forte, como também exemplo de visão política e cultural, fez com que o ideal de modelo fosse passado e, sobretudo, seguido. Sendo assim, foi empregado o uso de um discurso que afirmava os portugueses como seres de identidade superior e que as que fossem subalternas deveriam se adequar a ela. As missões foram precursoras nessa introdução de uma cultura ocidental e da transformação de costumes considerados retrógrados e incivilizados. O interesse europeu um tanto era restrito apenas em propagar e conseguir expandir sua economia e crescer territorialmente para que tivesse mais povos para lutar consigo quando necessário, era “um conhecimento moldado pelo contexto colonial de sua aquisição”.¹⁹⁷ Segundo Zélia Pereira

o Estado Novo, com o objectivo de nacionalizar e consumir a ocupação efectiva (territorial e cultural) dos territórios sob domínio português, consignou à Igreja, e particularmente às missões, um papel fundamental na concretização do seu modelo. O acordo missionário com a Santa Sé, assinado em 1940, submeteu as missões a um apertado controlo político e financeiro e, no ano seguinte, o Estatuto missionário interpretou detalhadamente o acordo, referindo-se às

¹⁹⁵ Idem, p.36.

¹⁹⁶ Idem, p.36

¹⁹⁷ FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 22

missões como “ instituições de utilidade imperial e sentido civilizador
“¹⁹⁸

Como a autora acima mesma afirma a visão de civilização era vista apenas pelos europeus, muitos povos africanos não viam sentido em romper com o que dava sentido e explicação ao seu povo e de mundo, para começar a seguir algo introduzido de acordo com discursos do outro. O valor ancestral sempre foi primordial e importante nas relações desses grupos étnicos, dessa maneira, acabar com rituais foram uma das atividades mais difíceis dos europeus. Como no sistema poligâmico, mesmo que fosse uma “afronta” ao mundo europeu, dentro dessas comunidades africanas estes tinham não só sentido, como eram fundamentais para a sobrevivência desse povo e para o crescimento do mesmo.

¹⁹⁸ ROSEIRO apud O'NEILL, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013.p.36

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em todas as análises feitas até o momento, presume-se que esses elementos fundamentados acima são de suma relevância, que tem como principal objetivo servir de direção para futuras pesquisas e, sobretudo, nortear sobre o discurso utilizado para justificar tais ações realizadas em uma África considerada pelo olhar/imagem europeia como inferior. Durante todo o trabalho foi possível notar que esses discursos levaram a várias consequências, sobretudo, a, primeiro, uma suposta invisibilidade do seria de fato a África e seu povo e, segundo, uma ausência de uma escrita ou representação da história da África que apenas visualizava e não potencializava o verdadeiro papel da mulher e do feminino na historia daquele Continente.

Buscamos nesta pesquisa evidenciar os debates produzidos em torno dessas imagens e, ao mesmo tempo, mostrar as percepções geradas a partir dessas imagens/inscrições que serviam mais para retratar os preconceitos do ocidente/homem europeu do que revelar a mulher africana. Assim, no decorrer da pesquisa notou-se a apartir dessas imagens a tentativa de expor o cotidiano da mulhere africana, sua organização social e os tipos de vínculos construídos socialmente com os homens das suas comunidades.

A normatização do corpo da mulher africana, sua erotização e a divisão de trabalho de gênero através do olhar europeu, determinou a propagação de práticas que modificaram o cotidiano de muitas comunidades africanas e que consolidaria nos escritos presentes nos boletins ideias equivocadas sobre os povos africanos. Essa tentativa de compreensão das sociedades africanas estava em sintonia com os ideias expansionistas e mantenedor das coloniais portuguesas na África. Seria do interesse do governo de Salazar estreitar os contatos com as comunidades africanas. O domínio sobre as terras africanas seria o meio pelo qual Portugal, um país com uma economia pouco expressiva, diversificasse suas demandas e necessidades no merco internacional.

A criação dos Boletins e o discurso de uma eventual inferioridade do africano reforçariam a importância da exploração econômica e missionária naquele continente, ao tempo que o jogo de palavras que materializava o africano como um sujeito

“bárbaro”, “selvagem” justificaria sua utilização como mão de obra nesses empreendimentos neocoloniais.

Notamos a todo o momento como a relação entre o dominador e dominado torna o racismo uma prática recorrente nos boletins. Nesses periódicos lusitanos, a cor surge como elemento protagonista de uma divisão social, mesmo que o africano tivesse recursos ou não fosse explorado por um português, ele continuava a fazer parte de uma posição menos elevada, acarretando assim a construção de uma intolerância tanto racial como religiosa.

Procuramos nesta pesquisa mostrar as representações das mulheres africanas, com a lente e a percepção construída pelo europeu/branco/colonizador, como uma maneira possível de entender a relevância da mulher africana na formatação daquelas sociedades. Muito do que se contruiu a respeito da mulher africana, negra e, posteriormente, erotizada no neocolonismo servirá como demarcador da mulher negra e mestiça do outro lado do atlântico. Aquela que em terras brasílicas – apenas para focar no exemplo do Brasil - receberá por parte desses mesmos europeus um corpo, um lugar social e uma representação imagética bem próxima dos parâmetros raciais e de gênero construídos sobre a mulher africana. Entender a história da mulher africana e sua luta por visibilidade/participação na escrita da sua história é, também, compreender as mulheres do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) BOLETINS DO ULTRAMAR

- ALMEIDA, de Antonio. Boletim Geral das Colónias. Lisboa. N° 169, 1939.
- ANDRÉ, Maria. Boletim Geral das Colónias, n° 158-159, 1938.
- ANDRÉ, Maria. Boletim Geral das Colónias, n°170-171, 1939.
- CHAPOULIE, Henri. Boletim Geral das Colónias, n°180, 1940.
- CORREIA, Mendes. Boletim Geral das Colónias. n°174, 1939.
- DIAS, António J. Boletim Geral das Colónias. N° 239, 1945.
- DIAS, Gastão de Sousa. Boletim Geral das Colónias. Lisboa. N° 182-183, 1940.
- GIL, Irene Godinho P. Mendes, Boletim Geral das Colónias, n° 149, 1937.
- MAGALHAES, Pinto de. Boletim Geral das Colónias, n°244,1945.
- MAZI, J. Boletim Geral das Colónias, n°170-171, 1939.
- RUFINO, José dos Santos. Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. 10, [Raças, Usos e Costumes Indígenas. Fauna Moçambicana], 10, 1929.
- SANTOS, Maria Olema M. da Fonseca. Boletim Geral das Colónias. n°456-457, 1963.
- ZANATTI, Mário. Boletim Geral das Colónias, n° 308, 1951.

B) LIVROS, TESES E ARTIGOS

- BOETSCH, Gilles & Savarese, Eric. “*Le corps de L’ Africaine: érotisation ET inversion*”. Cahiers d’Etudes Africaines. 153, XXXIX, 1999, 123-144.
- BOSERUP, Ester. “*The economics of polygamy*”. IN: GRIKER, Roy Richard & STEINER, Cristopher (Eds). Perspectives on África. A reader in culture, history and representations. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 506-517.
- CANABARRO, Ivo. *Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações*. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, 2005, p. 23-39.

- CANEZIN, Claudete Carvalho. *A mulher e o casamento: da submissão à emancipação*. 2004.
- CAPELA, José. *Donas, senhoras e escravos*. Porto, Afrontamento, 1995, pp. 67-101.
- COELHO, César e Castro; PUGA, Vera Lucia. *Direitos dos homens e deveres das mulheres*. v. 22, 2009.
- COMAROFF, Jean e John L. "Home-made hegemony: modernity, domesticity and colonialism in South Africa". In: HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1992, pp. 37-74.
- CONCEIÇÃO, Thaís Teixeira Dias da. *A resistência portuguesa em são paulo: O Jornal Portugal Democrático e a coluna "o obscurantismo salazarista" (1964 - 1970)*. 2015, p. 1-9.
- CRAMER, Willy de; VANSINA, Jan; FOX, Renée C. *Religiosmoviments in Central África: a theoretical study*. In: *Comparative Studies in Society and History*, v. 18, n. 4. P. 458-475, Oct, 1976.
- FALOLA, Toyin. *Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África*. Salvador. *Afro-Ásia*, núm. 36, 2007, p. 9-38.
- FARIAS, P. F. De Moraes. *Afrocentrismo: Entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural*. 2003, p. 317-343
- GASKELL, Ivan. *História e imagens*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1997..
- GESCHIERE, Peter. *Feitiçaria e modernidade nos Camarões: Alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade*. 2006.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência/ Paul Gilroy ; tradução de Cid Knipel Moreira*. – São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- HOUNTONDJI, Paulin J. *Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos*, 2008. p. 149-160.
- IMAM, Ayesha Mei-The. "The Presentation of African Women in historical writing," in: KLEINBERG, S. Jay(coord.). *Retrieving Women's History: Changing Perspectives of the Role of Women in Politics and Society*. Berg/UNESCO, 1988, pp. 30-40

- LOPES, Carlos. *A Pirâmide Invertida- Historiografia Africana feita pelos Africanos*. 1995.
- MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: Fotografia e história interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Vozes femininas na luta antissalazarista: envolvimento de portuguesas e brasileiras (São Paulo, 1950-1970)*. 2017
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, História visual*. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n.º 45, p. 11-36 – 2003
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres/ Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. – 2. Ed, 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.*
- REZENDE, Claudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne. *Raça como retórica: a construção da diferença./ organizadoras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- ROSEIRO, António Henrique Rodrigues. *Símbolos e práticas culturais dos makonde*. Coimbra. Universidade de Coimbra, 2013.
- SCHWARTZ, Stuart. B. *A historiografia dos primeiros tempos do Brasil moderno: Tendências e desafios das duas últimas décadas*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 50, p. 175-216, jan./jun. 2009.
- SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses/ Alberto Costa e Silva. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.*
- SILVA, Jailson Pereira da. *Imagens, representações e identidades: pela historicidade das fontes, conceitos e problemas*. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI. 2011
- SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945/ Leo Spitzer; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 290p.*
- SWEET, James H. *Recriar África: cultura parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007.

TEIXEIRA, Rannyelle Rocha. *A representação dos povos autóctones africanos no Boletim Geral das Colónias (1933-1945)*. Faculdade de Letras da Universidade de Porto. 2016.

THORNTON, John K. *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Profissões, trabalhos: coisas de mulheres*, 2010, p. 503-506.

ZAMPARONI, Vlademir. “Gênero e trabalho doméstico numa sociedade colonial: Lourenço Marques. Moçambique, c. 1900-1940”. *Afro-Ásia*. 23 (1999), PP. 147-174.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Rayra Atsley Carvalho Lima,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
O olhar português sobre a mulher africana: a representação
da mulher africana nos boletins da Agência Geral do Ultramar
Português
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 20 de agosto de 2018.

Rayra Atsley Carvalho Lima
Assinatura

Assinatura